UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

EM CIÊNCIAS SOCIAIS

O USO DA AYAHUASCA E A EXPERIÊNCIA DE TRANSFORMAÇÃO, ALÍVIO E CURA, NA UNIÃO DO VEGETAL (UDV).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

GABRIELA SANTOS RICCIARDI

Orientador: Edward MacRae

SALVADOR, fevereiro de 2008

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus pela existência.

Aos meus pais Zeine Santos Ricciardi e Wagner Ricciardi, que com muito esforço viabilizaram e estimularam meus estudos e a Iara Costa Santos, minha tia e segunda mãe, pelo mesmo motivo.

Ao meu companheiro Nelson Barreira pelo estímulo e paciência.

Ao meu querido orientador Edward MacRae.

Ao CNPQ.

Ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia.

Aos componentes da banca por terem aceitado o convite.

A UDV:

Ao José Gabriel da Costa, pois pela obra se conhece o benfeitor.

Ao Mestre Central da Quarta Região, Mestre Jair Gabriel, pelo primeiro copo de Vegetal e pela entrevista concedida.

Ao Mestre Representante do Núcleo Estrela da Manhã, Joel Miguez, pela atenção, disponibilidade e confiança.

À direção do Núcleo Estrela da Manhã.

Aos irmãos do Núcleo Estrela da Manhã, especialmente os que me concederam entrevistas.

Ao Departamento de Memória do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.

A Meire Marques, Mauritano José Júnior, Cintia Reis, Bruno Araújo, Flávio Araújo da Silva e Chico Liberato pelas colaborações.

A Comissão Científica da UDV pelo apoio.

RESUMO

A cura religiosa é um tema que tem sido bastante abordado pelas Ciências Sociais, principalmente em virtude de relatos de adeptos de diversas religiões e seitas envolvendo a cura. A cura não médica, “espiritual” ou “religiosa”, precisa ser estudada pela ciência a fim de que se possa ter um panorama mais completo sobre as questões envolvendo doença, saúde, aflição e alívio, e como os indivíduos interagem com os seus problemas buscando diversos tipos de tratamento.

Este trabalho visa compreender como se dá a experiência de transformação, alívio e cura na União do Vegetal (UDV) numa perspectiva sócio-antropológica. A União do Vegetal é uma das religiões que utiliza um chá enteógeno (cientificamente denominado Ayahuasca) nos rituais religiosos. Fundada na região amazônica em 22 de julho de 1961, por um seringueiro baiano de nome José Gabriel da Costa, o “Mestre Gabriel”, possui uma base doutrinária cristã reencarnacionista e hoje está presente nos centros urbanos do Brasil e exterior.

Os adeptos se referem à UDV como sendo uma religião que possibilita transformações positivas nas suas vidas, alívio e cura para os problemas enfrentados. Os problemas vão desde “doenças físicas” ou “da matéria”, a depressão, angústia, dependência de drogas dentre outros. Tendo em vista a importância da narrativa na experiência da aflição e enfermidade, busca-se compreender, através do discurso dos adeptos, como eles concebem tais processos, a que ou a quem atribuem essas transformações, alívio e cura. A finalidade é contribuir com conhecimento científico, expandindo os paradigmas a respeito do fenômeno da “cura religiosa” ou “cura espiritual”.

ABSTRACT

The religious cure is a subject that has been very discussed by the Social Sciences, mainly in virtue of stories of adepts of diverse religions and sects involving the cure. The non medical cure, “spiritual” or “religious”, must be studied by the Science in order to have a more complete view about the questions involving disease, health, affliction and relief, and how the individuals interact with their problems looking for different kinds of treatments.

This study aims to comprehend how the transformation, relief and cure experience is in the União do Vegetal (UDV), through a social-anthropological view. The União do Vegetal is one of the religions that use an entheogenos tea (Scientifically named Ayahuasca) in its religious rituals. Established in the Amazon region on July 22nd in 1961, by the bahian rubber tapper José Gabriel da Costa, the "Master Gabriel", it possesses a Christian- reincarnationist doctrinaire base and today it is present in the urban centers of Brazil and also in other countries.

The adepts refer to UDV as it being a religion that allows positive transformations in their lives and brings relief and cure to the problems faced by them. The problems go from “physical illnesses”, or “illnesses of the body”, to depression, anguish, drug addiction and others. Having in mind the importance of the narrative in the experience of the affliction and infirmities, it looks forward to comprehend, through the adept’s speeches, how they conceive such processes and to whom they relate these transformations, relief and cure. The aim is to contribute with scientific knowledge, expanding the paradigms about the phenomenon of “religious cure” or “spiritual cure”.

SUMÀRIO

Agradecimentos. 002

Resumo. 003

Abstract. 004

Introdução. 007

Capítulo 1. Metodologia e campo. 011

1.1. O campo. 011

1.2. As etapas da pesquisa de campo. 013

1.3. A objetividade científica. 018

Capítulo 2. A União do Vegetal. 024

2.1. José Gabriel da Costa: Uma breve trajetória de vida. 024

2.2. O Sultão das Matas. 027

2.3. O Mestre Gabriel. 030

2.4. A estrutura. 035

2.5. A doutrina. 044

Capítulo 3. O ritual. 049

3.1. O local. 055

3.2. As sessões. 057

3.3. O preparo do Vegetal. 060

3.4. A Ayahuasca: O Vegetal. 062

3.4.1. Estudos Farmacológicos. 067

3.4.2. A trajetória de legalização. 070

3.4.3. A burracheira. 073

Capítulo 4. A União do Vegetal: Alívio e Cura. 082

4.1. Os Nove Vegetais. 083

4.2. As sessões de Cosme e Damião. 087

4.3. A Chamada de Doutor Camalango. 090

4.4. A doutrina sobre a cura. 091

Capítulo 5. Alívio, transformação e cura na visão dos adeptos da UDV. .094

5.1. A UDV e a cura de doenças físicas. 098

5.2. A UDV e o alívio das aflições. 106

5.3. A UDV, alcoolismo e dependência de “drogas”. 108

Capítulo 6. A UDV e a experiência de transformação. 120

6.1. O querer. 125

6.2. O uso do chá Ayahuasca ou “Vegetal”. 126

6.3. A doutrina. 129

6.4. O mestre Gabriel. 131

6.5. As pessoas. 131

Considerações finais. 137

Referências bibliográficas. 142

Introdução

Dentre diversas religiões e grupos que fazem o uso da Ayahuasca no Brasil, as mais conhecidas e divulgadas pela mídia são: A União do Vegetal (UDV), O Santo Daime (CEFLURIS e Alto Santo), e a Barquinha. Essas três religiões se baseiam no uso do chá enteógeno que é a união de duas plantas: *Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridis*, conhecidos respectivamente como Marirí e Chacrona. Além dessas três religiões, numerosos grupos indígenas da região amazônica, pajés e xamãs também fazem uso desses vegetais para fins medicinais e espirituais, assim como praticantes de diversas formas de neo-xamanismo urbano.

Essas três religiões a UDV, o Santo Daime e a Barquinha, embora tenham significativas diferenças no tocante à doutrina, possuem algumas características em comum: As três fazem uso da Ayahuasca; foram desenvolvidas na Região Amazônica e fundadas por líderes carismáticos que realizavam trabalhos de cura em uma região onde a medicina científica era praticamente inexistente. Seus líderes eram, respectivamente, José Gabriel da Costa, o Mestre Gabriel, que fundou o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV[1]) em 1961; Raimundo Irineu Serra, o Mestre Irineu, que iniciou os trabalhos públicos com a Ayahuasca na década de 1930 e Daniel Pereira de Matos, o Mestre Daniel que fundou o Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, a Barquinha, no ano de 1945.

Embora tenham se iniciado na Região Amazônica, a União do Vegetal e o Santo Daime estão presentes nos centros urbanos em praticamente todo o Brasil, e outros países, enquanto que a Barquinha é mais restrita ao estado do Acre. A partir da década de setenta, artistas, cientistas, jovens de classe média provenientes dos centros urbanos em busca de novas experiências, entraram em contato com essas religiões e as difundiram pelo país, participando do que Soares (1990) denomina uma "nova consciência religiosa". Uma forma diferente de vivenciar e compreender a religião. É uma prática que segundo Mac Rae (1992) abrange indivíduos das camadas médias urbanas, atraídos pela fé religiosa e pelos mistérios do êxtase místico. Os movimentos da nova consciência religiosa são:

[1] O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV) e a União do Vegetal (UDV) é a mesma instituição. UDV é uma forma resumida de se reportar ao CEBUDV.

> (...) re-significadores do homem e, por extensão, do mundo. E é nesse contexto que se inscreve também o fenômeno do chá, com uma proposta religiosa que tem por base a volta do homem à natureza e a correspondente busca de sentido para a existência concreta, a partir de uma consciência de si, em harmonia com o cosmo. (Andrade, 2002:592).

A busca pelo sagrado, por essa "consciência de si" e "harmonia com o cosmo" fez com que essas religiões, apesar das origens caboclas, crescessem em direção aos centros urbanos não só no Brasil, mas também em outros países principalmente a partir da década de 1970. Atualmente a União do Vegetal é a maior religião que faz uso da Ayahuasca em número de adeptos. No Brasil há mais de cem unidades administrativas, sendo que dez destas estão na Bahia, cinco na Região Metropolitana de Salvador. Mas a religião tem se expandido por outros países também. Nos EUA existe um núcleo em Santa Fé, Novo México e duas "distribuições autorizadas", uma no Colorado e a outra em Washington. Na Espanha existe um pré-núcleo em Madrid. Na Itália e na Alemanha existe "distribuição autorizada" supervisionada pela sede geral em Brasília.

O chá consumido nos rituais (conhecido cientificamente como Ayahuasca) é denominado Hoasca ou Vegetal pelos adeptos da UDV, mas a nomenclatura difere de acordo com a religião ou grupo que o utiliza. Este chá é considerado sagrado pelos seguidores da religião, pois possibilita o encontro com o divino. É também considerado capaz de curar e de transmitir conhecimento. Permite o acesso a uma dimensão espiritual onde se pode vislumbrar um estado de consciência diferente do cotidiano.

Um número considerável de adeptos afirma ter sido curado fisicamente e espiritualmente após ter contato com o chá não só na União do Vegetal, mas em outras religiões e grupos que fazem uso da Ayahuasca (Ver Rose, 2005; Pelaez, 2000; Guimarães *in: http://www.neip.info* e Mac Rae, 1992). Afirmam que esse contato proporcionou uma experiência positiva de transformação nas suas vidas, dando-lhes mais segurança e sentimento de integração, minimizando ou anulando a existência de problemas físicos, psíquicos e espirituais. Ainda assim, Labate (2002) destaca que existe uma carência de estudos sobre a questão da cura nas religiões ayahuasqueiras, evidenciando a deficiência de uma classificação mais detalhada dos trabalhos espirituais que são destinados especificamente para a cura.

Existem algumas pesquisas descrevendo os rituais de cura na Barquinha (ver Guimarães *in: http://www.neip.info*) e no Santo Daime (Ver Rose, 2005; Pelaez, 2000), que expõe a visão dos daimistas sobre o assunto. Apesar de existirem pesquisas científicas em diversas áreas do conhecimento (inclusive na área da antropologia) sobre a União do Vegetal, não encontrei nenhuma que abordasse especificamente o tema da cura (transformação e alívio) na UDV. Essa pesquisa teve, como um dos objetivos, preencher essa lacuna.

O presente trabalho situa-se na área das Ciências Sociais. É um trabalho sócio-antropológico, realizado através de uma pesquisa de campo, que pretende estudar como acontece a experiência de transformação, alívio e cura na visão dos adeptos do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV). Busca compreender o significado das experiências e como as mesmas altera o modo como o indivíduo vê a si e a sociedade. Como eles compreendem suas aflições e o que proporciona a saída de um pólo considerado negativo, que é a doença e a aflição, para um pólo positivo, que é o alívio e a cura. Busca-se também estabelecer parâmetros de como a religião em concomitância com um enteógeno podem alterar positivamente a vida de algumas pessoas influenciando no modo como elas interagem com a sociedade e com elas mesmas.

Na UDV não existem sessões específicas para cura, como acontece em outras religiões e grupos que fazem o uso da Ayahuasca. A instituição busca manter sua imagem distante da práxis curandeirista. Mas é nítido o quanto esse tema é recorrente. O seu fundador (o Mestre Gabriel) adquiriu fama e respeito na comunidade onde vivia em virtude das curas que realizava. A cura permeia toda a religião uma vez que a mesma possui um conjunto doutrinário no que se refere a esse tema, além de relatos de diversos adeptos que afirmam terem sido curados freqüentando as sessões da União do Vegetal.

As pesquisas científicas relacionadas com a Ayahuasca e seus efeitos curativos são relevantes, especialmente tendo em vista o crescimento dessas religiões nos últimos anos e os relatos de experiências de cura vinculadas ao o uso do chá.

O trabalho está dividido em seis capítulos:

O primeiro é sobre a metodologia e as principais técnicas utilizada para a realização da pesquisa. Neste capítulo estão contidas algumas informações sobre o campo em questão, o Núcleo da União do Vegetal Estrela da Manhã; sobre as quatro etapas

pertinentes à efetivação da pesquisa, além de conter um breve esclarecimento sobre as dificuldades e facilidades enfrentadas devido ao meu pertencimento, como sócia, à instituição.

O segundo capítulo retrata a União do Vegetal: fatos marcantes na história vida do fundador, o Mestre Gabriel; sua trajetória como seringueiro, o contato que teve com outras religiões antes da UDV, a sua relação com a cura, assim como a estrutura e doutrina da religião fundada por ele e expandida pelos denominados "Mestres da Recordação".

O terceiro capítulo é uma descrição pormenorizada do ritual ou sessão. Como é o local onde as sessões se desenvolvem? Como e com que freqüência acontecem? Como é preparado o chá (conhecido como Hoasca ou Vegetal) consumido nos rituais? O que dizem os estudos farmacológicos já realizados sobre a Ayahuasca? Como se deu a sua trajetória de legalização? O que é o efeito de expansão da consciência, provocado pela sua ingestão, que é denominada pelos adeptos de "burracheira"? Essas informações serão tratadas detalhadamente nesse capítulo.

O quarto capítulo descreve os principais elementos presentes no corpo doutrinário relacionados com a cura: os nove vegetais, as sessões de Cosme e Damião, a chamada do Doutor Camalango e o que apregoa a doutrina da União do Vegetal sobre o tema.

O quinto capítulo expõe o relato dos adeptos sobre os problemas que os afligiam (doenças físicas, aflições e dependência de drogas), e como eles se sentiam perante os mesmos.

Finalmente no sexto capítulo é explicitado a que ou a quem os udvistas atribuem sua transformação, alívio e cura. Foram encontrados cinco elementos: O querer, o uso do chá Ayahuasca ou "Vegetal", a doutrina, o Mestre Gabriel e as pessoas.

Capítulo 1. Metodologia e campo.

1.1. O Campo

O campo em questão é uma das unidades administrativas do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Inaugurado em primeiro de maio de 2003, com cerca de sessenta sócios, atualmente congrega aproximadamente de cento e oitenta sócios, incluindo mestres e conselheiros. Essa unidade administrativa está localizada em Abrantes (Região Metropolitana de Salvador), município de Camaçarí na Bahia. É a mais nova unidade da Região Metropolitana de Salvador, local onde existem mais quatro unidades: O Núcleo Apuí, o primeiro Núcleo da UDV na Bahia e no Nordeste, o Núcleo Serenita, o Núcleo Salvador e o Pré-Núcleo Vento Divino.

As características de cada unidade administrativa da União do Vegetal diferem a depender da região em que se encontrem. No núcleo Estrela da Manhã predominam freqüentadores de classe média e nível de escolaridade entre médio e superior, embora haja exceções. Nas minhas viagens pelo interior da Bahia e por outras regiões do Brasil, conheci núcleos mais elaborados materialmente e outros com estrutura material extremamente simples. Apesar das distinções em relação às condições materiais dos sócios e das diferentes unidades administrativas, a União do Vegetal busca preservar suas origens caboclas e manter uma uniformidade nos ensinamentos. Em qualquer núcleo da UDV a base doutrinária é sempre a mesma, o que varia é a maneira como essa doutrina é transmitida.

Como a maioria dos núcleos da UDV, o “Estrela da Manhã” foi construído em um sítio com bastante área verde. É um local silencioso com pouco movimento. A estrutura material ainda está em processo de construção e expansão. Possui dois banheiros (um masculino e um feminino), a casa de preparo, cozinha e casa do caseiro. Atualmente está sendo construído o templo e os participantes tem se empenhado em adquirir recursos para auxiliar nas obras. Esses recursos advêm principalmente de doações dos próprios sócios, realização de rifas, brechós, etc. Há um planejamento para outras construções, a exemplo de um berçário e um quarto para alojar as crianças um pouco maiores.

Núcleo Estrela da Manhã. Direito de imagem cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Marcio Lima.

Núcleo Estrela da Manhã. Direito de imagem cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Gabriela Ricciardi.

O convívio social entre os sócios é intenso e não se limita às sessões e mutirões. Festas, aniversários, reuniões, casamentos e batizados fazem parte da rotina da maioria dos sócios da UDV.

A pesquisa foi realizada através de uma abordagem etnográfica que envolve o estudo de pequenos grupos sociais para compreender como seus membros vêem o mundo e organizam seu cotidiano. Um dos objetivos é descobrir a perspectiva do agente social. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, realizada entre março de 2005 e dezembro de 2007, na referida unidade administrativa, Núcleo Estrela da Manhã. A pesquisa de campo consistiu em:

> "(...) cinco tarefas fundamentais: observar, indagar, escutar, fazer (às vezes) e anotar. É bom dizer que quanto mais os dados forem observados na observação direta, mais exatos serão." (Lagness: 1973:15).

1.2. As etapas da pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi dividida em quatro etapas:

- Primeira etapa: Observação participante: A observação participante pressupõe a utilização de uma multiplicidade de técnicas que, além do acompanhamento da vida cotidiana dos indivíduos, pode incluir a realização de diálogos/entrevistas e construção de um "diário de campo". Para MacRae (2002), esta técnica metodológica visa o estabelecimento de relações pessoais com o sujeito, através da participação direta na sua vida cotidiana e no seu meio ambiente cultural, dando atenção aos comportamentos e relações, contextualizando as verbalizações. Para realizar esta técnica é necessário:

> "Conviver com um grupo e observá-lo aprendendo a ver o mundo através de seus olhos, mantendo, simultaneamente, a perspectiva objetiva do cientista social". (Helman: 1994: 25, 26).

Por meio da observação participante pude interagir com o grupo, aprendendo a "ver o mundo com os seus olhos" sem, contudo, perder de vista meus objetivos enquanto cientista social. Essa observação se deu através da minha participação nos rituais - "sessões", assim como de outras atividades do núcleo, como mutirões, festas (para arrecadar dinheiro para as construções), aniversários e outras atividades.

A seleção dos entrevistados foi através da observação participante e também da indicação de alguns sócios. Busquei selecionar para as entrevistas aqueles que constantemente relatavam nas sessões ou em outros ambientes a sua transformação, alívio ou cura após terem freqüentado a UDV. Outros selecionados são verdadeiras "lendas vivas", casos conhecidos, inclusive fora do âmbito da UDV. Algumas pessoas quando sabiam que eu estava fazendo uma pesquisa com esse tema elas me falavam: - "Você já conhece a história de "X""? Converse com ele. Eu seguia as indicações e conseguia descobrir histórias e relatos realmente interessantes.

Os entrevistados são identificados por letras a fim de não expor suas identidades. Inicialmente foram selecionadas doze pessoas. Uma delas foi afastada da comunhão do vegetal e logo após a família o internou numa clínica de recuperação para dependentes de drogas, em outro estado, o que dificultou a realização da entrevista. Recentemente soube que ele tinha fugido da clínica, mas até a presente data a família ainda não sabia, ao certo, seu paradeiro. Foi frustrante não tê-lo encontrado. Seria um caso interessante de alguém que não obteve, na UDV, alívio ou cura para o problema enfrentado: a dependência de drogas. Gostaria de saber o que não deu certo, por que ele não conseguiu se manter na instituição, mas infelizmente não foi possível estabelecer contato e realizar a entrevista com ele. Nem sempre as coisas saem exatamente da forma como pensamos e planejamos. Na pesquisa de campo temos que aprender a lidar com esses imprevistos e frustrações. Por fim, onze pessoas foram entrevistadas.

- Segunda etapa: Realização de surveys. Os surveys serão realizados com o intuito de coletar dados sócio-biográficos. Nestes surveys serão apresentadas informações como, por exemplo, nome completo, idade, gênero, estado civil, nacionalidade, profissão, grau de escolaridade, endereço, tempo de permanência na instituição, grau hierárquico (no caso da UDV), etc., a fim de melhor contextualizar as informações e verbalizações dos entrevistados. Eis algumas informações:

Entrevistado “A”

- 27 anos, sexo masculino, solteiro, segundo grau completo, auxiliar de vendas, morador do bairro da Barra, pertence ao quadro de sócios (sem ter ocupado outro grau hierárquico anteriormente). Freqüenta a UDV há dois anos.

Entrevistada “B”

- 32 anos, sexo feminino, solteira, nível superior completo, tradutora e professora de inglês, moradora do bairro da Barra, pertencente ao quadro de sócios (sem ter ocupado outro grau hierárquico anteriormente), freqüenta a UDV há três anos.

Entrevistado “C”

- 39 anos, sexo masculino, separado, nível superior completo com especialização, relações públicas, morador do bairro de Itapuã, pertencente ao quadro de sócio (sem ter ocupado outro grau hierárquico anteriormente), freqüenta a UDV há um ano e meio.

Entrevistado “D”

- 45 anos, sexo masculino, casado, segundo grau completo, cabeleireiro e maquiador, morador do bairro do Itaigara, pertencente ao corpo instrutivo, freqüenta a UDV há sete anos.

Entrevistado “E”

- 54 anos, sexo masculino, casado, terceiro grau completo, terapeuta, morador do bairro de Itapuã, pertence ao quadro de mestres, freqüenta a UDV há vinte e seis anos.

Entrevistado “F”

- 53 anos, sexo masculino, solteiro, segundo grau completo, cabeleireiro, morador do bairro de Itapuã, pertence ao corpo instrutivo, freqüenta a UDV há treze anos.

Entrevistado “G”

- 47 anos, sexo masculino, casado, segundo grau completo, comerciante, morador do bairro Abrantes, pertence ao quadro de mestres, freqüenta a UDV há sete anos.

Entrevistada “H”

- 25 anos, sexo feminino, solteira, terceiro grau em andamento, estudante de pedagogia, moradora do bairro de Imbuí, pertence ao corpo instrutivo, freqüenta a UDV há cinco anos.

Entrevistado “I”

– 49 anos, casado, nível superior incompleto, gerente administrativo e financeiro, morador do bairro de Piatã, pertence ao quadro de mestres, freqüenta a UDV há onze anos.

Entrevistada “J”

- 43 anos, solteira, segundo grau completo, vendedora, moradora do bairro Pituba, pertence ao corpo do conselho, freqüenta a UDV há vinte anos.

Entrevistado “K”

- 27 anos, solteiro, segundo grau incompleto, vendedor, morador do bairro Brotas, pertence ao quadro de sócio, freqüenta a UDV há três anos.

O grupo estudado é eclético contendo pessoas de ambos os sexos e de idades variadas. Existem pessoas jovens, adultas, maduras e idosas, mas poucas com idade avançada. A faixa etária dos sócios em geral, é entre dezoito e noventa e quatro anos e a dos entrevistados é entre vinte e cinco e cinqüenta e quatro anos. O grau de escolaridade também é variável, mas, como dito anteriormente, predomina o nível médio e superior. Os entrevistados ocupam diferentes graus hierárquicos na instituição (sócios, membros do corpo instrutivo, conselheiros e mestres) e o tempo de permanência dos mesmos na instituição é variável (que vai de um ano e meio a vinte e seis anos de freqüência).

- **Terceira etapa**: Realização de entrevistas semi-abertas.

Paralela à observação participante, a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas nas Ciências Sociais, no processo de trabalho de campo, pois permite ao pesquisador captar atitudes, valores, idéias, crenças, maneiras de pensar, sentir e opiniões do grupo

estudado, através da fala dos atores sociais. (Minayo: 1999). As entrevistas tiveram como objetivo captar mais profundamente a visão de mundo do grupo e suas experiências nos rituais.

Foram realizadas entrevistas semi-abertas gravadas (com a devida autorização do entrevistado) transcritas e analisadas posteriormente. A existência de um roteiro com algumas perguntas prévias foi um guia, mas me permitiu introduzir novas perguntas que julguei contribuir para o esclarecimento ou aprofundamento das questões colhidas. O material produzido por esse tipo de entrevista é denso, profundo e permite a captação do universo afetivo-existencial do sujeito (MacRae: 2002), especialmente quando pude registrar em meu caderno de campo observações a respeito das atitudes corporais, gestos e fisionomias dos entrevistados.

As entrevistas foram realizadas em locais diversos: algumas no próprio núcleo, outras na casa dos entrevistados, outras nos seus locais de trabalho, mas sempre em locais reservados, de modo que pudessem se sentir seguros de que outras pessoas não estariam participando. Todas as entrevistas foram individuais.

Os líderes ou mestres também foram entrevistados. O objetivo foi compreender como eles vêem os processos de transformação, alívio e cura, a que atribuem e como eles enxergam e administram tais processos. Além dos entrevistados citados anteriormente, também realizei uma breve entrevista[2] com o filho do Mestre Gabriel, o Mestre Jair Gabriel, que forneceu informações sobre as curas realizadas pelo Sultão das Matas e pelo Mestre Gabriel.

Questões norteadoras:

1- Como se inseriu na UDV?
2- O que o (a) motivou a procurar essa religião?
3- Você tinha expectativas em relação à mesma?
4- As suas expectativas foram confirmadas?
5- Como você se sentia antes da UDV?
6- E como se sente agora?

[2] Essa entrevista teve como objetivo conhecer mais sobre as curas realizadas pelo Sultão das Matas e pelo Mestre Gabriel, por isso as questões norteadoras não foram aplicadas neste caso.

7- Você considera que esse processo teve algum aspecto curativo?
8- No caso dos entrevistados expressarem que houve uma transformação nas suas vidas será feita a seguinte pergunta:
9- A que ou a quem você atribui essa transformação?
10- O que é a burracheira?
11- Existiu alguma experiência de burracheira que teve uma importância nesse processo de transformação? Qual?

OBS: Outras questões poderão surgir no decorrer da entrevista, a depender do andamento das narrativas.

- **Quarta etapa**: Análise das entrevistas: As entrevistas duraram entre dez e vinte e cinco minutos. A análise das entrevistas é de suma importância. Enfatiza as interpretações que os indivíduos fazem da sua própria experiência como explicação para o comportamento. Amplia a compreensão do pesquisador em relação à dinâmica dos processos sociais em curso, investigando como o agente social reformula continuamente a sua conduta. A análise dos discursos é um meio de colocar em prática o papel da linguagem como eixo de compreensão e estudo dos processos sociais. (Iñiguez: 2004). As práticas discursivas são maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações as práticas sociais cotidianas.

A análise das entrevistas foi realizada após escutar algumas vezes as gravações e após a transcrição das mesmas. A transcrição é um registro detalhado da fala dos entrevistados. Ela não deve ser “limpada” ou “corrigida”. Ela deve registrar a fala literalmente, com todas as características possíveis da fala. Dessa forma, a fala dos entrevistados foi mantida exatamente como eles falaram, sem nenhum tipo de “correção”. Extremamente elucidativas, elas apontaram as direções da pesquisa, juntamente com a observação participante e com as idéias anotadas no diário de campo.

1.3. A objetividade científica

Conheci a União do Vegetal no dia 19 de novembro de 2002, em Salvador na Bahia, em um núcleo de nome Salvador, onde tive a minha primeira experiência com o chá Hoasca. Em primeiro de maio de 2003, tornei-me uma sócia da UDV, vinculada ao então Pré-Núcleo (atualmente Núcleo) Estrela da Manhã.

Uma discussão importante do ponto de vista metodológico, que não poderia passar despercebida é quanto ao meu pertencimento, como sócia, a instituição e unidade administrativa estudada. Esse pertencimento gera muitas polêmicas, principalmente do ponto de vista acadêmico. Algumas questões foram levantadas por professores e colegas com relação a minha filiação e envolvimento com meu objeto de estudo. É comum que antropólogos e sociólogos que pesquisam as religiões sejam adeptos ou simpatizantes do seu objeto de estudo. Para Labate (2004:46), por exemplo, há uma forte conexão ideológica com a utilização da ayahuasca por parte dos estudiosos, e também em alguns casos, um envolvimento direto e pessoas com os grupos estudados, sendo essa conversão anterior, simultânea, ou posterior à realização da pesquisa. No meu caso, a adesão foi anterior a realização da pesquisa.

Gabriela Ricciardi com o uniforme da UDV, no Núcleo Estrela da Manhã. 10 de Fevereiro de 2008. Foto: Bruno Araújo.

Com relação a esses questionamentos, aproveito a ocasião para prestar alguns esclarecimentos. Nós cientistas devemos ter antes de tudo um comprometimento com a ciência e uma responsabilidade com o que fazemos. Devemos ter em vista que

adquirimos conhecimento prévio de outros cientistas e cabe a nós perpetuar o legado científico superando e ampliando paradigmas nos moldes exigidos pela ciência. Por isso temos disciplinas que nos orientam em como manter a objetividade, mesmo em se tratando de situações subjetivas, como as que se enquadram a presente pesquisa. Aprendemos sobre a importância do trabalho de campo através de autores clássicos como Malinowski (1976), Turner (2005) e Evans-Pritchard (1978) e contemporâneos como Roberto Da Matta (1987) e tentamos, na medida do possível, utilizar esse conhecimento "teórico" na prática.

Confesso que, nos primeiros momentos, examinei cuidadosamente esses questionamentos que foram extremamente positivos, pois, através deles, eu pude ter atenção redobrada com a objetividade científica, mantendo-me, durante toda a realização da pesquisa, consciente do meu papel como pesquisadora e da necessidade de estranhar o que era familiar. Essa tarefa foi um desafio que me fez crescer como pesquisadora e como pessoa, me fez refletir sobre velhos conceitos e modificou meu olhar perante a instituição. Labate (2004) também nos chama atenção para a riqueza que é fazer parte desse universo de ayahuaqueira e pesquisadora:

> "Retomando a reflexão sobre a minha dupla inserção, enquanto ayahuasqueira e antropóloga: trata-se de uma situação cheia de ambigüidades, sem dúvida com dificuldades que lhes são inerentes. De qualquer forma, mais do que uma espécie de esquizofrenia interna, de um eu dividido entre uma parcela (antropóloga) e outra (pessoal), este lugar de fala, sustento, é um lugar potencialmente rico" (Labate, 2004:37).

Temos muitas surpresas ao realizar uma pesquisa científica e ao desenvolver um trabalho de campo. Quando nos predispomos a estudar, averiguar, pesquisar um determinado tema, normalmente elaboramos um conjunto de hipóteses, do por que e de como as coisas acontecem. No meu caso não foi diferente. Acreditei, inicialmente, poder comprovar as minhas idéias a respeito de como acontecem curas na União do Vegetal. Ao final, por forças das circunstancias, minhas idéias foram completamente transformadas.

Das hipóteses construídas, algumas poucas foram confirmadas, e outras tantas lançadas por terra. A observação com o olhar de pesquisadora me trouxe muitas surpresas. Permitiu-me, segundo Damatta (1983) tornar o exótico o familiar e o familiar exótico.

No decorrer da pesquisa fui percebendo o quão positivo, do ponto de vista metodológico, foi a minha filiação ao objeto estudado. Em primeiro lugar, isso me facilitou a autorização para realizar a pesquisa na unidade administrativa Núcleo Estrela da Manhã. Soube que alguns pesquisadores, não filiados à instituição, tentaram realizar pesquisa em outras unidades administrativas e que não obtiveram autorização por parte do responsável (no caso, o Mestre Representante). Soube também de outro que, apesar de ter tido permissão do responsável, não conseguiu ir adiante na coleta de dados pois os participantes não se sentiam a vontade de contar suas experiências a um "estranho". Nesse sentido tive sucesso. Além de permissão para realizar a pesquisa, contei com amplo apoio da direção do núcleo e dos sócios.

As declarações obtidas nas entrevistas são extremamente ricas. Questões de cunho íntimo foram suscitadas pelos próprios entrevistados, que se sentiam à vontade de contar a sua vida, pois estavam diante de alguém familiar, e não de um estranho. O fato de ter um pesquisador, observando, analisando, pode incomodar as pessoas retirando sua naturalidade. No meu caso eu é que tinha que estranhar a tudo e a todos e, por outro lado, todos se sentiam familiarizados comigo. Para eles eu sou a irmã Gabriela que está fazendo uma pesquisa sobre a UDV. E como isso facilitou a minha vida... Através dessa relação mais íntima pude obter relatos surpreendentes. Por vezes me sentia um padre no confessionário, tamanha era a intimidade que me era exposta.

Outra questão interessante era a observação participante nas sessões, onde todos, inclusive eu, comungávamos o vegetal. Algumas vezes levava meu diário de campo, uma discreta caderneta de anotações, e ela não saía do meu bolso, devido à intensidade da experiência. Só após o término da sessão é que eu me sentia apta a esboçar alguns escritos. Metodologicamente, acabou sendo positivo ter feito dessa forma, pois as pessoas poderiam perceber esse movimento, estranhar (não é comum as pessoas levarem cadernetas e fazerem anotações durante a sessão) e quebrar a naturalidade com que todos me tratavam.

Creio ter sido importante ter bebido o vegetal nas sessões durante a pesquisa de campo (não sei se é permitido assistir as sessões sem fazê-lo). Além disso, as minhas experiências me possibilitaram uma maior capacidade de compreender a experiência alheia, contextualizando-a e refletindo a seu respeito. É comum que os antropólogos pesquisadores das religiões que fazem uso de enteógenos também façam o uso dessas substâncias. Mabit (2002) acredita que a utilização da Ayahuasca por parte do pesquisador é uma fonte de dados essencial para as investigações científicas sobre a substância. Shannon (2002) e Mabit (2002) são exemplos de pesquisadores que utilizaram a sua própria experiência com a Ayahuasca como importante fonte de dados para as suas investigações fenomenológicas.

Considero, portanto, que o fato de ser filiada á instituição que é o meu objeto de estudo e ter participado ativamente dos rituais me trouxe, do ponto de vista metodológico, mais facilidades do que dificuldades. Os responsáveis pela instituição e os adeptos sabem que não se trata de uma pessoa irresponsável em busca de uma abordagem sensacionalista. Isso gera confiança por parte da instituição e naturalidade com a minha presença no grupo.

Para estudar cientificamente a União do Vegetal, precisei de uma autorização do responsável pela unidade administrativa na qual a pesquisa foi realizada, e também uma autorização da Comissão Científica da União do Vegetal. Essa Comissão, além do outras funções, supervisiona pesquisas relacionadas à UDV a fim de evitar comentários mentirosos e sensacionalistas em que a instituição já foi algumas vezes exposta. Cada instituição detém seu código de ética e seu conjunto de regras que devem ser respeitados. Este órgão dispõe de cientistas de diversas áreas que zelam para que isso aconteça. A autorização dessa Comissão me foi concedida desde que periodicamente eu enviasse os capítulos para avaliação. Este órgão dispõe de uma equipe multidisciplinar de profissionais que estão cientes da necessidade de objetividade, comprometimento e ética exigida pela ciência. E eu, como pesquisadora, também busquei essa ética em respeitar o conjunto de leis do objeto estudado, respeitando os “segredos” e o conjunto de regras da instituição. Carvalho (1984) acredita que os antropólogos precisam ter ética profissional como em qualquer outra profissão. É preciso conciliar o interesse acadêmico com os interesses do grupo estudado, ou seja, tudo que for escrito deve passar pela aprovação da maioria dos membros desse grupo.

Essa conciliação entre interesse acadêmico e esse respeito às leis e tradições da instituição estudada é o que busquei, em todo momento, estar atenta. Espero ter conseguido.

Capítulo 2: A União do Vegetal

2.1. José Gabriel da Costa: Uma breve trajetória de vida

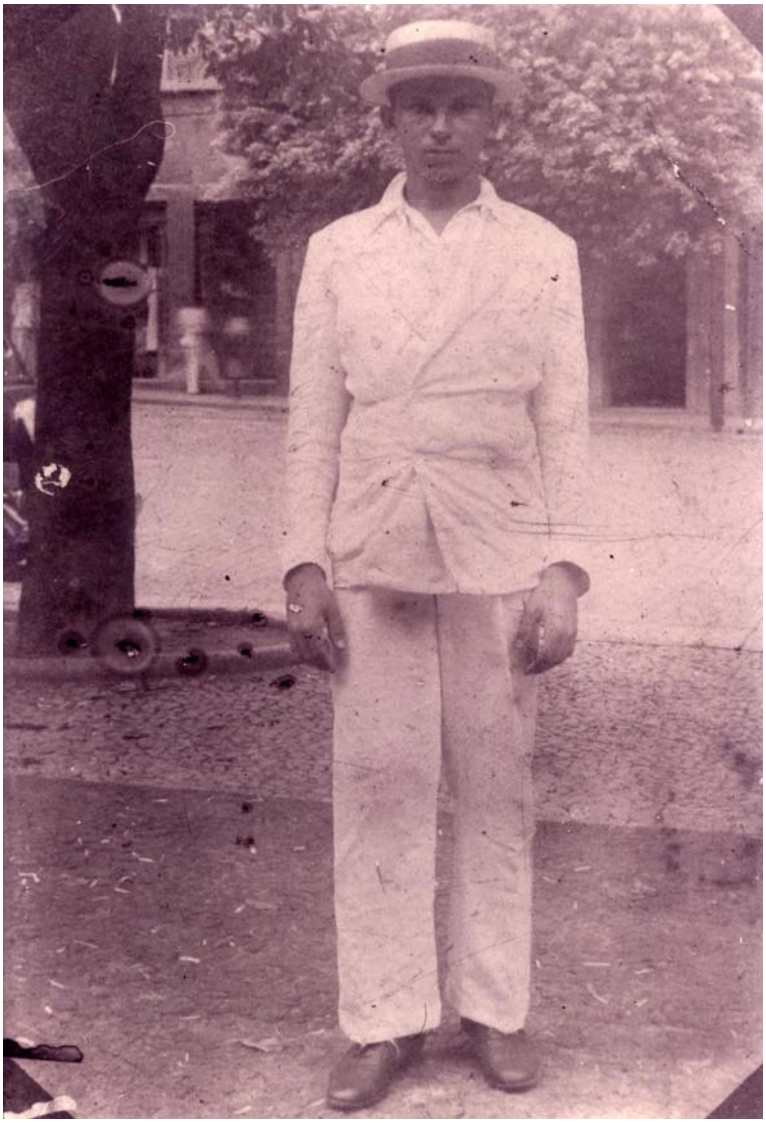
Segundo a doutrina da UDV, nos casos de necessidade, Deus (O Poder Superior como é denominado), envia de tempos em tempos espíritos de luz para auxiliar a humanidade na caminhada de evolução espiritual na terra. É nessa categoria de um enviado à terra, pelo poder superior, no cumprimento de uma missão[3], que se encontra José Gabriel da Costa, o M. Gabriel, fundador da religião que está sendo examinada nesta pesquisa.

José Gabriel da Costa nasceu na Fazenda Pedra Nova em Coração de Maria, localidade próxima a Feira de Santana, na Bahia, em 10 de fevereiro de 1922. Filho de Manoel Gabriel da Costa e Prima Feliciana da Costa (ver foto abaixo). Nasceu em uma família numerosa de treze irmãos. Um dos seus irmãos, o Antônio Gabriel (hoje um Mestre pela UDV), diz que quando criança José Gabriel trabalhava na lavoura na pequena propriedade de seus pais. E declara que desde essa época ele já se destacava como uma criança diferente, especial. De acordo com ele, José Gabriel, quando jovem, auxiliou uma mulher que estava com dificuldades no parto. Ele também conta que um dia José Gabriel chegou à sua casa mais cedo da escola dizendo que a professora o tinha mandado ir embora. Os pais, preocupados foram até lá em busca de esclarecimentos. A professora declarou que não tinha mais nada para ensinar ao filho deles, demonstrando respeito e reconhecimento à sua sabedoria.

Mãe do Mestre Gabriel: Dona Prima Feliciana. Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Autor desconhecido.

[3] Hoasca, Fundamentos e Objetivos, P. 35.

Aos treze anos, em 1935, José vai trabalhar no comércio de Salvador.



Mestre Gabriel com 18 anos. Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Autor desconhecido.

Aos vinte anos, em 1942, viaja para o norte, na região amazônica, fazendo parte do "Exército da Borracha". No território de Guaporé, atual estado de Rondônia, inicia sua árdua trajetória como seringueiro. Segundo Brissac (2002):

> "O sofrimento daqueles homens submetidos a condições de vida e trabalho extremamente penosas, em um ambiente desconhecido, sem o auxílio governamental prometido pela

> propaganda oficial, ficou bem marcado na memória dos sobreviventes da "batalha da borracha" (Brissac: 2002:531).

Após ter trabalhado no seringal, José muda-se para Porto Velho. Trabalhou como servidor público no Hospital São José. Conheceu em 1946 sua companheira Raimunda Ferreira: a Pequenina.

Mestre Gabriel com Mestre Pequenina. Década de sessenta em Porto Velho (RO).
Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV.
Foto: Cícero Lopes.

2.2. O Sultão das Matas

Em 1950, José foi demitido do seu trabalho por perseguições políticas e mudou-se novamente para o seringal. Afirmou para sua companheira e seus dois filhos que estava em busca de um tesouro. Segundo alguns seringueiros contemporâneos do Mestre Gabriel, ele se tornou um dos seringueiros mais produtivos da região, mas nunca chegou a possuiu riqueza e conforto material devido às condições de exploração em que os mesmos eram submetidos. Como cita Mestre Pequenina,

> "Eu disse: "Eu não nasci no seringal, em mato. Não quero criar meus filhos sem saber ler e escrever". Ele disse: "É porque vou atrás de um tesouro". Mas eu era uma pessoa de cabeça cheia de muitas coisas e achei que era riqueza material que ele ia achar, e nós ia enrricar, ter uma vida de rosas".[4]

Ele "incorporou" a "entidade" sultão das matas pela primeira vez na Bahia, no terreiro de Joãozinho Dagoméia, onde recebeu o título de pai de terreiro. Ao mudar-se para Porto Velho, freqüentou dois terreiros de Candomblé: O de Chica Macaxeira, de São Benedito, e o de Maria Esperança, de Santa Bárbara, onde também se "atuava" como Sultão das Matas. Chegou a se tornar Ogã e pai do terreiro de São Benedito de Mãe Chica Macaxeira. Conforme o seu filho Mestre Jair[5]:

> "O mestre Gabriel, antes da União do Vegetal, era pra demonstra o valor dele, e a compreensão do povo, ele precisava dá demonstração de outras cultura, Candomblé, Umbanda, Quibanda, que pra União do Vegetal são grupos que criou de uma origem só.
>
> Quando ele chegou de Feira pra Bahia, ele freqüentou um terreiro de Joaozinho Dagoméia. Viu a maneira de Umbanda de trabalho e se apresentou-se. Apresentar é assim, entrou no terreiro

[4] Entrevista de Mestre Pequenina (esposa do Mestre Gabriel) e Mestre Jair (filho do Mestre Gabriel), in Alto-Falante. Jornal do Departamento de Memória e Documentação da UDV. Brasília, agosto-outubro de 1995. p. 7.

[5] Em entrevista que me foi concedida no dia 28/12/2007.

atuado de Sultão das Mata. Tinha que apresentar uma toada[6] né? Alguns canto dizendo quem ele era. Ele entrou incorporado. Ele dizia que ele não se atuava porque ele não era à toa, ele recebia os orixá ou se incorporava.

Ele cantava assim:

"Tava nas mata virgens
Quando mandaram me chamar
Eu me chamo Sultão das Mata
Aqui nesse cajual".

"Na minha pisada só tem caboclo
No rasto de um tem a trilha do outro
Hei, hei Samambaia, na minha virada só tem caboclo
Hei, hei Samambaia, na minha virada só tem caboclo".

Ele falava que a pessoa pra ser pai de terreiro tinha que ficar não sei quanto tempo tomano banho de sangue de animal, mas ele não passou por isso. Ele recebeu de Joaozinho Dagoméia que ele era pai de terreiro.

Depois, né, ele foi prá Porto Velho e lá existia dois terreiro de Candomblé e Umbanda. O de Chica Macaxeira, de São Benedito, e o de Maria Esperança, de Santa Bárbara, que quem tomava conta era o pai de terreiro Albertino. O Mestre Gabriel começou a freqüentar esses dois terreiro e as pessoa respeitava ele. Quando ele ia pro seringal e voltava, ele freqüentava um desses dois terreiro".

Quando ele diz "recebeu de Joãozinho Dagoméia que ele era pai de terreiro" significa que Seu Gabriel não passou pelos rituais de iniciação do candomblé. Joãozinho Dagoméia o reconheceu como pai de terreiro sem que ele precisasse passar pelas etapas necessárias à iniciação nessa religião. Esse fato reforça a crença dos adeptos da UDV que seu guia espiritual era uma pessoa com um grau espiritual elevado que se destacava e era reconhecido em tudo o que fazia.

[6] As "toadas" são cânticos entoados por pessoas incorporadas por "entidades espirituais" denominados "caboclo", comuns nos rituais de candomblé e na Umbanda. Na Bahia as "toadas" são conhecidas também como cantigas de caboclo.

De acordo com o relato do seu filho, Jair Gabriel, o Sultão das Matas era um grande conhecedor das plantas. Ele as utilizava nos seus trabalhos, curando doenças e espantando malefícios, em um culto que se aproximava do xamanismo indígena e da pajelança cabocla. Segundo sua esposa: "vinha gente de tudo quanto era seringal para se curar com o Sultão das Matas" [7].

Segundo Jair Gabriel[8], José Gabriel realizou algumas curas quando incorporado pelo Sultão das Matas:

> Quando ele era atuado com Sultão das Mata ele era procurado pra tirar feitiço. Pra quem não conhece acha que o Mestre Gabriel era macumbeiro de fazer feitiço, mas não era assim. Ele às vezes tirava as coisa das pessoas com um copo d'água. Ele chamava botava a água, tipo benzer, pegava uma vela vermelha, preta, branca, a depender do caso e dizia –" Beba que esse mau vai sair de você". Depois de alguns dias procurava ele e dizia –"Sultão das Mata me curou".
>
> Ele curava com plantas também. Eu via ele fazer garrafada, lavagem intestinal, (...). Ele dizia que os maior erros da pessoa tá na cabeça. – Há eu vou botar macumba em você, aí a pessoa entrava nessa ilusão e ficava encucado mesmo, e ele tirava isso.
>
> No físico, na matéria, ele curava muita gente com planta, chá de quina-quina, raiz de sapé. Pessoas com malária, mordida de cobra...
>
> Ele foi mordido e com uma semana se sentiu mal. Ele pediu a minha mãe pra tirar a folha do araticum, da mesma família da graviola, fez o chá e tomou. No outro dia ele precisou fazer a necessidade e botou uma bola de sangue quarado. Depois eu vi ele curar algumas pessoas com essa planta.
>
> Uma vez meu irmão Carmiro tava com um problema que tudo que ele bebia saia pelo nariz. Um dia reuniu algumas pessoas pra pedir cura a Sultão das Mata e mamãe falou que ele tava com esse problema, todo líquido saía pelo nariz. Aí ele disse a minha mãe que fizesse uma maneira de pegar um rato vivo, não matasse e tirasse alguns cabelo dele e fizesse o chá. Torrava, fazia o chá e desse pra ele.

[7] Entrevista realizada com Mestre Pequenina e Mestre Jair, ibid. p. 7.

[8] Em entrevista que me foi concedida no dia 28/12/2007.

> No seringal em casa de palha dá muito rato. Eu vi o rato, peguei a vassoura, imprensei ele e fui e agarrei ele. Mamãe tirou os cabelo e eu soltei. Ele se curou. Mas é bom especificar pra depois o povo não tá pegano rato aí. Era aquela doença, aquele momento".

Como Sultão das Matas, o Seu Gabriel realizava trabalhos de cura e ficou famoso em uma região onde a medicina científica era praticamente inexistente naquela época. Para Laplatine (1991:219): "(...) os curandeiros tradicionais são investidos por seu grupo de um poder exorbitante, por vezes mesmo superior àquele creditado ao médico diplomado". Nos locais onde ele era conhecido por realizar curas, as pessoas atribuíam ao Sultão das Matas um verdadeiro "poder exorbitante", como citado por Laplatine.

2.3. O Mestre Gabriel

José Gabriel entrou em contato com o chá "Hoasca" através de um senhor conhecido como Chico Lourenço, no dia primeiro de abril de 1959, no seringal de Guaraparí, numa colocação chamada Capinzal, região fronteiriça com a Bolívia. Após beber o chá algumas vezes juntamente com a sua esposa (Pequenina) e alguns dos seus filhos, viajou por um mês para levar um filho doente à Vila Plácido no Acre. Ao regressar trouxe da floresta algumas folhas da Chacrona e um recipiente com o cipó Marirí e disse: - "Eu sou Mestre Pequenina, e vou preparar o Marirí" [9]. Preparou o chá, bebeu e deu à sua mulher e alguns dos seus filhos, dando início á União do Vegetal na atualidade, que foi oficialmente recriada em 22 de julho de 1961. O termo "recriação" existe por que a criação é atribuída ao Rei Salomão, ou Mestre Salomão para os adeptos da UDV.

Durante um tempo ele ficou no seringal. Segundo seu filho, o M. Jair: "Neste período o M. Gabriel não deixou a macumba não. Ele fazia uma sessão de vegetal e uma de umbanda" [10], até que em 1961, ano em que ele recriou a UDV, ele revelou que o Sultão das Matas era ele mesmo. Reuniu as pessoas e disse: "Eu quero falar para

[9] Entrevista de Mestre Pequenina e Mestre Jair, ibid. p. 8.

[10] Entrevista de Mestre Pequenina e Mestre Jair, ibid. p. 9.

vocês que tudo que o Sultão das Matas fez eu sei: Sultão das Matas sou eu". [11] Abandonou as sessões de umbanda e se direcionou somente para a União do Vegetal. Segundo a doutrina da UDV, um corpo só pode ocupar um espírito, não há a crença na incorporação mediúnica como existem no espiritismo kardecista, no candomblé e em outras religiões. Convém um breve esclarecimento sobre o termo "se atuava como Sultão das Mata". É assim que os adeptos de maior senioridade se referem à incorporação mediúnica. A utilização desse termo, segundo esses adeptos, é em virtude de se reportar ao indivíduo como ator, no sentido de realizar atos, de ter atitudes, que são atribuídas ao próprio indivíduo e não a algo externo a ele.

O M. Gabriel explicou que, se ele fizesse as atividades de cura como ele mesmo, ninguém iria acreditar. Então, se utilizava desse nome (que tinha forte repercussão no imaginário popular) para realizar sessões de cura, aonde conquistou fama e respeito. Seu filho Jair Gabriel[12] diz que:

> "Depois que ele chegou na União ele falou que fazia aquilo pras pessoas acreditarem e ter fé. Sultão das Mata era ele mesmo. Sultão existe muitos, mas esse nome Sultão das Matas, foi trazido por ele, foi criado por ele aqui na Bahia".

Para Otto (2005) a capacidade de produzir o conhecimento religioso e o despertar nos demais é algo nato que não é meta passível de ser alcançada igualmente por todos. O Mestre Gabriel tinha esse destaque, esse dom: produziu um espectro doutrinário, potencializado com o uso do chá, capaz de suscitar nos seus seguidores o sentimento religioso, o contato com o sagrado. Seu carisma perdura até os dias atuais, de modo que os adeptos da UDV, de diversos graus de escolaridade, reverenciam sua sabedoria.

Mesmo como Mestre Gabriel ele continuou curando as pessoas. O seu filho, o Mestre Jair, sobre as curas realizadas pelo Mestre Gabriel diz que[13]:

---

[11] Entrevista de Mestre Pequenina e Mestre Jair, Ibid. p. 9.

[12] Em entrevista que me foi concedida no dia 28/12/2007.

[13] Em entrevista que me foi concedida no dia 28/12/2007.

> "Já como Mestre Gabriel, já foi pelo Vegetal. Ele dizia que toda a sessão é de cura. Cura espiritualmente cura de alguma doença. Que o Vegetal é uma coisa boa. Veio orientano as pessoas, tirano a ilusão. Porque Gabriela, se a pessoa não tiver uma orientação....
>
> Tem a história né, de uma pessoa que tinha uma situação de encosto. Era um cara que morava no estado do Mato Grosso. Já tinha ido prá alguns médicos, Chico Xavier... . E foi em Rondônia procurar alguma coisa de pajé, de pajelança, curandeiros, foi quando ele conheceu o Mestre Gabriel. Em uma sessão normal Mestre Gabriel deu o Vegetal e ele falou que sentia as costa dele como se fosse um fogo. Depois ele sentiu as costa dele como uma pedra de gelo e ficou bom.
>
> O que as pessoas têm que ver é que quando o Mestre dirige a sessão, e faz as chamadas Doutor Camalango, Guarnição, tá chamando a cura. São chamadas que trazem uma cura pras pessoas. Guarnição é guarnecer de tudo que é coisa ruim"

Conforme MacRae:

> "Como já vimos, a ayahuasca é freqüentemente aplicada para combater males físicos e espirituais. É também através de curas atribuídas a suas atividades xamânicas[14] que os mestres ayahuasqueiros conquistam fama e consolidam influência em suas comunidades". (Mac Rae 1992:57).

Através das curas "físicas" e "espirituais" realizadas (tanto como Sultão das Matas quanto como Mestre Gabriel) ele adquiriu fama e prestígio na comunidade. As curas realizadas pelo Mestre Gabriel tinham um enfoque diferente das curas realizadas pelo Sultão das Matas, era através do Vegetal, nas sessões da União do Vegetal, o tesouro que ele procurava. Ele continuou curando e auxiliando as pessoas até seu falecimento, em 24 de setembro de 1971.

[14] Um breve esclarecimento se faz necessário: O M. Gabriel, apesar de ter realizado trabalhos de cura, não é, nem nunca foi considerado um xamã pelos adeptos da UDV.

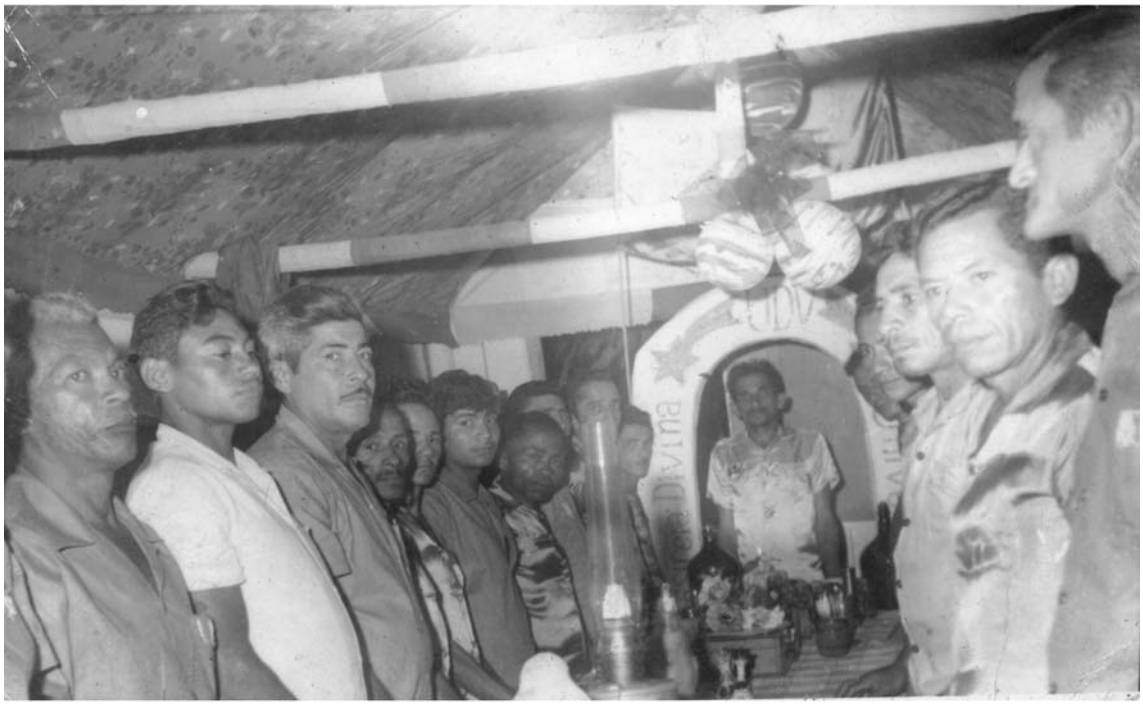
Segundo Pequenina:

> "- Então eu digo que esse tesouro que ele encontrou junto comigo e os dois filhos, para mim, é um tesouro tão maravilhoso que dinheiro nenhum não paga essa felicidade". "Então esse tesouro que é a União do Vegetal tem me amparado". [15]

Mestre Gabriel (de braços abertos) com familiares e discípulos em Porto Velho (RO) na década de sessenta. Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Cícero Lopes.

[15] Entrevista de Mestre Pequenina e Mestre Jair, ibid. p. 7

Mestre Gabriel (em pé) doutrinando os seus discípulos dentro de uma sessão. Década de sessenta, em Porto Velho (RO). Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Cícero Lopes.



Sessão com o Mestre Gabriel. Década de sessenta em Porto Velho (RO). Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Cícero Lopes.

Quadro de mestres em frente à antiga sede. Década de sessenta, em Porto Velho (RO). Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Cícero Lopes.

2. 4. A estrutura.

A estruturação e expansão da doutrina se deram a partir de 1961. O M. Gabriel criou uma estrutura doutrinária e ensinou-a aos seus discípulos. Formou alguns mestres, que após a sua morte, em 24 de setembro de 1971, foram chamados Mestres da Recordação, tornando-se os grandes responsáveis pela proliferação dos ensinos.

É importante ressaltar que essa religião foi criada dentro de um seringal, por um homem extremamente simples e humilde, em instalações precárias e hoje se faz presente nos grandes centros urbanos, sendo um referencial para intelectuais, advogados, dentistas, médicos, pedreiros, professores, pintores, juízes, policiais, analfabetos, etc. Por ser uma religião que valoriza uma linguagem simples e que atende a todas as compreensões, possibilita o acesso de diversos estratos sócio-culturais.

Cada unidade administrativa da UDV é chamada de núcleo ou pré-núcleo. Normalmente ficam localizados em áreas afastadas dos grandes centros. Por exemplo: todos os núcleos de Salvador estão localizados nas suas imediações, ou seja, na região

metropolitana ou Grande Salvador. Três ficam localizados em Lauro de Freitas, um em Abrantes, e um na Estrada Cia - Aeroporto.

A abertura de núcleo ou pré-núcleo é autorizada pelo Quadro de Mestres da Sede Geral, mediante solicitação do Mestre Central da Região, devendo ter no mínimo dois mestres, dois conselheiros e trinta sócios. Deve possuir imóvel adquirido em nome do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, Sede Geral, com documentação aprovada pelo departamento jurídico e construção adequada aos trabalhos religiosos.

As instalações freqüentemente constam de um templo, uma casa de preparo, um berçário ou quarto das crianças, (em alguns núcleos e pré-núcleos são dois lugares separados, e em outros, crianças e bebês ficam no mesmo lugar), refeitório ou cozinha, quarto do Vegetal (local para armazenamento e manuseio), banheiros e casa do caseiro. O núcleo onde foi realizada a pesquisa ainda não tem o templo nem berçário, pois ainda está em fase de implantação e construção. Possui apenas a casa de preparo onde, por enquanto, são realizadas as sessões; o refeitório ou cozinha, dois banheiros, um masculino e um feminino e a casa do caseiro. Os terrenos destinados a ser uma unidade administrativa devem ser grandes, e comumente o são, para poder abarcar as construções acima mencionadas. Além das construções, é necessária uma área a ser destinada ao plantio de Marirí e Chacrona (as plantas necessárias para o preparo do vegetal) o que demanda espaço.

Os núcleos e pré-núcleos da UDV são locais bonitos e bem zelados onde se percebe o cuidado e a organização. Esse cuidado é por parte dos próprios freqüentadores através de mutirões que são realizados periodicamente.

> "Artigo 6 – São deveres dos sócios:"
> "c) zelar pelo desenvolvimento do centro, bem como por todos os bens de seu patrimônio." (Consolidação das Leis: ano:28).

Os mutirões acontecem normalmente aos sábados e domingos e tem como objetivo limpar e organizar as instalações do núcleo. Existem mutirões destinados à faxina, à construção, jardinagem, plantio de Marirí e Chacrona, etc. São marcados com antecedência e podem comparecer todos, em especial os discípulos do corpo instrutivo, do corpo do conselho e do quadro de mestres, por apresentarem mais responsabilidade e comprometimento com a instituição. Após os mutirões normalmente é realizado um

almoço, em que cada participante leva um alimento, “um prato”, como é denominado. Esses mutirões, além de ter uma função prática de executar tarefas, proporcionam o convívio social, ou seja, um espaço onde as pessoas podem se conhecer melhor, fazer amizades, trocar experiências, solidificando os laços e redes sociais entre os sócios.

A UDV é uma sociedade religiosa filantrópica sem fins lucrativos. A manutenção das unidades administrativas é feita pelos sócios através de doações e do pagamento das mensalidades. As mensalidades variam em relação às regiões e a realidade econômica de cada uma delas. Na unidade administrativa estudada: o Núcleo Estrela da Manhã, as mensalidades custam trinta e cinco reais. É um valor estipulado tendo em média dez por cento do salário mínimo vigente no país. Esse valor é negociável de acordo com a realidade financeira de cada sócio. Com o dinheiro arrecadado, manda-se uma parte para a sede geral em Brasília que é o Fundo de Participação destinado ás despesas da Sede Geral, e o restante dos recursos são administrados pelo Presidente e pelo Mestre Representante em concordância com a direção do núcleo, sendo destinados ao pagamento do caseiro, das contas de água, energia elétrica, construção, reforma das instalações e outras despesas. Todos os meses ocorrem uma reunião de diretoria para prestar contas das despesas e receitas, assim como traçar planos e metas a fim de atender as necessidades do núcleo. É indicado que todos paguem suas mensalidades em dia, e no caso de dificuldades, procurarem o M. Representante para que o núcleo possa programar suas despesas com mais segurança.

De acordo com a Consolidação das Leis quarta edição:

> “Artigo 59: É passível de suspensão o sócio que:”
> “b) sem justificação, deixar de pagar três mensalidades consecutivas salvo quando observado o artigo 7, alínea “f”, a critério do Mestre em Representação”. (Consolidação das Leis: 42).

> “Artigo 7 - São direitos dos sócios:”
> “f) Requerer licença á diretoria, para a isenção de pagamento de mensalidade, quando em reconhecida situação precária, devidamente comprovada por três membros da diretoria, autorizada pelo Mestre em Representação”. (Consolidação das Leis: 28).

Fica então a critério do Mestre Representante suspender da comunhão do vegetal aquele que, sem a devida comprovação, não pagar suas mensalidades conforme reza o Artigo 59 da Consolidação das Leis.

A União do Vegetal é formada por Mestres, Conselheiros e discípulos, além dos adventícios.

a) Os adventícios:

Os adventícios são aqueles que bebem o vegetal pela primeira vez em sessão da União do Vegetal. Normalmente são apresentados à União através de um sócio, fazem uma entrevista com algum mestre do núcleo, na qual o mesmo explica de forma geral o que é a religião. Existe uma sessão denominada sessão de adventícios onde os interessados, após a entrevista[16], bebem o vegetal. Eles usam roupas comuns e podem, depois de participar de uma sessão, freqüentar as sessões da UDV, a depender do grau da sessão.

b) Os discípulos:

Os discípulos são todos os associados do Centro. A admissão do sócio é feita mediante o pedido do interessado, após ter participado de uma sessão na UDV. Normalmente os adventícios são orientados a participar de algumas sessões antes de se associar.

Os sócios vestem uniformes. Os homens, calça branca, as mulheres, calça amarela, ambos usam sapato branco, meias brancas (é facultativo o uso de meias no caso das mulheres) e camisa verde (ou azul, no caso de algumas categorias de mestres) com as letras UDV bordadas de acordo com o grau . Só é admitida associação à UDV aos maiores de dezoito anos. Crianças e adolescentes podem freqüentar as sessões (a critério do M. Representante) desde que estejam devidamente autorizados pelos pais ou responsáveis legais. Aos sócios competem direitos e deveres.

[16] A entrevista é na verdade um encontro prévio com o Mestre Representante, em que o mesmo explica brevemente ao adventício algumas informações sobre o ritual.

"Artigo 6 – São deveres dos sócios:

a) portar-se com o máximo de respeito no âmbito do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal e em toda e qualquer oportunidade;

b) pagar até o dia 10 de cada mês suas mensalidades e/ou outras obrigações pecuniárias com o centro;

c) zelar pelo desenvolvimento do Centro, bem como por todos os bens do seu patrimônio;

d) acatar e cumprir as decisões da Diretoria e da Administração Geral;

e) respeitar e obedecer ao presente Estatuto e todas as leis do Centro;

f) prestar apoio à diretoria quando for solicitado.

Artigo 7 - São direitos dos sócios:

a) freqüentar as reuniões do Centro;

b) propor novos sócios ao Centro;

c) votar e ser votado, desde que satisfaça as exigências do artigo 6 e de acordo com o artigo 9 e seu parágrafo primeiro deste Estatuto;

d) participar das deliberações quando solicitada sua opinião; propondo qualquer medida que julgue proveitosa ao Centro;

e) solicitar para exame os livros e documentos da tesouraria do Centro, sob a supervisão da mesma;

f) requerer licença à diretoria, para isenção de pagamento de mensalidade, quando em reconhecida situação precária, devidamente comprovada por três membros da diretoria, e autorizada pelo Mestre em Representação;

g) requerer à Representação reconsideração de atos que forem determinados pela diretoria, quando se julgar prejudicado". (Consolidação das Leis: 28).

c) Os discípulos pertencentes ao corpo instrutivo:

Os sócios pertencentes ao corpo instrutivo são convocados pelo Mestre Representante pelo grau de memória do discípulo. Compreende-se como grau de memória a capacidade do mesmo de memorizar e praticar os ensinamentos. São convocados pelo M. Representante numa sessão e após serem convocados podem assistir às sessões instrutivas. Estas se realizam a cada dois meses, sempre ao meio-dia, normalmente aos domingos, e devem comparecer os discípulos da instrutiva, do corpo do conselho e do quadro de mestres. Os ensinamentos de grau instrutivo são considerados segredo, não devendo ser comentado e nem revelado em ambiente que

não seja o da sessão instrutiva. O discípulo que não cumprir com essa orientação está sujeito a ser afastado do corpo instrutivo, podendo ou não continuar no quadro de sócios, a critério do Representante.

Os discípulos da instrutiva devem ter um comportamento compatível com o grau que ocupam de receber ensinamentos importantes da instituição, por isso não devem fumar, beber, ter "vícios" de qualquer espécie, buscando andar em conformidade com os boletins estatutos que regem o Centro. Possuem maior responsabilidade com os trabalhos do Centro, a exemplo: mutirões e preparos. Aqueles que não apresentarem comportamento compatível com o que é exigido estão sujeitos a serem afastados, sendo privados de assistir as sessões instrutivas, até posterior recondução pelo M. Representante.

Os sócios pertencentes ao corpo instrutivo usam camisa verde (homens e mulheres) com as letras UDV, em amarelo, bordadas no bolso. Aqueles que não pertencem ao corpo instrutivo têm essas letras bordadas no bolso na cor branca. É interessante que às vezes os freqüentadores se referem ao grau como: bolso branco e bolso amarelo, para sócios que não pertencem e pertencem respectivamente ao corpo instrutivo.

d) Os conselheiros ou corpo do conselho (CDC).

Os conselheiros podem ser homens e mulheres e também são escolhidos pelo M. Representante. Nas sessões reservadas ao CDC, apenas conselheiros e mestres participam. A freqüência dessas sessões é a critério do Representante a depender da necessidade de cada núcleo ou pré-núcleo. O corpo do conselho e o quadro de mestre é o espelho dos discípulos. Suas atitudes devem ser compatíveis com o grau que ocupam. Tem a função de auxiliar a dirigir o núcleo, tanto no que se refere as questões espirituais quanto as questões administrativas, aconselhando e auxiliando o Mestre Representante e o quadro de mestres na condução dos trabalhos. Os conselheiros usam (homens e mulheres) camisa verde, com bordado no bolso na cor amarela escrito: UDV e em baixo, CDC, que significa corpo do conselho.

e) O quadro de mestre:

Também é considerado o espelho dos discípulos, por isso suas atitudes são observadas e devem servir de exemplo de conduta a ser seguido. O quadro de mestre compõe a seguinte ordem hierárquica:

1- Mestre Geral Representante: Reside em Brasília e é quem responde pela União do Vegetal no Brasil e exterior.

2- Mestre Assistente Geral: Auxilia diretamente o Geral.

3- Mestre Central da Região: É indicado pelo M. Geral, para supervisionar os núcleos de cada região.

4- Mestre Representante: Eleito pela direção de cada núcleo, isto é, por mestres e conselheiros (as), por um período de três anos, podendo ser reeleito por mais três, responde pelas deliberações de cada núcleo.

5- Mestre Assistente: Auxilia diretamente o Representante, inclusive no momento ritual da sessão e é substituído a cada dois meses.

6- Mestres: Auxiliam o Representante e o Assistente, na parte administrativa e ritual, auxiliando na parte doutrinária.

Os conselheiros também são convocados para ocupar o quadro de mestres pelo M. Representante, que os convoca para contar a História da Hoasca, da origem do chá, na sessão. Se o convocado, após contar a História da Hoasca, for aprovado, ele recebe a "estrela de mestre", que pode ou não ser mantida, a depender do seu comportamento estar ou não em conformidade com as leis do Centro. Até o momento o quadro de mestres possui apenas uma mulher, a M. Pequenina, esposa do M. Gabriel. A ela foi dada a "estrela de mestre" pelo reconhecimento à sua dedicação em auxiliar o M. Gabriel durante toda a sua vida na estruturação da UDV. Os discípulos pertencentes ao quadro de mestres devem ser casados e devem ter uma boa convivência familiar. Não recebem nenhum tipo de remuneração, pagamento, ou benefício financeiro pelos serviços prestados à UDV, podendo e devendo desempenhar suas funções profissionais a fim de que possam manter a si e a sua família. Os mestres usam uniformes a depender do grau hierárquico que ocupem.

a) O Mestre Geral Representante: usa, durante o período que ocupar esse cargo, camisa azul celeste, com estrela branca bordada nas platinas, fixada nos ombros. Na ponta das golas, uma lua em quarto crescente bordada em branco. No bolso da camisa, as siglas UDV (União do Vegetal) e MGR (Mestre Geral Representante), bordadas em

branco, em idêntico padrão. Do lado direito, uma coroa bordada nas cores verde e amarelo, tendo acima uma estrela de cinco pontas bordada em branco. Os bordados são feitos em lantejoulas e vidrilhos.

b) Mestre Assistente Geral: usa, durante o tempo que ocupar esse cargo, camisa azul celeste, com estrela branca bordada sobre as platinas, fixada nos ombros. Em cada ponta da gola, uma lua em quarto crescente. No bolso da camisa, sobrepostas, as siglas UDV (União do Vegetal), CDC (Corpo do Conselho) e M Assistente Geral, bordadas em branco, em idêntico padrão. Do lado direito, uma estrela de cinco pontas. Todos os bordados são feitos na cor branca.

c) O Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel: usam camisa azul celeste, com estrela branca bordada sobre as platinas, fixada nos ombros. Em cada ponta da gola, uma lua quarto crescente bordada em branco. No bolso, sobrepostas, as siglas UDV (União do Vegetal) CDC (Corpo do Conselho) e os dizeres “Conselho da Recordação” bordados em branco, em idêntico padrão. Do lado direito uma estrela de cinco pontas bordada na cor branca. Os membros desse conselho que estiverem no grau de Mestre Geral Representante, Mestre Central da Região ou Mestre Representante usarão a camisa do grau respectivo.

d) Mestres Centrais da Região: Usam, durante o período que ocuparem esse cargo, camisa azul celeste, com estrela branca bordada, platina fixada nos ombros, tendo uma estrela bordada na cor branca. No bolso, bordado em branco e sobreposta em idêntico padrão, as siglas UDV, CDC, e na camisa dos Mestres Centrais os dizeres Mestre Central da ... Região. No caso da camisa do Mestre Representante da Sede Geral, ainda os dizeres Mestre Representante.

e) Mestres Representantes de núcleos e pré-núcleos: camisa azul celeste com estrela branca bordada no lado direito. No bolso, bordadas em branco e sobrepostas em idêntico padrão, as siglas UDV e CDC e “Mestre Representante”.

f) Mestre assistente: camisa verde bandeira, com estrela bordada em amarelo ouro no lado direito e com as siglas UDV e CDC na mesma cor e no mesmo padrão. Sobre a camisa uma faixa em diagonal da direita para a esquerda, escrito UDV é OBDC, bordada na cor verde bandeira.

g) Mestres: camisa verde bandeira com estrela bordada em amarelo ouro, do lado direito, e com as siglas UDV e CDC, bordadas em amarelo ouro, sobre o bolso.

Existem sessões reservadas ao quadro de mestres, a depender da necessidade, e delas só os mestres podem participar.

Uma vez ocupando o grau de instrutiva, conselheiros, ou mestres, os discípulos que não se mostrarem em conformidade com os ensinamentos, boletins e estatutos, poderão ser afastados do grau que ocupam, e quando em outro momento voltarem a apresentar comportamento compatível, poderão ser reconduzidos. No caso de afastamento, voltam a usar as letras UDV na cor branca, ou seja, voltam para "o bolso branco". Qualquer sócio pode ser afastado da comunhão do vegetal, e do âmbito da União do Vegetal desde que seu comportamento e conduta ameacem a tranqüilidade e harmonia dos filiados do Centro, podendo posteriormente retornar quando sanado o problema que o levou ao afastamento, o que é decidido pelo Mestre Representante. Os Mestres são adeptos de maior senioridade e experiência que estão preparados para administrar o uso e os efeitos da Ayahuasca nos rituais. Exemplifica bem a concepção de Helman (1994) segundo a qual os líderes religiosos atuam como integradores da sociedade, reafirmando os valores da mesma, funcionando como poderosos agentes de controle e coesão social, podendo punir socialmente os comportamentos desviantes.

Os sócios constantemente se referem ao grau pelas características do uniforme: "Bolso branco", para os sócios, "bolso amarelo", para os sócios que estão na instrutiva, o "CDC", para os conselheiros, a "estrela" para os mestres e os "camisa azul" para os Mestres Representantes e aqueles que apresentam um maior grau hierárquico dentro da instituição. É comum comentários do tipo: - "O Conselheiro "X" vai receber a "estrela""; ou, -"Y" perdeu o CDC, está no "bolso branco". -"Hoje a sessão está cheia de "camisa azul"". Isso reflete a importância do símbolo nos rituais, onde um emblema reporta a uma idéia.

Segundo Durkheim:

> "Que um emblema seja, para toda espécie de grupo, um útil foco de congraçamento, é algo que nem se precisa demonstrar. Ao exprimir a unidade social sob uma forma material, ele a torna mais sensível a todos e, também por essa razão, o emprego dos símbolos emblemáticos deve ter se generalizado rapidamente assim que sua idéia surgiu." (Durkheim 1996:239).

> "Com efeito, as consciências individuais, estão fechadas umas ás outras; não podem se comunicar senão por meio de signos

> que traduzem seus estados interiores. Para que o comércio se estabeleça entre elas possa levar a uma comunhão, isto é, uma fusão de todos os sentimentos particulares em um sentimento comum, é preciso que os signos que a manifestam venham a se fundir, eles próprios, em uma única resultante. É o aparecimento dessa resultante que indica aos indivíduos que eles estão em uníssono e que os faz tomar consciência de sua unidade moral" .
>
> (...)
>
> "Assim, o emblematismo, necessário para que a sociedade tome consciência de si, não é menos indispensável para assegurar a continuidade dessa consciência." (Durkheim 1996:241).

Além do emblema que é o próprio uniforme com as suas variações, a UDV possui uma bandeira (ver foto na página 50) com as cores amarelo azul e branco, com uma estrela, uma lua e um sol, símbolos que tem uma forte representatividade para os adeptos. Possui também um hino que é cantado, junto com o hasteamento das bandeiras (da UDV, do Brasil e a do estado, no caso, a da Bahia) nas datas festivas da União.

2.5. A doutrina

A doutrina tem como base o cristianismo, mas possui elementos de outras tradições como a indígena e africana, aproximando-se do espiritismo uma vez que acredita na reencarnação. A UDV se volta para a doutrinação do espírito encarnado, não realizando incorporações nem distribuição de passes.

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal afirma ter por objetivos:

> "a) Transformar o ser humano no sentido de desenvolver as virtudes morais, intelectuais e espirituais, sem distinção de cor, ideologia política, credo religioso ou nacionalidade;
> b) Reunir os associados em sede própria, conforme escala determinada e, extraordinariamente, em local e hora previamente estabelecido: a critério do mestre em representação;
> c) Amparar os irmãos quando necessário, de acordo com as possibilidades do centro.
> d) Fazer uso do Vegetal". (Centro Espírita Beneficente União do Vegetal: Hoasca; fundamentos e objetivos. 1989:27).

A UDV é considerada uma religião cristã reencarnacionista.

É cristã por que acredita em Jesus Cristo como sendo o filho de Deus, ou seja, o próprio Deus que veio á terra auxiliar a humanidade na busca pela evolução espiritual através dos ensinamentos como amor, paz, perdão, compreensão. Crê na ressurreição e na existência de um Jesus presente, vivo, embora não esteja em matéria. Crê na Virgem Maria como sendo também um espírito puro destinado á missão sublime de ser a mãe do "Salvador". Segundo os Mestres mais antigos que conviveram com o Mestre Gabriel, ele utilizava a Bíblia em cima da mesa nos primórdios da UDV, mas segundo os mesmos, ele abandonou essa prática afirmando que setenta por cento do que estava escrito nela estava correto, mas os outros trinta por cento foram modificados pela mão humana, tendo sua veracidade duvidosa.

> "A União do Vegetal professa os fundamentos do cristianismo, resgatando-os em sua pureza e integridade originais, livre das distorções que lhes imprimiu, ao longo dos séculos, a mão humana." (Centro Espírita Beneficente União do Vegetal: Hoasca; fundamentos e objetivos. 1989:23).

> "A doutrina da União do Vegetal é cristã porque sustenta que Jesus Cristo, Filho de Deus, é a expressão da Divindade e Sua Palavra aponta o caminho da Salvação da Humanidade. A União do Vegetal crê na Virgem Maria, Nossa Senhora Imaculada, mãe de Jesus". (Centro Espírita Beneficente União do Vegetal: Hoasca; fundamentos e objetivos. 1989:26).

É reencarnacionista, pois prega que o espírito evolui através das sucessivas encarnações. Através do comportamento desenvolvido em cada encarnação, o espírito vai "aumentando seu grau" de evolução espiritual, (quando age em conformidade com os ensinamentos do mestre Jesus) até chegar à purificação: um estágio de iluminação ou santidade onde o espírito está livre das impurezas do mundo. A crença na reencarnação é antiga e difundida principalmente nas religiões orientais como o Budismo e Hinduísmo. Na Grécia era comum entre as principais correntes filosóficas: é encontrada na filosofia de Pitágoras, Sócrates e Platão. A crença na reencarnação permaneceu

durante os primeiros séculos do cristianismo, e foi tolerada até 533, data do Concílio de Constantinopla, onde a reencarnação foi definitivamente abolida da doutrina católica.

> "A reencarnação está na base de toda a fundamentação doutrinária cultuada pela União do Vegetal. Daí sua denominação de Centro Espírita. Segundo sua doutrina é pela sucessão de encarnações que o espírito evolui até atingir o grau máximo de Purificação ou Cura (que equivale a Santidade ou Sanidade)
>
> As reencarnações são regidas pela Lei do Merecimento, que se assemelha à Lei do Karma, de que falam os orientais, cuja lógica é a clássica teoria da causa e efeito". (Centro Espírita Beneficente União do Vegetal: Hoasca; fundamentos e objetivos. 1989: 26).

As citações acima apresentam a base dessa religião: Jesus é visto como sendo o próprio Deus, assim como no cristianismo, mas não se compartilha a idéia de uma única vida que seria culminada em inferno, purgatório ou paraíso até o juízo final. É através das sucessivas encarnações que o espírito, a depender da conduta durante as vidas na terra, pode caminhar rumo à purificação ou santificação, isto é, um espírito são ou curado.

Outros elementos e termos na doutrina udvista têm similaridades com outras religiões como o catolicismo, candomblé e umbanda: os cultos a Cosme e Damião, a utilização dos termos "Ogã", "Princesa Janaína", "Iansã", etc, reportam essas similaridades.

A doutrina da UDV é transmitida oralmente. A Bíblia não é utilizada como referencial principalmente pela afirmação acima proferida pelo Mestre Gabriel a respeito da mesma.

A doutrina é passada através de chamadas, músicas, histórias e falas.

a) As chamadas são cânticos entoados de cunho doutrinário que conduz a experiência da burracheira. Existem chamadas "de abertura" e "de fechamento" da sessão que são feitas sempre. As demais podem ser, dentre outras, "de força", "de luz", "de socorro" e "que trazem a força da cura". São feitas pela "força" e necessidade do momento de cada sessão.

- As "de força" são feitas para aumentar a força do vegetal, ou seja, para fazer crescer a burracheira. "Força" é um termo que é frequentemente utilizado pelos

udvistas para se reportar a energia. Existe a “força negativa” e a “força positiva”. São dois pólos ou duas estações e cabe aos discípulos se sintonizarem com a força positiva para que sejam merecedores de receber coisas positivas e evoluir espiritualmente. Os vícios sejam eles materiais ou de comportamento são considerados atributos da força negativa, daí a necessidade de se limpar das impurezas de qualquer natureza (material ou espiritual).

- As chamadas “de abertura” e “fechamento” são feitas em todas as sessões. Nas distribuições do preparo só é feita uma vez cada chamada, mesmo que ocorram duas ou mais distribuições no preparo. Durante as sessões não se deve repetir as chamadas.

- As chamadas “de luz” trazem (como o nome reporta) luz para a sessão visando tornar a consciência mais clara para examinar os ensinamentos.

- As chamadas “de socorro” são feitas quando Mestre percebe a necessidade de trazer um socorro para algum necessitado durante a sessão.

- As chamadas que trazem a “força da cura” trazem alívio ou cura para aqueles que necessitem e que forem merecedores de recebê-las.

b) As músicas são tocadas durante a sessão, a critério, e sob a supervisão do Mestre Representante, com o objetivo de auxiliar na doutrina. São músicas previamente escutadas pelo mesmo a fim de que possam estar em conformidade com os ensinamentos propostos e ensinados pela UDV. As palavras presentes nas músicas são cuidadosamente examinadas e, assim como o ritmo, devem estar em harmonia com o momento de sensibilidade da burracheira.

c) As histórias deixadas pelo M. Gabriel transmitem mensagens para que os associados possam examinar e estudar “na burracheira” o mundo espiritual. Existem as histórias que podem ser contadas nas sessões de escala e extras e aquelas que são reservadas ao corpo instrutivo. A “História da Hoasca” (que explica a origem do chá), por exemplo, é contada em quase todas as sessões de “escala anual” [17]. É contada também quando algum conselheiro é convocado pelo M. Representante, como teste,

[17] São sessões de escala anual: Seis de janeiro: Sessão de Reis. Dez de fevereiro: Aniversário de nascimento de José Gabriel da Costa, o M. Gabriel. Vinte e sete de março: Ressurreição do Mestre. Vinte e três de junho: São João. Vinte e dois de julho: Recriação da União do Vegetal. Primeiro de novembro: A confirmação da União do Vegetal no astral superior. Vinte e quatro de dezembro: Natal.

Sessões de Escala Anual optativas, a critério do Mestre Representante: Vinte e sete de setembro: Cosme e Damião. Trinta e um de dezembro: Ano Novo.

para verificar sua aptidão durante a sessão. Se ele contar a história com exatidão, é convocado para fazer parte do quadro de Mestres.

d) Quanto à fala, ressalta-se que por ter sua doutrina transmitida oralmente, a UDV recomenda o cuidado com a palavra, principalmente durante o ritual. A recomendação por um uso consciente e positivo da palavra é uma constante nos ensinamentos da UDV. É através do uso da palavra e de atitudes conscientes e positivas que o ser humano pode atingir o objetivo da evolução espiritual. É imprescindível que não se pronunciem palavras negativas na sessão sem que depois se use uma palavra positiva, a fim de trazer força positiva para a sessão.

A UDV recomenda que a procriação seja fundamentada na constituição da família, isso significa que valoriza a harmonia nas relações familiares, o respeito entre o casal e educação dos filhos, no sentido de lhes serem ensinados valores positivos como, por exemplo: a honestidade e a sinceridade. Existem cerimônias de casamento e batismo no âmbito da UDV.

Não existem restrições alimentares, dietas especiais, nem indicação de abstinência sexual nos períodos que antecedem e procedem as sessões. Apesar de ter uma série de recomendações e sansões para aqueles que não cumprem as regras de conduta, a única proibição explícita é que o discípulo no âmbito do Centro não porte armas de qualquer espécie.

Capítulo 3. O ritual

Rito é uma cerimônia ou conjunto de cerimônias de uma religião. Victor Turner (2005) em "Floresta de símbolos" define ritual como sendo um comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos. Ele apresenta o ritual como um conjunto de significados onde os membros de uma cultura determinada devem interagir para que haja determinado tipo de coesão social. O autor distingue duas funções para o ritual:

a) uma função expressiva: onde o ritual retrata de forma simbólica, determinados valores essenciais e orientações culturais, expressando esses valores básicos de forma dramática, comunicando-os aos participantes e expectadores. Esse é um aspecto importante do ritual, pois os rituais possuem algumas propriedades que só podem ser compreendidos num contexto cultural específico e apenas por aqueles que possam decodificar seu significado.

b) uma função criativa: nessa função o ritual cria ou recria as formas através das quais os seres humanos percebem a realidade - os axiomas subjacentes á estrutura da sociedade e às leis da ordem natural e moral.

O estudo dos rituais e seus significados abrangem objetos, roupas, movimentos, gestos, sons, palavras, melodias e aromas, bem como o estabelecimento da ordem em que devem aparecer. Os rituais estão presentes em praticamente todas as sociedades, desde a mais "primitiva" a mais "civilizada" e são um modo de ação em que os grupos reafirmam suas crenças e valores em comum.

Helman (1994) acredita que:

> "Os rituais consistem em uma característica de todas as sociedades humanas. São uma parte importante na maneira como qualquer grupo social renova o mundo em que vive, e na maneira com que lida com os perigos que ameaçam aquele mundo" (Helman:1994:196).

As sociedades têm a necessidade de manter e revigorar, de tempos em tempos, os pensamentos e sentimentos coletivos que fazem a sua personalidade, a sua unidade. Segundo Durkheim (1996) essa restauração moral só pode ser obtida por meio de assembléias, reuniões, congregações, em que os indivíduos se aproximam uns dos

outros reafirmando em comum seus sentimentos comuns. Os rituais são formas de expressão onde os sentimentos coletivos são revividos e solidificados no interior dos indivíduos e essa interação se dá principalmente através dos símbolos. Os símbolos exprimem a unidade social sobre uma forma material. Um exemplo disso é o uso de uniforme pelos adeptos da UDV. Usar o uniforme transmite para os sócios um sentimento de pertença, de solidariedade grupal, uma forma de se sentir como parte de uma unidade social. Os símbolos presente nos rituais da sessão da UDV como a foto do M. Gabriel, as chamadas, as músicas, o uniforme, a bandeira[18], (com o símbolo da lua, estrela e o sol) e o hino da UDV reportam á idéias centrais da religião.

Bandeira da União do Vegetal. Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV.
Foto: Gabriela Ricciardi.

Ao entrar constantemente em contato com esses símbolos durante o ritual das sessões, os adeptos interiorizam seus valores solidificando o sistema comum de crenças.

[18] A bandeira é hasteada ao meio dia nos dias de sessão de escala anual. O Hino à bandeira é cantado pelos sócios no momento do hasteamento. Em algumas sessões de escala anual o hino também é colocado em forma de gravação.

> "... um símbolo é uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou lembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associação em fatos ou pensamentos". (Turner: 2005: 49).

Turner (2005) vê os símbolos como "unidades de armazenagem" que detém uma quantidade máxima de informação. Cada ritual é uma "agregação de símbolos" e atua como um "depósito de conhecimento tradicional". Isso se dá porque os símbolos rituais são "multivocais", ou seja, representam muitas coisas ao mesmo tempo. Cada símbolo corresponde a um grupo específico de valores, normas, crenças, papéis sociais e relações dentro do sistema cultural da comunidade que promove o ritual.

Para Helman (1994), um avental branco usado em um ambiente hospitalar provoca associações: um jaleco branco simboliza "ciência" e "confiabilidade". O avental reforça a idéia de como o médico deve vestir-se e comportar-se. Da mesma forma que um médico individual emprega os potentes símbolos da ciência médica tais como o avental branco e o estetoscópio, em rituais de cura não ocidentais, os curadores ou curandeiros empregam símbolos religiosos ou artefatos (textos sagrados talismãs, chamadas) que também simbolizam poderosas forças de cura.

Edward Sapir (1934) faz distinção entre duas categorias de símbolos.

1- Os símbolos referenciais - onde estão inclusos o discurso oral, a escrita, as bandeiras dentre outras organizações. São predominantemente cognitivos e se referem aos fatos conhecidos.

2- Os símbolos de condensação – nesta categoria estão inclusa a maioria dos símbolos rituais. É definido por Sapir como:

> "Formas altamente condensadas de comportamento substitutivo para a expressão direta, proporcionando a pronta liberação da tensão emocional de modo consciente ou inconsciente. O símbolo de condensação está saturado de qualidade emocional." (Sapir: 1934:492).

O interessante dessa análise é que enquanto o simbolismo referencial cresce com a elaboração formal no consciente, o simbolismo de condensação deixa raízes mais fortes e profundas no inconsciente, irradiando sua qualidade emocional para tipos de comportamentos e situações aparentemente distantes do significado original do

símbolo. Acredito que ambas as categorias de signo são importantes para evocar os aspectos curativos e confortantes do ritual estudado, embora os símbolos de condensação se mostrem mais eficientes uma vez que despertam modificações importantes no inconsciente possibilitando um cenário mais favorável para a transformação de sentimentos, pensamentos e emoções que conduzem ao alívio, cura ou transformação.

Um sócio da UDV revelou-me uma experiência que ilustra a associação dos símbolos dos rituais com a transformação do mesmo: Ele freqüentava a UDV há quase um ano e consumia bebidas alcoólicas (atitude que não é aprovada pelo grupo). Ele afirma que não era alcoólatra, mas ingeria "uma cervejinha de vez em quando para espairecer". Em um dia de sessão extra, ele optou por não ir para a sessão e resolveu sair com alguns amigos e amigas para mais uma de suas costumeiras "espairecidas". Quando o garçom chegou perto dele com o copo de cerveja, ele disse que ficou se sentindo "estranho e tonto", segundo ele, "como de estivesse de burracheira". Ao encostar o copo na boca, sentiu o cheiro e o gosto do vegetal, e começou a vomitar. Ele declarou que se sentiu arrependido de ter faltado a sessão para ir tomar cerveja e afirma que a partir daquele dia nunca mais bebeu bebidas alcoólicas.

Não me aterei ainda neste momento à análise de discurso. Mas a título de exemplificação e contextualização quero demonstrar que dois aspectos simbólicos presentes no ritual da UDV, que são o gosto forte e amargo do vegetal e seu cheiro característico, tiveram uma repercussão no inconsciente do entrevistado fora do contexto do ritual da sessão da UDV, evidenciando como os símbolos de condensação, propostos por Sapir, deixam raízes mais fortes e profundas no inconsciente, irradiando sua qualidade emocional para tipos de comportamentos e situações aparentemente distantes do local do ritual e do significado original do símbolo.

Os rituais reafirmam sistematicamente valores e princípios de uma sociedade e o modo como seus membros devem agir, contribuindo para recriar, na mente dos participantes, sua visão coletiva do mundo (Helman: 1994). Os udvistas possuem uma maneira de se comunicar e se expressar em comum, conservando é claro suas exceções e individualidades. As músicas tocadas nas sessões são compartilhadas e muitos adeptos se "convertem" a um gosto musical de acordo com a musicalidade escutada pelo grupo.

Helman (1994) acredita que em algumas sociedades a visão coletiva do mundo é mais racionalista, em outras, é mais mística. Tanto num caso quanto no outro, a perspectiva sobre os problemas de saúde, faz parte de uma visão maior de mundo, de como este funciona e de qual o sentido das coisas. Esta visão de mundo fornece uma estrutura conceitual e perceptiva, cujos limites poucos indivíduos ousam transgredir mesmo em pensamento. Esse sistema cognitivo comum a todos os membros de uma cultura ou sociedade faz com que o caos da vida e dos problemas de saúde seja compreensível, e forneça um sentido de segurança e um sentido maior para as pessoas.

A doença é vista (na UDV) como um merecimento, algo que o indivíduo que a possui tem que passar, sofrer, para aprender alguma coisa que o faça progredir no caminho da evolução espiritual. A doença também pode acontecer em virtude da desobediência humana, onde aqueles que não respeitam seus próprios limites estão sujeitos á contraí-las. Sentimentos negativos como ódio, raiva, mágoa, trauma, ressentimento, rancor, também podem ser um cenário ideal para o aparecimento de aflições e doenças. Daí a necessidade de "limpar o coração" desse tipo de sentimento a fim de evitar problemas posteriores. Esse sistema de crenças é compartilhado e reafirmado na maioria das sessões que se trata do assunto doença e saúde.

> "O sistema cognitivo comum refere-se à visão de mundo cultural do grupo de como seus membros percebem, interpretam e compreendem a realidade, especialmente a presença de problemas de saúde e outros infortúnios." (Helman:1994:26).

Alguns pesquisadores têm examinado como ocorrem os poderes curativos, onde a presença e certos atos rituais de determinadas pessoas promoveriam a cura de outras. Frank (1985), por exemplo, acredita que os métodos primitivos de cura envolvem um jogo entre paciente e curador, o grupo e o mundo sobrenatural; e isso serve para aumentar as expectativas de cura do paciente, ajudando a harmonizar seus conflitos internos, a reintegrá-lo com seu grupo e com o mundo espiritual, fornecendo-lhe um quadro conceitual para promover isso e tocá-lo emocionalmente. A função do processo por tanto é combater o desânimo e reforçar a auto-estima do paciente.

Diante da constatação de que o ritual é um componente essencial dos sistemas populares de cura, Achterberg (1985) têm atribuído seu poder a fatores como os seguintes:

> - “As preparações e participações rituais ajudam o paciente e a comunidade a sentirem-se em controle de uma situação que parecia desesperadora.
> - As relações dentro da comunidade são reforçadas e a solidariedade grupal é enfatizada.
> - O drama e a estética do ritual são reconfortantes e distrativos.
> - Certos aspectos do ritual reforçam os laços entre o paciente e o grupo do qual ele pode ter se sentido distanciado
> - O paciente pode sentir alívio através da crença de que a harmonia entre ele e o mundo espiritual foi estabelecida.
> - Os rituais e símbolos servem para interpretar o significado da doença e do papel do doente em determinado contexto cultural.
> - O paciente é tocado emocionalmente pela intensidade do ritual, aumentando assim sua esperança e confiança de que algo importante está para acontecer.
> - Quando preparados psicoativos são utilizados, ou quando ocorrem estados dissociativos ou outras alterações de consciência, como parte do ritual, o poder do curador é reforçado por experiências incomuns e estas reforçam os sistemas de crença espiritual.” (Achterberg, 1985:157).

A junção do ritual com o uso de psicoativos potencializa seus efeitos possibilitando um reordenamento do mundo e um conseqüente reencantemento, tornando os participantes mais confortados ou conformados o que é expresso na alegria e bem estar observados nos mesmos ao término dos rituais. Isso ocorre em parte porque os símbolos rituais são estímulos para a emoção.

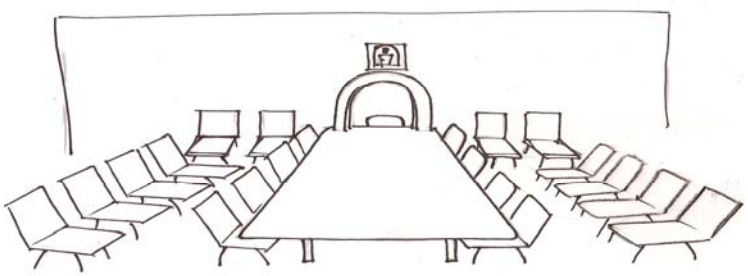
Com isso quero ressaltar a importância dos símbolos e rituais nos processos religiosos, em especial na União do Vegetal e como estes podem ter uma influência direta ou indireta, consciente ou inconsciente, no alívio das aflições e na cura. Assim, o uniforme: a camisa verde de sócio evidencia um grau de comprometimento com a instituição que exige um tipo de comportamento compatível com o proposto e esperado pela mesma. A estrela (presente na bandeira e no arco) bordada na camisa dos mestres representa a pureza, significando que os mesmos estão se conduzindo na direção de

alcançá-la, por isso devem servir de exemplo para os demais e buscar inspirar confiança em administrar o uso e os efeitos do chá (e dos seus aspectos curativos) através da oralidade e das chamadas. O símbolo da estrela reporta a uma idéia: um comportamento equilibrado, exemplo a ser seguido.

3.1. O local:

O local das sessões é o templo ou a casa de preparo. Neste local existe uma mesa, com uma cadeira na cabeceira aonde se senta o M. Dirigente. Há também cadeiras laterais, que na unidade estudada são quatro de um lado e quatro do outro. As demais cadeiras acompanham essa arrumação: lado direito e esquerdo da mesa e na frente. A posição da mesa no salão do vegetal é colocada de forma que o dirigente dos trabalhos fique em frente á porta principal de entrada. Em cima da mesa ficam jarras de água, copos, guardanapos de papel, e o filtro com o vegetal. Na cabeceira da mesa onde se senta o Mestre Dirigente (todo aquele que dirige a sessão, naquele momento, independente do grau hierárquico que ocupe, seja homem ou mulher, deve ser chamado de Mestre) existe um arco verde[19], decorado com estrelas amarelas e com as seguintes palavras: “UDV ESTRELA UNIVERSAL”. Atrás desse arco, fixado na parede fica a foto do M. Gabriel.

Os Mestres sentam-se atrás da mesa onde se senta o Dirigente, e ficam de frente à porta principal e aos discípulos. Os Conselheiros (as) sentam-se o mais próximo possível á mesa. As cadeiras que compõe a mesa são ocupadas por qualquer categoria de sócios.



Desenho: Mauritano José dos Santos Júnior.

[19] O arco é suficientemente alto para que uma pessoa de estatura mediana fique de pé.

Mestre Gabriel no arco. Foto utilizada nos templos da União do Vegetal. Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Cícero Lopes.

Existe um lugar destinado ao som e ao operador, que pode ser qualquer discípulo. O local onde acontecem as sessões é bem iluminado. Durante todo o ritual as luzes permanecem acesas. Próximo ao local das sessões existe uma mesa menor, com um recipiente com água potável ou mineral, e copos que podem ser de vidro, alumínio, inox ou plástico. Uma vasilha com (“tira gosto”) frutas: caju, laranja e maçã são as mais comuns, ou chicletes e balas. Essa disposição da arrumação varia de acordo com as unidades administrativas. Em alguns locais não existem vasilhas com “tira gosto”. O material dos copos também pode variar.

As pessoas quando saem do salão do Vegetal devem pedir licença e ao retornar, devem circular a mesa no sentido anti-horário, para "seguir a ordem" de forma que essa circulação possa "aumentar a burracheira" daqueles que estão presentes na sessão. Já ouvi relatos em que essa ordem não foi respeitada por displicência de um dos sócios e isso acarretou na diminuição da burracheira da maioria dos presentes. Também já aconteceu uma situação em que uma sócia estava incomodada devido à intensidade de sua burracheira e o mestre representante a orientou que fizesse a volta à mesa ao contrário. Ela afirma que o incômodo melhorou imediatamente e a burracheira, que estava muito forte, diminuiu. Assim, o aumento ou diminuição da força da burracheira é considerado como estado também vinculado à circulação correta ou incorreta ao redor da mesa.

3.2. As sessões

As sessões se dividem em: sessões de escala, sessões extras e sessões instrutivas.

As sessões de escala são realizadas no templo às vinte horas dos primeiros e terceiros sábado de cada mês, em todos os núcleos e pré-núcleos da UDV. Nessas sessões os sócios devem ir uniformizados. Quinze minutos antes, toca-se um sino, indicando que todos já devem estar sentados e uniformizados. Às vinte horas, todos ficam de pé e inicia-se a distribuição do vegetal. Os primeiros a receberem o chá são os discípulos pertencentes ao quadro de mestres, depois os do corpo do conselho, corpo instrutivo, os sócios, e os demais. Todos recebem seus copos e voltam para seus lugares. A circulação no salão do vegetal, como dito anteriormente, é feita no sentido anti-horário em relação á mesa. Depois, os mestres juntamente com todos, proferem algumas palavras. Bebem o vegetal primeiro as pessoas da sessão instrutiva (isso inclui mestres e conselheiros), e depois os demais. Todos sentam e começa a leitura dos documentos[20] que regem o centro. Essa leitura pode ser feita por qualquer sócio, e quem determina por quem será lido é o M. Assistente. Após a leitura dos documentos, é feita uma breve explanação por um sócio que normalmente pertence ao corpo instrutivo ou corpo do conselho, também convocado pelo M. Assistente. Ao fim da explanação, o

[20] Os documentos lidos durante a sessão são: Regimento interno, Boletins, Convicção do Mestre, e os Mistérios do Vegetal.

M. Dirigente (pode ser qualquer sócio convocado pelo M. Representante ou pelo M. Assistente, mas normalmente pertence á instrutiva, corpo do conselho ou quadro de mestres) faz as "chamadas de abertura", abre a sessão, e aqueles que quiserem perguntar, falar, sair [21], fazer chamadas, tem que pedir licença, que comumente é dada. A direção do ritual da sessão se dá através de perguntas e respostas. Algumas vezes são colocadas músicas, normalmente relacionadas com algum ensinamento ou doutrina trazida na sessão. Durante a sessão não é permitido conversar e toda fala é realizada por um pedido de licença.

Qualquer sócio pode fazer uma chamada ou falar. Mas a doutrina e as músicas são de responsabilidade do quadro de mestres, em especial do Mestre Representante. A repetição do vegetal só pode ser realizada até as vinte e duas horas. Onze e meia o M. Dirigente "despede a burracheira" através de chamada; é feito o aviso do dízimo, dado pela mesma pessoa que faz a explanação; e um breve intervalo que se inicia um pouco depois de onze e meia e vai até onze e cinqüenta e cinco. O dízimo é uma quantia que se dá de livre e espontânea vontade para compra de material de limpeza para higiene do salão. À meia noite é feita outra chamada, e inicia-se um espaço destinado aos avisos. Antes de meia-noite e quinze minutos o M. Dirigente deve já ter fechado a sessão.

Após a sessão existe uma ceia denominada lanche, com alimentos trazidos pelos próprios sócios, que são arrumados pelos zeladores, coordenados pela "Ogã" e liberados após o tocar de um sino. O lanche é feito no refeitório, e nesse momento as pessoas conversam e se confraternizam. A "Ogã" é uma mulher que fica responsável pela organização das sessões durante dois ou três meses (a depender do local), no sistema de rodízio. Normalmente é assumido por conselheiras, em virtude de uma maior responsabilidade com a instituição.

Os antropólogos têm descrito três tipos de rituais públicos:

1 - Os rituais calêndricos: celebram mudanças no ciclo cósmico tais como mudanças de estação, determinadas festividades e dias santos. Nessa categoria se enquadram as sessões de escala anual, as sessões de Cosme e Damião, Natal e Ano novo na UDV.

---

21 Sair do salão do Vegetal. Não é permitido sair do âmbito do Centro no momento da sessão, a não ser com a prévia autorização do Mestre Representante.

2 - Os rituais de transição social: Estão associadas a mudanças no ciclo vital ou social humano. Na visão de Leach, (1968) a maioria das ocasiões diz respeito, principalmente, ao "movimento que atravessa as fronteiras sociais, de um status para outro". Em tais circunstancias, o ritual proclama a mudança de status e as realiza magicamente. Para os participantes, se não houvesse o ritual, a mudança, de certa forma, não aconteceria. Temos como exemplo o ritual de batismo e casamento na UDV (realizados fora das sessões). Mudança "de faixa" de um Mestre Assistente para outro; a entrega da "estrela" - a algum mestre ou "CDC" - a algum conselheiro; o aniversário de mestres, aniversário de núcleos e pré-núcleos etc. (realizados com ou dentro das sessões).

3 - Os rituais de infortúnio: São realizados em épocas de crise inesperadas ou infortúnio. Existem duas funções para esse tipo de ritual: Uma função manifesta – a solução de problemas específicos. E uma função latente – restabelecimento de relacionamentos conturbados interpessoais. Nesta categoria de rituais podemos incluir as sessões "de caráter instrutivo", as sessões "de acerto", e em alguns casos as sessões "de casais".

- As sessões de escala anual: são "sessões de festa" e seguem quase o mesmo ritual das sessões de escala com a diferença que, em alguns desses dias, é contada a história da Hoasca, a estória da origem do chá. Nas sessões do dia 10 de fevereiro e 22 de julho, e 1 de novembro, ao meio dia, há o hasteamento da bandeira da UDV, do país e a do estado, em simultaneidade com o hino da UDV que é cantado pelos próprios sócios. À noite, nessas datas, pode ser executado o hino (em CD) durante as sessões.

- As sessões extras: são em dia e horário pré-estabelecidos pelo M. Representante. As sessões extras podem ser de aniversário de algum mestre, aniversário do núcleo, sessão de casais, onde só os casais que vivem junto podem ir, quadro de mestre, corpo do conselho, de caráter, de adventícios, de acerto. etc. Todas as sessões que não são de escala e instrutivas são denominadas "sessão extra". As sessões extras podem ser com uniforme, ou não, a critério do M. Representante.

a) As sessões de aniversário de um mestre: os mestres têm o direito de dirigir uma sessão no dia do seu aniversário, a critério do M. Representante. [22]

[22] Soube, recentemente, que essa prática está suspensa na UDV.

b) As sessões de aniversário de núcleos e pré-núcleos: acontecem a cada ano, no dia da inauguração de cada unidade administrativa. No caso estudado, o pré-núcleo Estrela da Manhã, acontece todo dia primeiro de maio.

c) Sessão de casais: ocorrem aproximadamente duas vezes por ano. Para participar dessas sessões devem estar presentes ambos os cônjugues: o homem e a mulher. Às vezes servem para orientar os casais quanto á uma boa convivência conjugal e familiar; às vezes servem para tratar de algum assunto específico que envolva a relação de casais.

d) Sessão de acerto: é marcada pelo M. Representante por uma necessidade específica do núcleo que envolve: adultério, relações interpessoais conflituosas, separação de casais, e diversos tipos de problemas. Nessas sessões são convocados os envolvidos, a direção do núcleo, e outras pessoas a critério do Representante.

e) Sessão de caráter instrutivo: O número desse tipo de sessões em um ano pode variar muito. Elas acontecem em épocas que antecedem preparos e têm como objetivo instruir as pessoas do corpo instrutivo no tocante a regras de comportamento e convivência, dentre outros assuntos.

- As sessões instrutivas: são realizadas ao meio dia, normalmente aos domingos, embora o dia da semana e do mês seja predeterminado pelo M. Representante. A estas sessões só podem freqüentar as pessoas do corpo instrutivo usando o uniforme. O conteúdo dessas sessões não pode ser revelado.

3.3. O preparo do vegetal

"Preparo do Vegetal" é o nome utilizado pelos filiados para a preparação do chá que será consumido nas sessões. A quantidade de preparos e a quantidade preparada de vegetal variam de uma unidade administrativa para outra e depende de fatores como, por exemplo, a quantidade de sócios. Na unidade administrativa estudada, realizam-se cerca de três a quatro preparos por ano.

O preparo se inicia com a "mensagem" que é a busca dos ingredientes necessários à preparação do chá: Marirí e Chacrona. Embora núcleos e pré-núcleos tenham esses vegetais plantados em seus territórios, muitas vezes ou a quantidade não é suficiente, ou as plantas ainda não se encontram em um estágio de desenvolvimento

que permita a colheita. Então nestes casos o Marirí é colhido em ambiente nativo, com a devida autorização das entidades competentes. A Chacrona é uma planta que tem se mostrado bem adaptada em praticamente todas as regiões do Brasil. Já o Marirí necessita de árvores de grande porte para a sua sustentação. É um vegetal nativo da região amazônica e necessita de cuidados especiais para ser cultivado em ambiente que não o nativo.

A UDV é uma religião que depende diretamente da natureza para a realização dos rituais, e se preocupa com a preservação do meio ambiente. A retirada do Marirí é supervisionada por mestres mais experientes de forma que não agrida o meio ambiente e que esteja em conformidade com as leis vigentes no país. A Chacrona, por ser mais adaptável, normalmente é retirada do próprio núcleo.

O Marirí é lavado e "batido" pelos sócios, e a Chacrona lavada. Inicia-se a partir daí o cozimento do vegetal. Essas plantas são depositadas em caldeirões preparados por um mestre, e juntamente com água são levados ao fogo em uma fornalha. O tempo de cozimento é variável. Quando a primeira panela vai ao fogo o trabalho é contínuo e a fornalha só se apaga quando a derradeira panela está pronta.

O preparo dura aproximadamente dois a quatro dias. Durante esse tempo os sócios ficam no núcleo realizando tarefas necessárias ao preparo do chá. Não é preciso usar uniforme, mas recomenda-se o uso de roupas discretas e compatíveis com o ambiente religioso. As refeições são doadas pelos mesmos e preparadas por equipes que se revezam: um grupo no almoço, outro no jantar, outro no café da manhã. As pessoas dormem em redes que são armadas dentro da "casa de preparo", logo após a distribuição.

O preparo é um importante momento dentro da UDV. No sentido "espiritual", está se preparando um chá sagrado que permite o contato direto com o divino, e que será consumido durante um período, nas sessões posteriores. Neste sentido, busca-se ter um pensamento positivo, assim como palavras e atos harmoniosos para que isso se reflita no "grau do vegetal". Devem-se evitar discussões e palavras negativas, sob pena do vegetal "captar" tal energia, tendo o risco de não "ficar no grau". Ficar e não ficar no grau significa respectivamente apresentar e não apresentar burracheira quando ingeridos numa sessão. Daí a recomendação em relação á harmonia dos filiados, a união para a realização dos trabalhos, ao cultivo de bons sentimentos... Segundo os adeptos tudo isso se reflete no "grau do Vegetal" preparado em um núcleo ou pré-

núcleo. É evidente o cuidado com a palavra principalmente no transcurso da distribuição, pois a mesma tem uma influência direta no vegetal e na burracheira.

No sentido social, o preparo é um importante momento de confraternização, de fazer amizade, estreitar as relações. O quadro de Mestre e o Corpo do Conselho podem observar mais de perto o comportamento dos discípulos, analisando sua conduta de uma forma que só a convivência mais próxima permite. As pessoas convivendo, tem oportunidade de aprender coisas novas umas com as outras, de criarem laços sociais entre si e de colocar em prática os ensinamentos no sentido de ter mais paciência, compreensão, amor, etc.

"Distribuição" é o nome dado às sessões que acontecem dentro do preparo. Seguem o mesmo ritual das sessões com poucas diferenças, a exemplo da mesa central que não é utilizada, como nas sessões de escala. Frequentemente acontecem á noite ou á tarde onde é ingerido o vegetal preparado.

Os (as) sócios (as) trabalham de acordo com a habilidade de cada um (a). Os mais fortes fisicamente batem Marirí, quebram a lenha que é utilizada na fornalha e ficam na "beira do fogo", administrando o cozimento. Outros (as) lavam Chacrona, ficam responsáveis pela limpeza dos sanitários, da área externa, da preparação dos alimentos, lavagem dos utensílios, etc. Não existe divisão de trabalho de acordo com gênero, e sim com aptidões pessoais e força física. A única recomendação é que mulheres menstruadas não batam Marirí e nem lavem Chacrona.

Depois de pronto, o Vegetal é armazenado em garrafas "pet", seguindo as regras prescritas pela vigilância sanitária. Posteriormente as garrafas são guardadas em um ambiente próprio que é denominado "quarto do Vegetal".

3.4. A Ayahuasca: O Vegetal

Não é só a UDV que utiliza a Ayahuasca nos seus rituais, como uma substância sagrada. Existem diversas religiões e seitas que fazem o uso da Ayahuasca no Brasil e no mundo. Numerosos grupos indígenas da região amazônica, pajés, xamãns e praticantes de diversas formas de neo-xamanismo urbano também fazem uso desses vegetais para fins medicinais e espirituais e de auto-conhecimento. É rara a utilização da Ayahuasca para fins meramente recreativos.

A Ayahuasca é um psicoativo que é a união de duas plantas: *Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridis*, conhecidos na UDV respectivamente como Marirí[23] e Chacrona. (Ver fotos abaixo).

***Banisteriopsis caapi,* Marirí.**

Marirí (DenominadoTucunacá pelos adeptos da UDV).
Foto: Gabriela Ricciardi.

[23] Para a UDV, existem dois tipos de Marirí: o Caupurí e o Tucunacá, mas ambos pertencem à mesma espécie (*Banisteriopsis caapi*). A diferença básica entre eles é a disposição dos "nós" (protuberâncias existente no cipó) que podem ser mais ou menos proeminentes.

Marirí (Denominado Caupurí pelos adeptos da UDV).
Foto: Gabriela Ricciardi.

Psychotria viridis, Chacrona.

Chacrona. Foto: Gabriela Ricciardi.

A nomenclatura do chá varia de acordo com a religião, seita ou grupo que é utilizada. A UDV o denomina “Hoasca” ou “Vegetal”. O Santo Daime e suas facções o chamam de “Daime”, e é com esse nome que a Ayahuasca é mais conhecida no Brasil. Os leigos costumam pensar que todas as comunidades que fazem o uso do chá são pertencentes ao Santo Daime, em virtude do nome com o qual o chá ficou popularmente conhecido. Mas é relevante ressaltar que esses grupos, apesar de terem em comum a utilização de um psicoativo, a Ayahuasca, diferem-se muito entre si no tocante a outros aspectos. O chá Ayahuasca é também denominado Nixi pae, Yahe, Yagé, Caapi, etc.

Existem relatos que dizem que o uso da Ayahuasca era difundido no império Inca, e a União do Vegetal compartilha dessa idéia. Para os adeptos da UDV, o Vegetal era utilizado desde a época do Rei Salomão, ou seja, antes da era cristã:

> “Trata-se de uma religião que já existira na terra, muitos séculos antes de Jesus Cristo. Sua origem data do século X A. C., no reinado de Salomão, rei de Israel. Por razões diretamente ligadas ao baixo grau de evolução espiritual da humanidade na época, a União do Vegetal desapareceria por longo período. Ressurge entre os séculos V e VI, no Peru, na civilização Inca (cujo advento e apogeu a historiografia oficial registra apenas entre os séculos XIII e XIV). (“ União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos”, p. 35)

Embora não exista comprovação científica de tais fatos, sabemos que o uso de psicoativos acompanha a humanidade desde seus primórdios. Escohotado (1994) afirma que desde a antiguidade remota já existiam plantações de papoula. A primeira notícia escrita sobre substâncias psicoativas apareceu três mil anos antes de Cristo em hieróglifos egípcios onde o uso do ópio era recomendando como analgésico e calmante, tanto para ser usado como pomadas, como por via retal e oral. O autor descreve como os psicoativos foram utilizados pela humanidade em diversas etapas do seu desenvolvimento e como o uso dessas substâncias se alterou no decorrer do tempo. Já o antropólogo Rudgley (1995) relata que existem provas ainda mais antigas sobre o uso de psicoativos na história da humanidade: Há evidências de cerâmicas que foram utilizadas para a ingestão de ópio e cannabis, na região oeste do Mediterrâneo, na idade

de Ouro, no sexto milênio antes de Cristo. Na região hoje ocupada pelos espanhóis também foram encontrados objetos paleobotânicos da era neolítica (4200 a.c.) que evidenciam o uso de ópio por povos primitivos que habitavam aquele local. Na região da Itália, foram encontrados vasos cerâmicos (3.000 a.c) que continham resquícios de sementes de cannabis.

Através de evidências arqueológicas supõe-se que a existência do uso ritual da Ayahuasca por indígenas amazônicos remonta a mais de 5000 anos (Schutles: 1972). O primeiro registro por ocidentais sobre essa prática indígena ocorreu no século XVII, quando missionários jesuítas descreveram a existência de "poções diabólicas preparadas pelos nativos da selva peruana (Ott: 1994).

Michael Taussig (1993) em pesquisa realizada na década de setenta em Putumayo encontrou escritos de um Padre (Manuel Maria Alvis) datados de 1854, publicados na revista da Sociedade Etnológica Americana em 1960 que, em um anexo intitulado "Remédio empregado pelos índios", assim descreve a Ayahuasca:

> "Aquece e é bom para quem está envenenado. As folhas queimadas são oferecidas com água misturada com cevada e mel ás mulheres que padecem de amenorréia. Cozida e misturada com a casca ralada de um cipó denominado yoco, é boa para desinteria." (Taussig, 1993:297).

Descreve, ainda se referindo aos hábitos indígenas:

> "(...) Seus médicos estão acostumados a tomar a infusão de um cipó denominado *Yoge (Yagé?),* que provoca a mesma sensação que a *tonga* ou *borrachero*, e sob efeito da ilusão provocada por essa intoxicação eles acreditam que vêem coisas desconhecidas e advinham o futuro. A maior parte desses embusteiros fingem ter na floresta uma onça que lhes conta tudo. Dedicam-se á sua profissão com muita atenção e minúcia, como se fosse uma verdadeira ciência. Acreditam que a onça é o demônio e afirmam que ela fala com eles. Eles ficam de tal modo absortos em suas quimeras que acabam sendo os primeiros em acreditar em suas próprias ficções". (Taussig, 1993:297).

Taussig sustenta que a cura xamânica era realizada naquela época no alto do Putumayo através principalmente do Yagé. Os índios habitantes dos contrafortes do Putumayo diziam que se trata de uma dádiva especial de Deus para eles e só para eles. O Yagé era considerado o estudo e a escola, algo ligado á origem do conhecimento e da sua sociedade. Teria sido o yagé que ensinou aos índios o bem e o mal, as propriedades dos animais, os remédios e as plantas comestíveis. Com isso o autor analisa como essa planta estava associada e interligada a cultura indígena no que se refere à cura e manejo dos infortúnios.

Embora o consumo do chá seja considerado um elemento importante, não pode ser compreendido como objetivo principal da União do Vegetal. O chá é um instrumento para a interiorização e busca de evolução espiritual e que juntamente com a doutrina possibilita essa evolução. Só podem comungar o vegetal regularmente, e se tornar um sócio da UDV, os maiores de dezoito anos. Os menores de idade não podem se tornar sócios, mas podem beber o vegetal desde que possuam autorização e consentimento oficial dos pais ou responsáveis. Não é permitida, na UDV, a mistura do chá com outras substâncias, ou a comercialização do mesmo pelos sócios. Segundo a própria instituição:

> "A União do Vegetal defende o uso ritualístico da Hoasca, sob a responsabilidade de um dirigente religioso (que, dentro de sua hierarquia, denomina de Mestre). Opõe-se categoricamente à comercialização da bebida, por entendê-la inadequada ao uso indiscriminado por parte de pessoas não iniciadas. E ainda: é terminantemente contrária ao uso do chá associados a drogas de qualquer espécie". ("União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos", p. 17).

3.4.1. Estudos farmacológicos.

A primeira identificação botânica da Ayahuasca ocorreu no ano de 1852, pelo botânico britânico Richard Spruce (Schultes: 1968). A partir daí iniciou-se investigações em diversas áreas do conhecimento científico a fim de compreender os aspectos farmacológicos, psicológicos e sócio-culturais dessa substância.

Não nos ateremos a descrever os aspectos farmacológicos, médicos e biológicos que envolvem a Ayahuasca. Porém um breve esclarecimento se faz necessário e para um panorama mais abrangente é importante o diálogo e apropriação de conhecimento entre as diversas áreas de estudo sobre o tema.

Como já foi dito anteriormente, a Ayahuasca se baseia na decocção de dois vegetais: as folhas da Chacrona e do cipó do Marirí. Estes têm como nome científico, respectivamente *Psychotria viridis* e *Banisteriopsis caapi*. A psychotria contém um princípio psicodisléptico: a N, N, Dimetiltriptamina, o DMT. Esta substância não é ativa quando ingerida oralmente, mas pode se apresentar oralmente ativa quando na presença do inibidor periférico da MAO – existente no Marirí. Quando administrada por via oral, a DMT é degradada pela monoaminoxidase (MAO), presente nos tecidos periféricos, tornando-se inativa. O Marirí contém alcalóides que atuam inibindo a MAO, evitando que esta enzima desative a DMT quando ingeridas oralmente.

Esta interação é à base da ação do efeito psicológico de "expansão da consciência" do chá, possibilitando ao indivíduo experiências extras cotidianas, que segundo os usuários, nada se aproximam de uma "alucinação", definida como:

> "Percepção sem objeto, percepção sensorial falsa, sem associação com estímulos externos reais. Podendo associar-se ou não a uma interpretação delirante". [24]

Ou ainda:

> "Aparente percepção de objeto externo não presente no momento; ilusão; devaneio; loucura; delírio" [25].

Embora os agentes psicodélicos atuem nos receptores cerebrais produzindo mudanças somáticas, esses agentes não determinam por si as características da experiência; estes abrem as portas para outras formas de percepção da realidade. Mas nesses espaços cada indivíduo, imerso na sua cultura, colocaria os seus próprios

[24] Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. Descrições clínicas e Diretrizes Diagnósticas - Coordenação da Organização Mundial de Saúde; trad. Dorgival Caetano -Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

[25] Bueno, Silveira. Minidicionário da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 2000.

conteúdos, que seriam determinantes da natureza e significado atribuído às suas experiências. O agente psicodélico é apenas um agente, e a experiência é uma combinação entre os efeitos da substância, a disposição psicológica do indivíduo, e as características do contexto onde a experiência acontece (Becker, 1976).

O conjunto destes fatores: sociais, culturais, emocionais e psicológicos é que torna o efeito do chá uma experiência única dotada de significado especial para os usuários, sendo essa experiência regulamentada e supervisionada em contextos ritualísticos. Daí a necessidade de um estudo mais aprofundado, multidisciplinar sobre a Ayahuasca, buscando perceber não apenas seus aspectos farmacológicos, mas também os aspectos sociais, psicológicos e antropológicos pertinentes ao uso, para um diagnóstico mais preciso sobre a utilização e seus efeitos, evitando o "reducionismo farmacológico".

Os adeptos do uso do chá nos rituais da UDV relatam que a sensação é de total êxtase religioso. Uma consciência mais clara e uma tranqüilidade interior que possibilita transcender, mas sempre se sabendo quem é, onde está e o que está fazendo ali. Segundo os mesmos, em nenhum momento se perde a consciência, o que ocorre é uma expansão que permite analisar melhor a vida e ver as coisas como realmente são; sem diminuir e sem aumentar.

A classificação da Ayahuasca como droga alucinógena causa grande desconforto entre os freqüentadores da UDV e de outras religiões ayahuasqueiras. Um dos entrevistados para esta pesquisa relata que "o chá não é droga" e que o auxiliou na cura de problemas físicos e psíquicos. São muitos os relatos de pessoas que conseguiram "se libertar da dependência de drogas"; "curar um trauma"; e mudar positivamente suas vidas fazendo o uso do chá. Alguns entrevistados afirmam que a relação com as "drogas" era em virtude de um vazio existencial, que foi preenchido quando em contato com o Vegetal.

O termo alucinógeno tem sido amplamente questionado pelos ayahuasqueiros de diversas religiões porque desqualifica as experiências produzidas nas pessoas além de possuir um caráter depreciativo. Conforme MacRae (1992) o termo enteógeno é considerado mais adequado por enfatizar aspectos culturais e simbólicos, evitando um reducionismo farmacológico que desconsidera o caráter fenomenológico da experiência. Enteógeno é uma expressão que vem do grego e foi utilizada inicialmente por Gordon Wasson, Carl A. P. Ruck, Jeremy Bigwood, Danny Staples, e Jonathan Ott

(1978) para se referir aos vegetais que proporcionam ao ser humano o contato com o mundo espiritual e suas entidades. Entheos significa “inspirado ou possuído por um Deus que tenha entrado em seu corpo” e geno “geração, produção de algo” se aplica aos transes proféticos e aos estados místicos que eram experimentados através da ingestão de substancias psicoativas. Mac Rae (1992) explica enteógeno significando “deus dentro”, estado em que alguém se encontrava quando inspirado ou possuído por um Deus que entrou em seu corpo. Propõe também a terminologia “psicoativo” ou “substância psicoativa”, que indica uma substância que ativa a psique ou age sobre ela, em oposição ao termo droga, que é empregado como sinônimo de algo que não presta. Os termos “enteógeno” e “psicoativo” se mostram mais adequados, pois são mais precisos para definir o uso dessas substâncias dentro de um caráter sagrado e religioso, objeto de estudo da pesquisa.

3.4.2. A trajetória de legalização

Em 1985, a DIMED - Divisão de Medicamento do Ministério da Saúde incluiu em caráter proibitivo o *Banisteriopsis caapi,* o Marirí, na lista de substâncias entorpecentes, e a UDV, em respeito às leis do país, suspendeu imediatamente a distribuição do vegetal em todo o país durante dois meses. A direção do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal solicitou ao Conselho Federal de Entorpecentes – CONFEN, responsável pela política de entorpecentes no Brasil, que examinasse o uso ritual do chá na UDV, com o objetivo de comprovar que se tratava de um chá inofensivo à saúde, administrado em um contexto ritualístico que não oferecia nenhum tipo de dano á sociedade.

Foi instituído um Comitê Interdisciplinar de Pesquisa, organizado pelo CONFEN, responsável por examinar o uso do chá no contexto religioso da UDV, Colônia 5000 e Alto Santo, desenvolvendo várias atividades, a fim de conhecer os aspectos sociológicos, antropológicos, químicos, médicos e de saúde em geral a respeito do uso do chá. Estabeleceu-se, naquela oportunidade, um acordo de cavalheiros entre o Grupo de trabalho e a UDV: enquanto a equipe não concluísse o trabalho, o ingresso de novos adeptos seria interrompido, entretanto, os que já eram

iniciados continuavam com o direito ao uso ritualístico do vegetal. Eis algumas observações presentes no relatório do Comitê:

> "Findas as cerimônias, todos de uma maneira aparentemente normal e ordeira voltam aos seus lares. Os seguidores da Seita parecem ser pessoas tranqüilas e felizes. Muitas atribuem reorganizações familiares, retorno de interesse no trabalho, encontro consigo próprio e com Deus, etc., através da religião e do chá.". (Relatório do CONFEN, in: União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos, p. 80).

> "O uso ritual do chá parece não atrapalhar e não ter conseqüências adversas na vida social dos seguidores das diversas seitas. Pelo contrário, parece orientá-los no sentido da procura da felicidade social dentro de um contexto ordeiro e trabalhador." (Relatório do CONFEN, in: União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos, p. 91).

Com relação ao termo alucinógeno já discutido, o Grupo de Trabalho faz no relatório a seguinte declaração:

> "O que é possível afirmar é que a busca de uma forma peculiar de percepção, empreendida pelos usuários da ayahuasca, em seus diversos "trabalhos", não parece alucinação, se tomado o termo na acepção de desvario ou insanidade mental. Houve, sim, em todos os grupos visitados, a constatação de um projeto rigorosamente comum a todos eles: a busca do sagrado e do autoconhecimento. Não cabe, também ao Grupo de Trabalho definir se a forma de experimentar o sagrado ou o autoconhecimento é ilusão, devaneio ou fantasia - acepções outras de alucinação." (Relatório do CONFEN, in: União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos, p. 91).

Neste mesmo período,em 1986, profissionais de saúde vinculados à UDV se reuniram no sentido de adquirir informações científicas existentes a respeito do chá, criando o Centro de Estudos Médicos, que posteriormente foi denominado DEMEC – Departamento Médico Científico da União do Vegetal – instituição vinculada à UDV que perdura até os dias atuais, e tem como um dos seus objetivos, comprovar cientificamente que o uso da Hoasca ou vegetal é inofensivo à saúde. No livro

publicado pela instituição “União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos”, encontramos a seguinte declaração:

> “A União do Vegetal, em seu estatuto, afirma que o chá Hoasca, ingerido em suas sessões ritualísticas, é inteiramente inofensivo à saúde, quer física, quer mental. O Centro de Estudos Médicos da União do Vegetal – órgão que congrega os profissionais de saúde associados, em todo o país, à nossa religião – endossa, sem qualquer receio, essa afirmação.
>
> E o faz não apenas com base em estudos multidisciplinares – produzidos no Brasil e exterior -, mas, e principalmente, tendo em vista uma poderosa evidência, que não pode ser desprezada por qualquer metodologia científica, por mais rigorosa: a própria saúde (física e mental) dos usuários do chá.
>
> A União do Vegetal possui numerosos sócios em idade avançada, nos meios urbano e rural, que utilizam o chá a décadas, sem que qualquer prejuízo lhes tenha daí advindo. Muito ao contrário, os usuários do chá, de um modo geral, exibem excelente estado de saúde”. (“União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos”, p. 47).

Em 1986 as autoridades do CONFEN – Conselho Federal de Entorpecentes, órgão pertencente ao Ministério da justiça, (após minuciosa pesquisa que envolveu profissionais de diversas áreas) revogou a medida proibitiva que datava de 1984. A equipe, por unanimidade de votos, decidiu pelo fim da proibição.

Neste mesmo ano a Ayahuasca foi retirada da lista de substâncias proscritas por não haver material científico que provasse os efeitos nocivos do chá:

> “ISTO POSTO, tendo em vista a competência legal do Conselho Federal de Entorpecentes, a quem cabe, legalmente, exercer a orientação normativa, coordenação geral, supervisão, controle e fiscalização relativamente ao uso de drogas, tendo em vista que as decisões do CONFEN deverão ser cumpridas pelos órgãos de administração federal, integrantes do Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes, tendo em vista, destarte, que pode o CONFEN, a qualquer momento, determinar as medidas para o controle, ou, até, a proscrição de qualquer substância cujas

> circunstancias peculiares assim o aconselhem, tendo em vista, entretanto, que não ocorrem, até o presente momento, circunstancia que indiquem, relativamente ao uso que vem sendo feito da "ayahuasca", a necessidade de qualquer alteração das atuais listas do DIMED, a proposta á soberana decisão do plenário do Conselho Federal de Entorpecentes é no sentido de que seja mantida a presente orientação adotada pela DIMED em suas últimas portarias, elaboradas com a colaboração do próprio CONFEN, de excluir das supracitadas listas as espécies de vegetais que integram a elaboração da "ayahuasca", conhecida, mais comumente, no Brasil, como "Daime" ou "Vegetal", entre outros nomes antes citados. Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá – Presidente do Grupo de Trabalho". (Relatório do CONFEN, *in*: União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos, p. 94).

Finalmente em 09/11/2004 o chá foi definitivamente liberado e o uso ritualístico reconhecido oficialmente como inofensivo à saúde.

3.4.3. A Burracheira

A "burracheira" é o nome dado pelos adeptos da UDV ao efeito do Vegetal. Quando perguntado a um Mestre o que significa burracheira, ele respondeu:

> Entrevistado "E":
> -"Burracheira pelo que nós conhecemos que Mestre Gabriel deixou, afirma ser uma força estranha, e como é que a gente pode compreender essa força estranha. Porque no momento que a gente bebe o Vegetal, e que, porque, a gente tem um mundo interior que a gente não conhece, então cada momento desse em contato com o chá que sente a burracheira então aflora um sentimento, um lugar em nosso espírito que a gente não tinha entrado em contato ainda, então a burracheira é esse lugar de descoberta de um mundo interior que a gente fica mais consciente de tudo que a gente precisa".

Outro Mestre afirma que:

> Entrevistado “G”:
> -“Burracheira é uma força e uma luz divina que vem do alto, do superior, e que vem transformando a vida das pessoas, a gente só tem burracheira quando bebe o chá. O chá é material, porque a gente bebe uma coisa que é matéria, e aí vem uma coisa divina que vem modificando e transformando as pessoas”.

Os discípulos também compartilham da mesma idéia sobre o que é a burracheira:

> Entrevistado “A”:
> - “Os mestres dizem e eu também posso dizer que é uma força estranha uma força que é um mistério, a buracheira é um mistério divino, uma coisa, uma luz divina que vem pra clarear as pessoas, a mente das pessoas que bebem o vegetal, pra mim é isso”.
>
> Entrevistada “B”:
> - “Eu poderia dizer que a burracheira é o efeito do vegetal, mas pra mim a burracheira é uma luz divina que orienta a pessoa a ver o que às vezes a vida, com toda a sua, seu dia a dia, não lhe deixa perceber (...)”.
>
> Entrevistado “F”:
> - “Burracheira prá mim é a verdadeira religação. Religião é religar. Nessa religião que é a UDV, que se comunga um chá, foi entre todas que eu já freqüentei, a que, a que eu posso dizer que vejo um sagrado em mim, que sinto Deus.
>
> Entrevistado “K”:
> - “É como se fosse meu terceiro olho”.

O efeito do chá pode ser comparado ao êxtase religioso que coloca o indivíduo em contato direto com o plano espiritual. Ele facilita a concentração mental, a interiorização, produz clareza de consciência e aguça a percepção. A burracheira é uma “força estranha”, mas o que é essa “força estranha” e como ela age em cada um é um

mistério. Falar da burracheira é falar de algo subjetivo, impalpável. È falar de algo imaterial e que só pode ser sentido.

Na parte em que me refiro aos estudos farmacológicos, fica evidente que o chá proporciona um efeito, através das substâncias componentes. Mas isso por si só não dita o caráter fenomenológico da experiência. Há pessoas que o ingerem pela primeira vez e sentem seus efeitos, já outros desistem de beber o chá após longo período de insistência, pois afirmam nunca terem sentido absolutamente nada mesmo com doses mais elevadas. Esta questão de dose também é interessante. Alguns precisam de mais. "Copo cheio, na cinta", outros com "dois dedos" têm burracheira. A quantidade de Vegetal é dada pelo Mestre Dirigente por uma "sensibilidade" em relação ao discípulo. É algo subjetivo. Não é por peso corporal, nem pela altura, nem pelo gênero, nem pela idade. É algo que transcende tudo isso. "É a necessidade do espírito naquele momento para ver o que ele está precisando para melhorar a sua vida", diz um mestre. Se a pessoa não tiver burracheira em uma sessão ela pode solicitar ao M. Dirigente repetição do Vegetal. Fica a critério dele dar ou não. Nas sessões de escala a repetição só pode ser realizada até as vinte e duas horas. A dose da repetição é também é dada pelo sentimento, seguindo a subjetividade acima mencionada.

Em uma sessão é previsível que, senão todas, a maioria das pessoas sentir ou ter burracheira. A sua intensidade varia de um indivíduo para o outro, de um momento para o outro, e depende também da capacidade do M. Dirigente de dirigir a sessão e de "chamar a burracheira". Segundo relatos, o efeito do Vegetal pode se intensificar, ou diminuir com as chamadas e com a utilização da palavra na sessão. As chamadas realizadas nas sessões da UDV lembram os Ícaros, cânticos realizados por xamãs e curandeiros ayahuasqueiros que os utilizam para conduzir as visões aumentando ou diminuindo os efeitos nos seus pacientes.

A experiência de quem toma o chá é sempre única e imprevisível, independente do grau hierárquico que a pessoa esteja ocupando na UDV. Assim uma pessoa que bebe o chá pela primeira vez pode ter uma revelação importante, obter uma cura ou alívio de alguma aflição, ao passo que outros podem passar anos freqüentando as sessões, ter uma posição hierárquica mais elevada, e ainda assim não conseguir ter uma visão mais marcante ou a cura (alívio) para algo desejado. É natural que todos queiram ter ou sentir burracheira, pois para isso bebem o chá. Aqueles que não sentem o efeito muitas

vezes se sentem como que castigados por não ter o merecimento de ver ou receber algo que precisam.

Em 1964, os psicólogos Leary, Alpert e Metzner (1993) revelaram a importância do set e setting nos estudos sobre a ingestão de substâncias psicoativas. Existe uma relação direta entre o usuário da Ayahuasca e o meio social em que ele vive, sendo que nessa interação são relevantes: a) a substância e sua atuação no corpo humano; b) o set, ou o estado psicológico do indivíduo, sua personalidade e as expectativas que possui em torno do efeito da substância; e c) o setting que representa o meio físico, e sócio-cultural onde ocorre o uso da substância.

A burracheira está ligada aos componentes psicoativos, ao set e ao setting. As visões e as experiências sofrem influência do estado psicológico do indivíduo, das expectativas do mesmo em relação aos efeitos, do meio social e cultural onde está ele está inserido. O medo, a culpa, a desconfiança, a ansiedade, podem ser potencializados durante a sessão, gerando desconforto físico e psicológico. É a chamada “Pêia”.

“Pêia” é quando a burracheira vêm acompanhada de sentimentos desagradáveis como mal estar físico, náuseas e vômitos, dor e desconforto psicológico. Essas sensações são atribuídas a alguma desarmonia no corpo e na mente. As desarmonias do corpo pode ser devido a alguma doença, alguma coisa na alimentação que não se digeriu, etc. Segundo relatos dos integrantes da UDV, a burracheira mostra, a depender do merecimento, se a pessoa tem alguma doença ou problema de saúde.

> Entrevistada “B”:
> - “Eu parei de usar as drogas e tinha continuado fumano cigarro, e chegou uma hora que eu senti que o vegetal estava me botano na parede, mostrando, mostrando, mostrando, e tipo assim... chegou um momento em que eu sentia que eu não tava querendo beber o vegetal porque eu tava sentino muita coisa, vendo muita coisa do cigarro, ou seja, eu tava escolhendo ficar com o cigarro. E eu fui nesse dia beber o vegetal, no dia primeiro de abril, e eu tive uma burracheira muito forte me mostrando assim que se eu continuasse fumano eu ia ter conseqüências pra minha saúde grave, mas foi uma sessão tão forte que eu fiquei passando assim... pedino a Deus pra não morrer naquele momento, e quando eu pedi isso a ele... aí veio um conforto assim, do céu, mas falano que eu devia fazer a minha parte. E eu não obedeci né? Eu passei aquele momento e não obedeci. Continuei fumano Então, quando foi agora em abril, eu (...) tava num momento difícil de

> minha vida(...) e eu bebi o vegetal aí a burracheira me mostrou novamente do mesmo jeito, assim, e ainda mostrou que eu já sabia daquilo ali, que ela já tinha me dito aquilo ali, já tinha me mostrado aquilo ali e que o caminho que ia levar a esse, era aquele ali, só que eu tava no momento me sentindo mais forte pra mudar. Então, desde esse dia que eu não fumo cigarro mais (...)".
>
> Entrevistada "H":
> - "(...) eu tive uma burracheira muito forte e eu passei muito mal e foi assim horrível, e eu tive uma miração[26] terrível porque eu vi tudo preto na minha frente, eu me vi dentro de um cemitério com um monte de caveira em volta, e eu respirava e saia fumaça de minha boca, e tudo preto, e eu empesteava o salão do preparo, tudo com preto, à medida que eu respirava, eu soltava uma fumaça preta e de repente eu na minha miração né, eu tinha deixado o salão todo preto, e era eu que tava tão poluída que tava deixando tudo preto. E eu tive essa percepção clara que eu tava muito doente e que o cigarro é uma coisa muito negativa e que eu tinha que parar, não tinha escolha se eu queria ou se eu não queria, eu tinha que parar. Naquele momento eu nem tava com vontade de parar, mas eu me senti obrigada a parar.

No caso, "B" e "H" fumavam cigarro e viram através da burracheira as conseqüências nocivas do cigarro para a sua saúde, chegando até a pensar que poderiam morrer naquele momento. É como se a burracheira mostrasse o que aconteceria com a saúde delas se as mesmas continuassem fumando. Tal fato impulsionou as entrevistadas a modificarem um hábito que elas consideravam nocivo: o tabagismo.

As desarmonias da mente podem ser decorrentes de sentimento de culpa, ansiedade, raiva, mágoa, vivência de situações traumáticas não resolvidas, estresse, etc. Apesar de ser vista também como um "castigo" dado pelo vegetal em decorrência de

[26] Miração é o nome dado pelos adeptos às visões produzidas na burracheira. Essas visões são de caráter individual e normalmente possuem ligação com o momento ou a história de vida de cada um. Alguns adeptos afirmam nunca ter tido mirações, já outros a tem com freqüência. De certa forma essas mirações ou visões tem um importante papel na experiência de transformação, já que são experiências "fortes", vistas como um sinal divino de que algo precisa ser transformado.

algum ato ou pensamento mal sintonizado, os adeptos consideram a pêia como sendo algo positivo e transformador. Depois do desconforto, normalmente sentem-se invadidos por um bem estar. É como se tivessem reconhecido em si aquilo que não está bem, e nesse sentido, buscam solucionar seus problemas, modificar seus pensamentos e ações, em busca de harmonia, equilíbrio e bem-estar.

Entrevistado “A”:

- “Eu uma vez eu tive a experiência do, de ta passando mal e ter que vomitar, e eu me agachei para vomitar, e nesse dia eu tava com sentimento de muita raiva, um sentimento ruim assim, sentimento de raiva, de mágoa, e nesse dia eu agachei... tava um pouco mal, tava passando aperto e fui vomitar. Quando saiu o primeiro líquido, assim, junto saiu um vulto, assim, um vulto preto que era tipo um vampiro com uma capa preta, assim, que pra mim assim era esse sentimento ruim que tava saindo de dentro de mim, que eu tava limpando aquele sentimento ruim de raiva, de mágoa. Essa foi uma experiência assim... que eu senti, eu tive essa miração... eu vi uma capa tipo um vampiro assim saindo de dentro de mim, e aos poucos durante a burracheira eu fui pensando nessa situação dessa raiva e foi amenizando assim, foi passando, foi tranqüilizando, e hoje em dia assim, agora mesmo eu sou mais tranqüilo em relação a esse sentimento que eu tinha, não sinto mais raiva, não tenho mágoa, a religião me ajudou a me dar melhor com o meu sentimento”.

Entrevistado “D”:

- “Isso tem um ano mais ou menos, eu bebi o vegetal, onde eu me via dentro do salão, eu me via, eu abria o olho e me via ali, usando droga, e doidão, e aquela malandragem, e aí eu comecei a ficar apavorado com essa miração que eu tava tendo e aí pensei: pôxa, vou dar uma volta lá fora. E aí quando eu levantei do salão do vegetal pra ir lá fora, eu tava me perseguindo, doidão. Aí eu fiquei assustado e fui lá pra fora. Aí fui pra cozinha, concentrei, fechei o olho, quando abri o olho, eu tava lá atrás de uma árvore, cheirando, fumando, tava bebendo, tava numa miração muito doida, onde eu cheguei e chamei pelo Mestre Gabriel. Falei: Mestre Gabriel o que o senhor ta querendo me mostrar? Aí na hora veio o pensamento de como eu era. Aquilo me mostrando como eu era e o quanto eu venho melhorando, o quanto eu tava bem. E aí desapareceu aquela visão, e eu me senti confortável por tá bem, e aí foi onde eu fiz uma limpeza também. Vomitei. Aí o

> mestre... foi me dá um auxílio, me levou pro salão, e eu me senti bem. Aquilo me mostrando o quanto eu tinha melhorado, o quanto que eu tô melhorando".

O oposto da "pêia" é a "Burracheira de luz". Acontece quando o usuário tem visões bonitas e positivas. Quando se sente penetrado pela presença de Deus, quando se sente como fazendo parte do sagrado. A "pêia" pode se transformar em uma burracheira de luz em uma mesma sessão, como nos casos "A" e "D" e o contrário também pode acontecer, a depender da "freqüência" de pensamento e sentimento que a pessoa se ligar. É necessário ter "firmeza no pensamento" a fim de que se possa focalizar a atenção, os pensamentos e sentimentos na "força positiva", como forma de evitar sensações desconfortáveis.

Um aspecto interessante observado durante as sessões é o aspecto purgante ou purgativo do chá. Alguns vomitam, outros têm diarréias, às vezes as duas coisas ao mesmo tempo. Contudo, mais interessante ainda é como os adeptos encaram com naturalidade esses procedimentos. Essas manifestações são consideradas positivas, vistas como uma limpeza do organismo. Limpeza de algo que comeu se e não fez bem, limpeza de alguma má energia captada pelo indivíduo, limpeza de sentimentos negativos como ódio, mágoa, etc. Então o que em um contexto sócio-cultural poderia parecer algo nojento, sinônimo de enfermidade e mal-estar, em outro contexto é sinônimo de limpeza orgânica e espiritual que causa alívio e bem estar aos adeptos.

> "Tomar ayahuasca, que também é conhecida como la purga, é concebido como uma maneira de "por para fora" as doenças, estados de espíritos negativos e outras fontes de problemas e infortúnios. A confiança nas qualidades profiláticas que lhes são atribuídas, aliada á experiência de seu efeito emético e catártico, sem dúvida contribui muito para a criação de uma sensação de "limpeza" e o clima de alegria e descontração que reina entre os participantes após a sessão". (Mac Rae:1992:54).

É por essa e outras razões que é difícil falar da burracheira. É preciso senti-la, mas mesmo sentindo é difícil explicar. Nós podemos explicar o que é água. Podemos dizer que ela é composta de duas moléculas de hidrogênio, e uma de oxigênio. Podemos dizer que é imprescindível para a vida na terra. Podemos falar muitas coisas

sobre a água. Mas para se saber o que ela é, temos que experimentá-la. Temos que cheirá-la, temos que senti-la, pois através do sentimento que ela desperta em nós é que podemos conhecê-la em sua essência. Assim é o Vegetal. Todas as definições farmacológicas, e todas as descrições médicas, psicológicas, biológicas, sociais, antropológicas, dificilmente chegarão à essência de conhecer na plenitude os efeitos da Ayahuasca, pois para cada um (a), e em cada momento, o efeito é diferente. Em cada um (a) ela provoca um tipo de sensação, em cada forma de uso, ela é potencializada de uma maneira. Os princípios ativos, o set e o setting são indispensáveis para a compreensão da subjetividade das experiências. Cada ser é único. Cada um tem sua história de vida. Cada um está imerso em uma cultura. Existe UDV em áreas rurais e urbanas, áreas com menor e maior desenvolvimento econômico. Das reuniões da UDV participam diversos tipos de pessoas: homens, mulheres, homossexuais, crianças e adolescentes (devidamente autorizados pelos pais), jovens, adultos e idosos. Pobres, ricos, com doutorado e Phd e analfabetos. Como, em um universo tão amplo captar uma definição de burracheira que enquadre todos os set e settings? Como objetivar a subjetividade?

Através da burracheira, muitos adeptos se dizem aliviados ou curados de problemas de saúde, dores, “vícios” e aflições. Maria Cristina Pelaez (2002) em artigo publicado no livro “O Uso Ritual da Ayahuasca” afirma que uma das propriedades atribuídas a essas substâncias é a de gerar sentimentos de transcendência que possibilitariam a cura de desequilíbrios físicos, espirituais e mentais, sendo um instrumento eficaz na cura de doenças, fundamentalmente da doença espiritual que seria a origem real e verdadeira das doenças físicas e mentais.

Alguns autores, principalmente oriundos da área da psicologia têm se atentado para o aspecto numinoso existente em alguns tipos de transe, inclusive os induzidos por substâncias psicoativas. É o “Transe Numinoso de Interiorização”. Transe se refere ao estado alterado da consciência. Numinoso para se referir ao encontro com o sagrado e interiorização como movimento que proporciona autoconhecimento. O termo numinoso foi cunhado pelo teólogo Rudolf Otto em 1917, em seu livro “O Sagrado”. Para ele a experiência religiosa é fundamentada nos elementos irracionais do sagrado, mas para tornar a experiência compreensível ao senso comum é preciso expressá-la através da racionalidade:

> “Em boa verdade não se transmite no sentido próprio da palavra: não pode ensinar-se, apenas se pode fazer despertar no espírito. Por vezes diz-se a mesma coisa da religião em geral e no seu conjunto. Mas é um erro. Muitos elementos que contém podem ensinar-se, isto é, transmitir-sor meios de conceitos, traduzir-se em uma forma didática, exceto precisamente o sentimento que lhe serve de fundo e de infra-estrutura. Só pode ser provocado, excitado, despertado.” (Otto, 2005:89).

Os aspectos racionais da religião são apenas o fruto inteligível da experiência irracional. É por isso que é difícil falar da burracheira. Essa experiência por mais que se tente explicar é algo que advém do sentimento e essa tentativa de explicar é quase sempre incompleta, pois o contato com o sagrado, com o numinoso, é algo que adquire sentido na medida em que se sente e que se experimenta essa sensação. O termo numinoso, mais tarde, também foi amplamente utilizado por Jung para definir o encontro com o sagrado. De fato o termo se encaixa perfeitamente na análise do que é a burracheira: um transe numinoso de interiorização. Transe devido ao efeito de “expansão de consciência” que o chá produz. Numinoso, pois liga o indivíduo ao sagrado, que o leva a interiorização. Essa interiorização e o contato com o sagrado possibilitam o contato com uma realidade diferente, onde o mesmo se sente mais apto a resolver seus problemas e conflitos, possibilitando o alívio e a cura de algo que o incomodava.

Capítulo 4. A União do Vegetal: Alívio e Cura.

A União do Vegetal, o Santo Daime e a Barquinha possuem um histórico de líderes carismáticos que se utilizavam de seus poderes com o objetivo de realizar a cura e trazer alívio aos diversos tipos de aflições humanas. Muitos deles sofreram influência direta ou indireta dos vegetalistas.

Os vegetalistas são geralmente índios e caboclos conhecedores de plantas e ervas medicinais. Alguns utilizavam a Ayahuasca e as administravam dentro de um sistema ritual e cultural caboclo em um local onde a medicina científica era praticamente inexistente. Se nos reportarmos á realidade da floresta amazônica há cinqüenta anos atrás, veremos o quanto a natureza se apresentava hostil, principalmente para aqueles que não estavam acostumados com ela. Durante o ciclo da borracha muitos "soldados" foram recrutados de diversas regiões do país, principalmente da região nordeste, para trabalhar nos seringais como soldados da borracha. Ao chegar à Região Amazônica se deparavam com um sistema de exploração, um sistema de vida precário, em uma região de difícil acesso. Por não terem muito conhecimento dos perigos escondidos na selva muitos acabavam por morrer comido por onças e jacarés, vítimas de malária e outras doenças que matavam milhares de seringueiros despreparados para enfrentar essa realidade natural e social.

Os vegetalistas eram conhecedores de ervas medicinais com alto poder curativo. (Muitas delas têm sido pesquisadas atualmente, e usadas por cientistas como base de medicamentos laboratoriais). Eles utilizavam um sistema popular de cura que gozava de grande respeito e prestígio nas suas comunidades. Michael Taussig (1993) nos revela que até os poderosos proprietários de terras e fazendeiros procuravam, e se valiam desses vegetalistas e xamãns para se curarem de alguma doença, afastar malefícios e obter alívio para as suas aflições.

Dentro dessa perspectiva surgem os líderes dessas religiões: Irineu, Daniel e Gabriel (respectivamente os fundadores do Santo Daime, da Barquinha e da União do Vegetal). Esses líderes carismáticos realizavam curas, levando alívio aos enfermos, além de resolver diversos tipos de problemas existentes na comunidade. Esses problemas variavam desde pessoas com problemas espirituais, com dificuldades na caça e na pesca, com problemas e desequilíbrios psicológicos, pessoas envolvidas em

disputa de terras, problemas de relacionamentos familiares, adultério, etc. Eram procurados e frequentemente resolviam tais questões com destreza e sabedoria, consolidando cada vez mais seu prestígio e aumentando sua fama por resolver situações difíceis e conflituosas.

No início desse capítulo fizemos uma breve explanação sobre a vida do Mestre Gabriel e sua relação com a cura, principalmente quando iniciou seus trabalhos com a Ayahuasca. Ele era freqüentemente solicitado a realizar trabalhos de cura através de ervas medicinais quando se atuava como Sultão das Matas. Mesmo após revelar a realidade sobre tal entidade: que era ele mesmo, continuou sendo solicitado para diversos fins, inclusive curativos, embora praticasse outro tipo de ritual (as sessões da UDV), onde a questão da cura não era seu foco central. Dentre os elementos doutrinários vinculados à cura na UDV, destacam-se: o uso e a chamada dos nove vegetais; e a crença em entidades espirituais de cura: Cosme e Damião e Doutor Camalango.

4.1. Os Nove Vegetais

Uma das práticas realizadas por ele e relacionadas com a cura era o preparo da Ayahuasca com os nove vegetais, fato que não mais acontece na União do Vegetal por alguns fatores que serão discutidos posteriormente. Em um momento de necessidade, ele preparou o vegetal (Marirí e Chacrona) com nove plantas da região Amazônica sendo elas: O Breuzim, a Samaúma, o Apuí, a Castanheira, o Pau D'arco, o Mulateiro, a Imburana de Cheiro, a Carnapanaúba e a Maçaranduba (nomes pelos quais são popularmente conhecidas).

A seguir, descreverei as principais características de cada uma delas com base em um curso realizado por um vegetalista, um caboclo acreano de nome José Gomes, conhecedor das ervas medicinais da floresta que trabalha há muitos anos preparando, comercializando e até exportando remédios naturais com base nas mesmas. Ele realiza palestras e cursos sobre seus medicamentos. Prepara medicação com os nove vegetais, (sem associação com a Ayahuasca), que segundo ele tem efeito "milagroso" na cura e alívio de diversas enfermidades, desde "problemas de pele" a "nervoso e estresse".

1) O Breuzim é conhecido também como Breu, Mescla e Breu Branco. Têm como nome científico *Protium Caranauma.* É uma planta de terra firme que pode chegar a uma altura superior a trinta metros. É utilizada não só com finalidade medicinal, mas também na construção de casas, móveis, lenhas. Alguns índios a utilizam nos rituais de batismo. Como propriedade curativa diz-se que ele "acelera os neurônios e oxigena mais o cérebro, fortalecendo o sistema nervoso central ativando a memória. È eficiente no tratamento de sinusite, renite, doenças pulmonares e epilepsia." A resina também é utilizada como incenso que "afasta as energias negativas deixando o ambiente saudável". É uma árvore aromática em todas as suas partes.

2) A Samaúma: è encontrada nas matas de terra firme e vargem. Possui mais de cinqüenta metros de altura e é considerada pelos caboclos da região como a rainha da floresta em virtude do seu tamanho e vigor: é uma das maiores árvores da América do Sul, não só pela a altura, mas também pelo diâmetro do caule. "Cura crianças desidratadas, anemia, diabetes, retira os fluidos químicos do corpo, recupera pessoas raquíticas. Sua água facilita o parto normal, assim como na higiene pós-parto e é usada no tratamento da conjuntivite. O travesseiro feito do seu algodão emana energias positivas." Seu nome científico é *Ceiba sumaúma.*

3) Apuí: Planta de grande porte encontrada nas vargens. É comumente conhecido como mata pau. "É um excelente cicatrizante, fortalece os nervos e a memória, bom para gastrite e úlcera. A infusão da casca misturada com as folhas e raízes é calmante e sedativa. Seu leite cura feridas, queimaduras e úlceras e evita a queda de cabelos." O nome científico é *Fícus fagifolia*. A casca exsuda bastante látex cujo resíduo é a borracha. Também fornece madeira para carpintaria.

4) Castanheira: "É depurativo, expectorante, cicatrizante, combate vermes, fortalece o físico e o mental, aumenta a reprodução de glândulas, é regulador do fluxo menstrual, fortalece a memória cura úlcera e gastrite. O chá é regulador do fluxo menstrual e inibidor do trabalho de parto. O fruto é fortificante, sendo recomendado o uso de duas castanhas por dia." Conhecida também como Castanha do Pará têm como nome científico *Bertholletia excelsa*. Essa árvore possui grande importância econômica para o Amazonas e Pará, que tem na exportação da castanha uma relevante fonte de

renda. A casca do fruto é utilizada para peças decorativas e como combustível. Das castanhas, depois de secas, pode-se obter um óleo amarelo claro que era antigamente tido como o sucessor do azeite de oliva. Pode ser usado na fabricação de sabões finos, em preparados farmacêuticos, na lubrificação de relógios e mecanismos delicados. A madeira é rígida e pesada, boa para construção civil e naval. A casca produz estopa de excelente qualidade que é usada na calafetagem de embarcações. A árvore apresenta crescimento moroso, e somente aos doze anos atinge produção, chegando a produzir quinhentos quilos de fruto por ano.

5) Pau D'arco: Esse nome é geralmente dado à maioria dos ipês do gênero Tecoma. O nome científico é *Tecoma impetiginosa*, conhecida também como Ipê Roxo. É uma árvore alta. Sua madeira é de boa qualidade para marcenaria, construção civil, obras hidráulicas, moirões e esteios. "Aumenta os glóbulos vermelhos, serve para diabetes, câncer e inflamações em geral. Sua infusão ou pomada é usada contra impetigo. A casca é amarga, adstringente e mucilaginosa. O chá é um depurativo do sangue, bom para problemas estomacais e diabetes. Cura as doenças desenganadas pela medicina".

6) Mulateiro: "É um excelente renovador de células e rejuvenescedor da pele. È usado como fortalecedor de memória e como cicatrizante servindo para inflamações gerais". Seu nome científico é *Calycophyllum Spruceanum*. Grande árvore que apresenta casca parda e lisa, a madeira recebe o nome de Pau Marfim. É usada como cosmético através de pomadas, óleos e banhos.

7) Imburana de Cheiro: "cura sinusite, renite, resfriados, bronquite, asma enxaqueca e solta o catarro do pulmão". Seu nome científico é *Torresia acreana*. Atinge mais de trinta metros de altura. Estimada pela excelente madeira de construção e pelas sementes empregadas na perfumaria popular.

8) Carnapanaúba: *Aspidosperma excelsum*. Árvore grande fornece madeira castanho amarelada, dura, forte e compacta. Conserva água de chuva nas cascas da base servindo de abrigo e proliferação de mosquitos. É conhecida como Carapanã pelos

índios, justificando-se seu nome. “A casca é útil contra bronquites, diabetes e malária. O banho cura eczemas conhecidas popularmente como “mau de coruba””.

9) Maçaranduba: *Manilkara amazônica*. Mede aproximadamente vinte metros e é encontrada nas matas de terra firme em solo silicoso. Sua madeira é boa para construção civil e carpintaria. “O chá é fortificante e o banho serve para infecções da pele”.

Infelizmente essas plantas não são mais utilizadas em preparos do vegetal juntamente com o Marirí e a Chacrona em todos os núcleos da UDV. Sua preparação com o vegetal está explicitamente suspensa, principalmente em virtude do relatório do CONFEN que libera o uso ritual da Ayahuasca, apenas preparados com Marirí e Chacrona. Não foram realizados testes pelos órgãos federais competentes (até a presente data) associando a Ayahuasca com os nove vegetais, principalmente em virtude de essa prática ser reservada para algumas ocasiões em que se apresentava uma necessidade, fato que não era tão freqüente na UDV. Com isso torna-se necessário que haja um estudo mais aprofundado pelas entidades competentes para que se possam utilizar os nove vegetais nos rituais da UDV com o objetivo de trazer a cura para aqueles que dela necessitem como fazia seu fundador, o M. Gabriel, mantendo os costumes e tradições, fieis à origem.

Apesar de não se utilizar os nove vegetais no cozimento do vegetal com Marirí e Chacrona, seu consumo é bastante difundido entre os adeptos da UDV que importam “garrafadas” dessas substâncias (sem associação com a Ayahuasca) de caboclos da Região Norte do país, e afirmam que realmente trazem um grande benefício á saúde.

Atualmente, sem a presença dos nove vegetais nos rituais da sessão da UDV, existe uma Chamada que fala sobre os nove vegetais, explicando as principais propriedades curativas de cada um deles e mais dois elementos diretamente relacionados com a cura que são: as sessões de Cosme e Damião (e a chamada) realizadas no dia vinte e sete de setembro, e a chamada de Doutor Camalango. Assunto que trataremos a seguir.

4.2. As sessões de Cosme e Damião.

As sessões de Cosme e Damião são realizadas todos os anos no dia vinte e sete de setembro. É considerada uma sessão extra e segue o ritual das sessões extras, com uniforme, chamadas de abertura e fechamento, perguntas e respostas. A diferença é que durante a sessão conta-se a história de Cosme e Damião e normalmente faz-se essa chamada. É uma sessão em que o tema da cura é bastante recorrente, e é trazida a doutrina deixada pelo M. Gabriel no tocante a esse tema como, por exemplo, a necessidade de um melhor cuidado com a saúde.

Não é só a UDV que crê nas entidades espirituais Cosme e Damião, embora se diferencie das demais religiões e grupos no modo de cultuá-los. O Candomblé, a Umbanda, e a Religião Católica, são exemplo de religiões que conservam a crença nessas entidades espirituais. Na Bahia eles são particularmente cultuados por diversos grupos religiosos.

Na hagiografia católica eles são tidos como gêmeos nascidos na Arábia, martirizados na Ásia Menor (na Cicília) num dia 27 de setembro, por ordem do imperador Diocleciano. Alguns autores acreditam que foi no ano de 287, mas segundo Vivaldo da Costa Lima (2005) esta data ainda é discutida entre os pesquisadores e estudiosos sobre o assunto. De fato 27 de setembro é a data em que a igreja católica consagrou aos gêmeos, aos santos mártires Cosme e Damião. Eles eram médicos de profissão e ficaram famosos por realizarem curas extraordinárias e milagrosas.

De acordo com a transmissão oral da cultura popular, Cosme e Damião detinham o dom ou poder da cura desde a infância, curando crianças doentes e rezando-as contra “mal olhado” com ramalhetes de ervas. Depois da juventude eles passaram a curar as pessoas de um modo geral, sem limites de idade, registrando as curas que realizavam em um livro. Algumas de suas imagens (as imagens dos santos de tradição portuguesa foram introduzidas no Brasil já no século XVI) aparecem os dois gêmeos idênticos com ramalhete e livro na mão. (Ver figura a baixo).

Cosme e Damião. Tela do artista plástico Chico Liberato.
Direito de imagem concedido pelo artista.

Cosme e Damião tratavam os doentes de graça, sem nada cobrar, por isso são chamados de anárgiros (sem prata e sem dinheiro). Durante a época da renascença tornaram-se os padroeiros da poderosa família dos Médicis, e posteriormente foram considerados os padroeiros dos médicos, farmacêuticos e cirurgiões.

No dia 27 de setembro é comum a realização de festas, "o caruru de Cosme e Damião", em que alguns devotos preparam caruru, vatapá, galinha de xinxim, farofa de azeite de dendê, banana frita, arroz, feijão fradinho e outras especiarias culinárias como forma de adoração, reverência e até mesmo sacrifício. Neste dia também é comum a distribuição de doces para as crianças, por parte dos devotos, devido á associação que os santos têm com o orixá Ibeji, reverenciados no candomblé como sendo um orixá

“criança” patrono e protetor dos gêmeos nagôs. Esse culto, ou seja, as formas de adoração atravessam todas as classes sociais de diversos grupos religiosos, praticados principalmente por pessoas que são gêmeos ou têm filhos nessa condição.

A presença das religiões africanas no Brasil é uma conseqüência do tráfico de escravos africanos para servir de mão de obra para as lavouras de cana de açúcar na época do Brasil colônia. Os navios negreiros transportaram através do Oceano Atlântico não só escravos destinados aos trabalhos de mineração, dos canaviais e das plantações de fumo, transportaram também a sua personalidade, a sua maneira de ser e se comportar, a sua cultura e as suas crenças. As crenças religiosas desses escravos eram colocadas à prova quando em contato com o “novo mundo” a partir de uma “necessidade” de se curvarem á ordem e religião dominante (que era a católica). Daí a necessidade de associação dos orixás com santos consagrados na igreja católica, formando o sincretismo religioso como forma de manter seu sistema de crenças e as formas de culto acesas e vivas - o que em parte justifica a associação dos santos católicos Cosme e Damião com o orixá Ibeji.

Essa breve explicação sobre o culto de Cosme e Damião serve como parâmetro para análise de como o culto aos santos gêmeos atravessou fronteiras religiosas e sociais sendo reverenciados por diversas religiões que se diferem (às vezes radicalmente), no modo de cultuá-los. A UDV não oferece nem estimula nenhum tipo de sacrifício alimentar, não possui formas de adoração, nem mesmo possui imagens de nenhum santo nos seus templos (apenas a foto do seu fundador fixada na parede como descrito anteriormente), mas acredita no poder espiritual dessas entidades para realizar curas, trazendo saúde aqueles que necessitam e principalmente merecerem. Através da chamada de Cosme e Damião, chama-se a força espiritual da cura, que segundo os adeptos, tem o poder de trazer cura e alívio aos enfermos e aos necessitados.

A chamada de Cosme e Damião não é feita apensas no dia 27 de setembro, mas sempre que houver necessidade de trazer a força espiritual da cura para a sessão. Mas a cura é só pelo merecimento. E para merecer, é necessário “plantar” coisas boas através de boas ações para serem merecedores de “colher” coisas boas. Segundo a doutrina da UDV a “lei do retorno” é implacável: Tudo que fazemos de ruim ou de bom tem um retorno para nós. Seja nessa vida ou em outra temos que responder pelos atos praticados. A doença, a enfermidade ou aflição pode ser uma resposta a esses atos, e a cura também. Essa questão será mais abordada posteriormente.

Não é possível revelar as palavras da chamada por uma ética profissional. Como pesquisadora, afixei com a instituição um compromisso de não revelar na pesquisa questões que são consideradas de cunho doutrinário, como, por exemplo, chamadas e histórias. O que de fato é relevante é que embora a cura espiritual não seja o foco central da religião, existe referência a mesma através de chamadas, histórias e da figura do fundador que conquistou fama na região amazônica com os trabalhos de cura que realizava. A cura não é o foco central, mas permeia a religião desde a sua fundação.

4.3. A Chamada de Doutor Camalango.

Outra entidade espiritual chamada e reverenciada nas sessões da UDV é o Doutor Camalango. Não se tem notícias que outras religiões façam referência a essa entidade espiritual de cura, que parece ser exclusiva da União do Vegetal. O Doutor Camalango é considerado o médico, ou a medicina do Vegetal. Sua história é contada somente nas sessões instrutivas e por motivos já explicitados anteriormente não pode ser revelada. A chamada pode ser feita em qualquer sessão a depender da necessidade, que é percebida pela sensibilidade do Mestre Dirigente. Na chamada, como o nome já diz, chama-se essa entidade espiritual para examinar espiritualmente o corpo humano parte a parte, como as palavras da mesma sugerem.

Existem relatos de pessoas que se sentiram curadas ao escutar essa chamada. Outras que tiveram um sinal físico ou espiritual de que algo não estava bem com seu organismo, fato que as levaram a procurar a medicina científica, tendo as suas suspeitas confirmadas.

Através da sugestão a chamada reporta as pessoas a imaginar que o Dr Camalango está examinando os seus corpos. Essa sugestão é potencializada com o efeito psicoativo da Ayahuasca e possibilita experiências impressionantes com relação à descoberta de enfermidades e possibilidades de cura durante a sessão. O que acontece e por que isso acontece é um mistério que segundo os udvistas depende do merecimento de cada um. Existem sócios que possuem enfermidades, mas que não obtém a cura, pois de alguma forma não a merecem. Alguns convivem com suas enfermidades anos e outros chegam ao óbito a depender do que tenham.

4.4. A doutrina sobre a cura.

A doutrina prega que tudo vem através do merecimento. Então temos que plantar coisas boas, bons sentimentos e atitudes para sermos merecedores de colher bons frutos. A conformação parte do princípio de que o que está feito está feito, e nós não podemos mudar o que já fizemos, pensamos ou dizemos. Podemos modificar as nossas atitudes “daqui para frente”. “O plantio é livre, mas a colheita é obrigatória”. Acredita-se que a doença e a aflição seja uma contribuição divina para a evolução espiritual como resposta a atitudes e pensamentos negativos, que precisam ser transformados, servindo como aprendizado e base para um novo modelo de comportamento mais positivo, prezando os bons sentimentos. Essa transformação de pensamentos e atitudes é que traz mais “leveza” ao dia a dia dos participantes e o que faz transformar o sentimento sempre para melhor. E essa transformação é o que muitas vezes possibilita a cura de males físicos e espirituais. Até a medicina científica têm se rendido á idéia de que qualidade de vida é essencial para uma boa saúde. E qualidade de vida é a busca pelo bem estar, por um sentimento de alegria e felicidade.

O que é notado nos relatos dos adeptos é que mesmo não obtendo a cura, os necessitados aprendem a lidar com a enfermidade minimizando suas aflições, obtendo conformação e buscando um modo de vida capaz de minimizar seu sofrimento. A enfermidade ou doença física pode não ser curada ou não ter cura (através da medicina científica), mas os adeptos obtêm alívio da aflição que acompanha o mal, através de uma capacidade de vivenciá-la de um modo mais harmonioso e menos tenso. Outros percebem algum tipo de enfermidade durante a sessão (às vezes durante as chamadas consideradas de cura) e realizam seus tratamentos através da medicina científica, obtendo êxito devido à descoberta precoce da enfermidade, o que também é considerado um merecimento: ver a enfermidade para que ela possa ser diagnosticada e tratada a tempo de não evoluir para um quadro mais complicado.

O mestre tem o dever de manter seu rebanho limpo e sadio. Essa limpeza é de sentimentos e pensamentos e isso é fundamental para se obter a saúde. Então toda a doutrina da UDV é voltada para a necessidade de se cultivar boas atitudes, bons pensamentos e sentimentos para que o indivíduo não seja acometido pelas enfermidades e aflições. Segundo os udvistas, até problemas de saúde como viroses e verminoses, causados por microorganismos patogênicos acontecem por um enfraquecimento do

sistema imunológico devido a alguma “abertura” dada pelo indivíduo por ter deixado penetrar algum sentimento ou pensamento negativo.

Mesmo no caso de não obterem a cura os participantes adquirem uma maior conformação, tornando-se mais tranqüilos e aceitando melhor suas enfermidades. Se não a cura, podem sentir o alívio, o que já é grande coisa numa situação de enfermidade.

A cura não se refere apenas a males físicos, mas também às aflições que atingem o ser humano. No meio sócio cultural urbano, o requerimento da cura para aflições é bem mais comum. O modo de vida ocidental capitalista tem fornecido um quadro ideal para o desenvolvimento de aflições e ansiedades. A televisão está sempre a nos mostrar modelos e padrões que nem sempre é possível seguir: propagandas nos apresentam carros, celulares, computadores, roupas, tênis, eletrodomésticos de última geração e alta tecnologia, inacessíveis para a maior parte da população. As novelas ditam padrões de beleza: pessoas com corpos “perfeitos” esculpidos por muita ginástica e cirurgias plásticas, incompatíveis com o modo de vida da maioria dos brasileiros que trabalham o dia todo, chegam às suas residências cansados, e muitas vezes não dispõe de recursos financeiros nem para investir na alimentação, quanto mais na própria estética. Paralelo a isso, os problemas relacionados com a violência, crimes brutais, guerra entre traficantes, balas perdidas, assaltos e assassinatos, invadem as residências através dos telejornais criando uma atmosfera de pânico e desencantamento.

Sentimos-nos aflitos porque não podemos seguir os padrões propostos pelo sistema ocidental de consumo exagerado capitalista, porque não conseguimos alcançar o padrão de beleza proposto pela mídia. Sentimo-nos aflitos por não temos segurança e por sermos ameaçados todo o tempo pela violência que cresce a cada dia. Todas essas questões geram aflição nas pessoas culminando com problemas mentais e psicológicos cada vez mais freqüentes como síndrome do pânico, transtorno compulsivo e obsessivo, ansiedade, depressão, etc... Então o que fazer em um mundo desencantado?

Buscar através da religião um reencantamento do mundo. Uma forma mística de descobrir e compreender a vida sob uma perspectiva diferente, voltada para um mundo espiritual, e essa descoberta é amplamente proporcionada pelo uso de “plantas de poder” como a Ayahuasca, cujo efeito é capaz de nos encantar, ou reencantar com o mundo, percebendo coisas imperceptíveis na vida cotidiana. Talvez esses fatores expliquem primariamente o avanço dessa religião em tão pouco tempo: pela capacidade

de tocar no sentimento humano trazendo conforto e paz para os adeptos que vivem em um mundo tão carente desses sentimentos. É a saída de um mundo materialista para vivenciar uma realidade mais simples e espiritual.

Capítulo 5: Alívio, transformação e cura na visão dos adeptos da UDV.

Neste capítulo será relatado como os integrantes da UDV concebem seus próprios problemas, sejam eles "físicos", "mentais", "espirituais" e como eles encontraram nessa religião um modo de se sentirem melhores, transformados ou curados daquilo que os atormentava. O enfoque é a experiência dos adeptos.

A partir de uma abordagem denominada "fenomenologia cultural", Csordas (1997) propõe compreender como funciona a cura religiosa e qual a natureza de sua abordagem terapêutica. Sobre a eficácia ritual da cura religiosa, ele questiona a falta de estudos sobre a experiência do paciente nesse processo, já que para ele existe uma importância específica da experiência na cura religiosa. Esse trabalho pretende examinar justamente esse aspecto da cura religiosa: as experiências. As experiências de transformação, alívio e cura, vivenciadas pelos adeptos da UDV. Os poucos estudos existentes destinados à questão da cura nas religiões que fazem uso da Ayahuasca, estão reservados ao Santo Daime (Rose 2005, Peláez, 1996). Acredito ser esse o primeiro trabalho que aborde, numa perspectiva da experiência dos adeptos, o tema da cura na UDV.

De acordo com Langdon (1994:1) a doença é um processo experiencial e suas manifestações dependem de fatores culturais, sociais e psicológicos, operando junto aos processos psico-biológicos. Ela acredita que a doença é um processo subjetivo construído através de contextos sócio-culturais e vivenciado pelos atores (1995:16):

> "O que o corpo sente não é separado do significado e da sensação, isto é, a experiência corporal só pode ser entendida como uma realidade subjetiva onde o corpo, a percepção dele e os significados se unem numa experiência única que vai além dos limites do corpo em si (Langdon, 1995:17).

Dessa forma a experiência vivenciada pelos atores, no caso estudado os adeptos da UDV, é de fundamental importância para compreendermos o fenômeno da cura religiosa.

Laplatine (1991:216) faz uma distinção entre os dois campos dualistas do conhecimento: o empírico e o simbólico. No empírico estão: a farmacopéia e as

técnicas médicas, a etiologia natural, o "saber especializado", a medicina erudita, a doença (disease), o racional e o orgânico. No outro pólo, o simbólico, enfatizam-se os rituais, a etiologia mágico-religiosa, o "saber comum", a enfermidade (illness), o irracional, o psicológico e o social. Enquanto a intervenção médica oficial fornece apenas uma explicação dos mecanismos químico-biológicos da doença e dos meios eficazes para controlá-los, a medicina popular e as religiões oferecem uma resposta mais completa a um conjunto de insatisfações que o racionalismo da medicina oficial não consegue oferecer. Enquanto o tratamento médico despersonaliza o doente, o tratamento religioso age sobre o indivíduo como um todo, reinserindo-lhe como sujeito, em um novo contexto de relacionamentos (Taussig: 1980).

Para uma melhor compreensão será feita uma breve explanação sobre o tema, baseada principalmente nas teorias de Kleiman (1980), Helman (1994) e Hahn (1995), a fim de conceituar melhor essas categorias. Kleiman foi quem primeiro cunhou a idéia de disease (enfermidade) e illness (doença), mas ela foi posteriormente aproveitada e aperfeiçoada por Helman e outros autores.

A enfermidade (disease): A visão dos médicos.

Segundo Helman (1994) médicos e pacientes vêem os problemas de saúde de maneira muito diferente, ainda que possuam o mesmo backgraund cultural. A profissão médica pode ser compreendida como uma subcultura da cura, onde são enfatizado (s) (da) (s):

a) A racionalidade científica,
b) A mensuração objetiva e numérica,
c) Os dados psicoquímicos,
d) O paciente individual, prestando pouca ou nenhuma atenção na família ou na comunidade onde o indivíduo está inserido.

Os fenômenos relacionados à saúde e a doença só se tornam reais quando medidos e observados objetivamente. A medicina moderna está voltada, principalmente, para a descoberta e a quantificação das informações psicoquímicas do paciente e não para fatores sócio-emocionais. Para a medicina moderna a enfermidade (disease) é um desvio de valores normais, acompanhado de anormalidades na estrutura e funcionamento dos sistemas e órgãos do corpo humano (Helman 1994:103). Fatores

como personalidade, religião, situação socioeconômica não são considerados importantes. O que é de fato relevante são as dimensões físicas da doença.

Descartes dividiu o homem em corpo, mente e alma. O corpo deveria ser estudado pela ciência, enquanto a mente e a alma deveriam ser estudadas pela religião. Mais recentemente, a mente passou a ser objeto de estudo dos psiquiatras, psicólogos e cientistas do comportamento. Mas a divisão ainda persiste, o ser humano ainda é visto de forma fragmentada. Surge a partir daí a proposta de alguns setores da medicina (medicina holística) e da psicologia (psicologia transpessoal) em dar um enfoque mais integrado, buscando ver o ser humano como um todo, salientando seus aspectos emocionais, personalidade, religião, a fim de que possa oferecer um tipo de diagnóstico e tratamento mais adequado para cada paciente. Apesar das variações, a postura predominante na medicina moderna é investigar a evidência física da enfermidade e utilizar tratamentos físicos (medicação ou cirurgia) para corrigir as anormalidades.

Rabelo e Alves (1999) propõem que para a antropologia a enfermidade não é apenas uma entidade biológica que deva ser tratada como coisa. É uma experiência que se constitui e adquire sentido na interação entre indivíduos, grupos e instituições; é uma sensação de mal-estar, uma expressão de aflição, uma sensação de que algo não vai bem. Para eles, o conceito de experiência da enfermidade refere-se à forma como os indivíduos situam-se perante, ou assumem a situação de doença, conferindo significados e desenvolvendo formas de lidar com a situação.

Rose (2005) também compartilha dessa idéia e ressalta que:

> "Uma das implicações que a discussão sobre o corpo e a experiência tem na antropologia da saúde é chamar a atenção para o fato de que categorias como saúde, doença e cura não são universais, pois envolvem tanto o âmbito biológico quanto o âmbito social e cultural. Tratam-se, portanto, de realidades simbólicas." (Rose, 2005: 91).

A doença (illness): A visão dos pacientes.

A enfermidade é o que o órgão tem, a doença é o que o homem tem. (Helman: 2004).

A doença (illness) é a resposta subjetiva do paciente ao seu mal-estar. A definição de doença não é somente a experiência pessoal do problema de saúde, mas também o significado que o indivíduo confere ao mesmo. Uma pessoa que adoece

provavelmente perguntará a si mesma: “por que isso aconteceu comigo?” ou “O que eu fiz de errado para merecer isso?” (Helman 1994:104).

Uma mesma enfermidade pode ser compreendida de forma diferente a depender da cultura e contexto em que o indivíduo está inserido e essa diferença também influencia no tipo de tratamento procurado. A doença também é freqüentemente vista como uma punição divina ou castigo por alguma transgressão moral, o que pode provocar sensação de vergonha e culpa. A doença é um conceito mais abrangente do que a enfermidade e tem relação de como as pessoas interpretam seus problemas de saúde e como respondem aos mesmos. Hahn (1995) acredita que a idéia de doença e cura está diretamente associada em como a cultura de uma determinada sociedade pensa e sente sobre o assunto.

O processo de auto-definição como doente pode ser baseado tanto na percepção do próprio indivíduo, na percepção dos outros, ou em ambos. E estar doente implica vivenciar experiências subjetivas como (Helman, 2004:106):

a) Percepção de mudanças na aparência corporal. Exemplo: perda ou aumento de peso, queda de cabelo.
b) Mudança nas funções orgânicas regulares. Exemplo: prisão de ventre ou diarréias, suspensão da menstruação.
c) Emissões orgânicas incomuns. Exemplo: sangue na urina ou fezes.
d) Mudança no funcionamento de um membro. Exemplo: paralisia, tremor, falta de coordenação motora.
e) Mudança nos sentidos. Exemplo: surdez, cegueira.
f) Sintomas físicos desagradáveis. Exemplo: dores de cabeça, dores abdominais, febre.
g) Estados emocionais exagerados ou incomuns. Exemplo: ansiedade, depressão.
h) Mudança no comportamento em relação a outras pessoas. Exemplo: problemas de família.

Adoecer envolve experiências subjetivas de mudanças físicas ou emocionais, enquanto que curar, neste caso, não significa apenas a redução ou desaparecimento dos sintomas, significa experienciar uma harmonização das energias do corpo de maneira que elas ressoem com as mais amplas forças e leis da natureza. (Amaral, 2000:62).

A passagem da doença à saúde corresponde a uma orientação mais completa do comportamento do doente. Segundo Rabelo (1994), a cura não é o retorno ao estado inicial, anterior a doença, é a inserção do doente em um novo contexto de experiência. É fundamental é identificar os meios pelos quais as terapias religiosas efetuam essa transformação da experiência, que por definição exige uma abordagem compreensiva voltada para os sujeitos cuja experiência supostamente se transforma. (Rabelo e Alves: 1999).

A antropologia da saúde, ao abrir a discussão sobre a experiência, chama a atenção para o fato de que as categorias como doença, saúde e cura não são universais uma vez que envolvem aspectos biológicos, sociais e culturais. Trata-se de realidades simbólicas em que seus significados são construídos e negociados na interação entre os atores sociais. A presente pesquisa visa compreender como a estadia na UDV transformou a experiência dos adeptos de um pólo considerado negativo que é a doença e aflição, para um pólo tido como positivo que é o alívio a transformação e a cura e como eles concebem essas transformações da experiência. Para tanto, serão explicitados a seguir, os principais problemas enfrentados pelos entrevistados: as doenças físicas, as aflições (depressão, angústia) e a dependência de drogas.

5.1. A UDV e a cura de doenças físicas.

As doenças físicas são aquelas diagnosticadas pela medicina científica, ou seja, as enfermidades que são mensuráveis, captadas por exames médicos objetivos; é a experiência de alguma anormalidade na estrutura e funcionamento dos sistemas e órgãos do corpo humano. Os adeptos da UDV as denominam também como "doenças da matéria", como pode se perceber na declaração abaixo:

> Entrevistado "E" [27]:
> - "Embora a União não se proponha ou que se intitule como um lugar de cura de uma forma específica (...) acontece, dentro do merecimento, acontecem cura da matéria mesmo, e aí vai de acordo

[27] O entrevistado "E" é o Mestre Representante da unidade administrativa estudada: O Núcleo Estrela da Manhã.

> com o merecimento de cada um que puder receber essa graça de Deus".

A UDV, como dito anteriormente, não possui sessões destinadas à cura, como outras religiões e grupos que fazem uso da Ayahuasca. Estimula e aconselha os enfermos a buscarem os meios convencionais (medicina científica) para tratamento das disfunções. Não apóia nem incentiva o curandeirismo nem práticas ligadas a esse tipo de atividade no âmbito da UDV. Neste caso, âmbito significa a parte física do núcleo, ou seja, suas instalações. Mesmo assim, algumas práticas ligadas à medicina tradicional são comumente utilizadas por um grupo considerável de adeptos, a exemplo: o uso de "garrafadas" com os nove vegetais; o uso da "vacina do sapo" [28]; o uso da água da vida[29], etc. Essas práticas não podem nem devem ser vinculadas á instituição. É uma opção individual, que é disseminada na rede social dos freqüentadores, como sendo algo positivo que auxilia ou previne diversas doenças "físicas" ou "da matéria". A sede geral da UDV orienta as unidades administrativas para que não se comercialize, nem se aplique "terapias alternativas", no âmbito da UDV a fim de manter distante a imagem da instituição com a práxis curandeirista.

É notável a preocupação dos líderes da UDV em manter a imagem da instituição distante e completamente desvinculada do curandeirismo. No capítulo anterior falamos sobre o Mestre Gabriel e suas atividades de cura. A racionalização e institucionalização da UDV excluíram esse tipo de atividade freqüentemente realizada pelo Mestre Gabriel: é a rotinização do carisma. Para Weber (1991) a rotinização do carisma acontece quando a dominação carismática não é efêmera e assume um caráter de uma relação permanente; então a dominação carismática tende a se modificar substancialmente de caráter, tradicionalizando-se ou racionalizando-se. Foi o que aconteceu após a morte do Mestre Gabriel, o líder carismático da UDV. Houve a escolha de uma nova liderança pelo reconhecimento da comunidade, e a partir daí houve a necessidade de formular novas leis a fim de atender as novas necessidades de uma religião que cresce rapidamente. Dentro dessas novas leis está a recomendação de

[28] Essa vacina é utilizada pelos índios na Região Amazônica. É uma resina retirada das "costas" de um sapo, e segundo eles é capaz de ativar o sistema imunológico prevenindo doenças.

[29] É uma água que, segundo relatos de uma comerciante do produto, tem inúmeros minerais e proporciona um fortalecimento do organismo.

evitar tais práticas para não confundir a sociedade a respeito dos verdadeiros e principais objetivos da UDV que não é realizar curas e sim possibilitar ao indivíduo o encontro com o sagrado e a sua evolução espiritual.

> "Há grupos religiosos que apregoam as virtudes curativas do chá. A União do Vegetal, nesse particular, tem postura sóbria. Sabe que a Deus nada é impossível, mas não pratica nem difunde ações curandeiristas. Usamos o chá, como já foi dito, como veículo de concentração mental, para buscar o acesso a um estado de consciência em que a compreenção dos fenômenos espirituais e metafísicos é mais nítida. O que se busca, através dos ensinos e da doutrinação reta, é a cura espiritual – isto é, a purificação". (**"**União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos", p. 34).

Mesmo com a UDV tentando manter-se distante da práxis curandeirista, alguns adeptos acreditam ter recebido a cura de "doenças da matéria" através da UDV: em uma sessão; por uma chamada que traz a "força da cura"; através de uma mudança de hábitos que teria facilitado ou possibilitado a cura; através do recebimento, na burracheira, de uma revelação importante de como ou onde buscar um tratamento, enfim, a cura pode vir de forma direta ou indireta.

Na unidade administrativa estudada não foi verificado, no decorrer da pesquisa, nenhum relato ou informação de alguém que tenha sido curado de alguma "doença física" diretamente, ou seja, que atribua sua cura única e diretamente á sua estadia na UDV; mas existem relatos de adeptos de outras unidades com esse tipo de afirmação. É perceptível que a cura indireta é muito mais comum. A cura indireta não está diretamente vinculada à UDV, mas a mesma tem uma participação indireta no processo: seja possibilitando uma melhor compreensão da vida; seja aliviando ou amenizando as aflições, medos e ansiedades pertinentes as enfermidades ou contribuindo com um quadro conceitual e cognitivo no ritual que contribui para cura. Como exemplo de cura indireta temos o relato do entrevistado "C". Ele não pensava que freqüentar a UDV e fazer uso do chá fosse curar o seu câncer de próstata. Ele via a instituição como uma "porta" para auxiliá-lo no tratamento.

Entrevistado “C”:

- “Eu vim com um diagnóstico de câncer de próstata que eu descobri com um ano e meio atrás, com trinta e oito anos, precoce, e aí eu tive que mudar de vida radicalmente. E aí a primeira reação é a gente duvidar de tudo, de Deus. Então quando eu vim eu tava saindo desse processo de Deus não existe, pra não, Deus existe, descobri com trinta e oito anos, é sinal que ainda dá pra mim curar, e aí eu estava buscando me curar e coisas que pudessem me auxiliar nessa cura, então enxerguei a União como uma porta também pra me auxiliar nessa cura”.

-“(...) E eu sou de uma geração, vou fazer quarenta anos, que câncer é estigma né? Pó fulano tem aquela doença né? nem se falava o nome. Quando eu era pequeno, na casa da minha avó, as crianças saíam da sala e aí falavam: “fulano está com aquela doença”. Depois, alguns anos pra cá, “fulano tem c.a.”, progrediu pra c.a., mas era isso que a gente escutava, então quando eu descobri que tinha câncer, então, eu sou o cara, o bichado, eu sou o bichado, eu tenho câncer, então eu sou o problemático, então é muito pesado, a carga é muito pesada (...).”

O câncer muitas vezes é visto como algo negativo, maligno. O câncer e outras doenças graves são encarados por algumas de suas vítimas como castigo; que freqüentemente leva a sí perguntarem: “O que eu fiz para merecer isso?” Ou “Por que isso está acontecendo comigo?”

Laplatine (1991) faz uma distinção entre dois tipos de doença:

- A doença maldição: que acontece quando uma vítima considera que padece pelo que não provocou, ela não compreende e se revolta, e muitas vezes se pergunta: - “O que é que eu fiz para o bom Deus?”

- A doença punição: contrária a anterior, é vista como conseqüência necessária, que resulta da transgressão de uma lei, (moralização da doença), é considerada “um castigo” merecido por uma negligência ou excesso com relação às prescrições médicas ou religiosas. Esse tipo de doença se adéqua melhor à doutrina da UDV, que não a vê como punição, mas como um merecimento de algo feito nessa ou em outra vida.

O entrevistado “C” em conversa informal, disse-me que o câncer de próstata veio para mostrar para ele como era a sua relação com o sexo, (que, segundo o mesmo, era promíscua e imoral), e para ensiná-lo a melhorar. A doença, então, está relacionada

a regras de conduta moral, que foram transgredidas (doença punição). O modelo moralista do câncer é sustentado por muitas vítimas. Muitas doenças graves trazem consigo associações simbólicas que afetam profundamente a maneira como as vítimas percebem a sua doença e a forma como lidam com elas. O uso do nome de doenças como metáforas para designar algo negativo ou maligno pode gerar grandes problemas e conflito nos seus portadores. Isso se reflete no relato do entrevistado "C", e na forma "pesada" com que ele enxergou a doença. Ele se sentiu aflito pelos estigmas que a doença traz: "o bichado", "o problemático".

Na idade média as doenças como a peste e a lepra eram metáforas que exprimiam desordem social e o colapso das ordens religiosas e morais. Nos últimos séculos a sífilis, a tuberculose, o câncer e a AIDS, foram usadas como novas versões das "metáforas do mal". Para Helman:

> "No século XX, o câncer, particularmente, passou a ser referido (nos meios de comunicação, no discurso literário e popular) como uma espécie de poder maligno caótico e irrestrito, exclusivo do mundo moderno, composto de células "primitivas", "atávicas", "caóticas" e "energéticas" que se comportam de forma "descontrolada", que sempre destroem a ordem do corpo (e da sociedade) (...) . Também nos meios de comunicação, crimes, abuso de drogas, greves, imigração e até discordâncias políticas são descritas como "um câncer", uma força demoníaca que destrói, gradualmente, o tecido social. (Helman:1994: 112).

"C" buscava tudo que pudesse auxiliar na sua cura e minimizar a aflição que sentia por ser portador de uma doença tão estigmatizada. A UDV foi um dos caminhos buscados para dar um suporte para ele minimizar a aflição que sentia por ser portador "daquela doença".

> Entrevistado "K":
> - (...) Eu tenho um problema de saúde que eu vejo que é tão simples quanto ter qualquer outra coisa, sabe? Uma gripe, que amanhã pode passar.
> - (...) Um tumor no cérebro. Não pode ser feito cirurgia, é num lugar muito nobre. Uns médicos diz que é um tumor que se espalha por toda a cabeça, outro diz outra coisa, outro diz que ele cresce e para, outros

> dizem que por ser benigno ele pode regredir. (...) É uma situação que, olhando pelos olhos médicos, como eles falam, é uma coisa grave.

O entrevistado "K" vê seu problema de saúde de uma forma mais simples e aparentemente mais leve do que "C" e o encara com tranqüilidade e naturalidade embora tenha sido alertado pelos médicos, de que um tumor no cérebro é uma doença grave. Segundo "K", a UDV proporcionou uma compreensão mais ampla da vida e o fez conseguir uma tranqüilidade interior para lidar com a sua enfermidade. Talvez o fato de "K" ter descoberto a enfermidade, após estar freqüentando a UDV (como sócio) há mais de um ano, o tenha possibilitado vislumbrar a doença de forma diferente de "C", por exemplo, que recebeu o diagnóstico antes de freqüentar a UDV. Outra hipótese é que enquanto "K" possui um tumor benigno na cabeça, "C" possui um tumor maligno na próstata. A idéia de maligno e benigno pode ter uma influência na forma com que os pacientes lidam com a doença, na idéia de responsabilidade de a terem adquirido, e na esperança de serem ou não curados, pois enquanto ter algo maligno dentro de sí é algo desagradável e vergonhoso, ter um câncer benigno, por mais difícil que possa parecer, fornece um sentido de positividade e esperança ao doente. Mas outros fatores como a personalidade, a biografia do indivíduo, dentre outros, também entram em questão, na maneira como os doentes encaram seus próprios problemas de saúde.

Pesquisadores de diversas áreas, principalmente oriundos da medicina científica e da psicologia, têm compreendido a doença física ou psicológica, como algo mais amplo do que a simples disfunção no corpo. A visão holística do ser humano prevê que a doença pode ser fruto de desarmonias, sejam elas sociais, familiares, físicas, alimentares, espirituais, etc., e que envolve o ser como um todo, não o corpo fragmentado, descontextualizado. A doença, dessa forma, pode está relacionada a muitos fatores.

> Entrevistado "C":
> - "Meu irmão[30] disse que boa parte do sucesso no meu tratamento depende da cabeça, deu enxergar que o câncer é produto de mágoas, de uma vida errada, desregrada, então eu sabia que a minha estava errada, mas não sabia qual era a certa, aí eu enxerguei que na União eu

[30] O irmão, na época era um conselheiro da UDV.

> podia descobrir a certa e entender como é que seria a certa, e aí, assim, eu não ia beber o vegetal, assim, se eu beber o vegetal e freqüentar a União eu fico curado do câncer. Mas cada vez que eu ia, eu sentia uma força pra continuar brigando contra o câncer e isso é fundamental. Não vou dizer foi não, porque até hoje eu freqüento nessa expectativa de sempre ter essa oportunidade de melhorar de ficar curado".
> - "(...) mudei radicalmente minha alimentação e meu estilo de vida e assim pra fazer isso você precisa de um suporte emocional, espiritual, e esse suporte que eu tenho na União".

O entrevistado "C" não achava que beber o vegetal e freqüentar as sessões iria diretamente lhe curar do câncer, mas viu nessa religião uma oportunidade de rever seus valores, transformar sua conduta moral e alcançar a cura através dessa transformação.

A doutrina da UDV é clara nesse sentido: tudo vem pelo merecimento. Tudo que plantamos temos que colher. Como tudo, doença e a cura[31] são vistas como um merecimento, a doença tem o intuito de ensinar algo importante para que se possa vislumbrar a evolução espiritual futura. Muitas vezes, a doença acontece por situações plantadas em outras vidas, isto é, em outras encarnações, mas também acontecem por descuido, desobediência, más atitudes na presente encarnação.

A UDV não exige nenhum tipo de dieta, nem faz restrições a nenhum tipo de alimento, nem há a necessidade de abstinência sexual nem antes nem após as sessões, como acontece em outras religiões e grupos ayahuasqueiros. Mas a moderação e o equilíbrio são ressaltados como atitudes desejáveis. Os excessos alimentares, ou de qualquer outra natureza, são prejudiciais e vistos como atitudes potenciais para o desenvolvimento de doenças e aflições. A melhor forma de cuidar das enfermidades é prevenindo, tendo um cuidado consigo mesmo de modo que se possa viver em harmonia com todos os setores da vida, buscando uma vida saudável e tranqüila.

A cura "da matéria" nem sempre é adquirida: neste caso o "doente" pode aprender a conviver com a enfermidade ou pode chega ao óbito. No caso daqueles que ainda não conseguiram obter a cura, eles puderam desenvolver uma maior conformação, uma melhor adaptação á enfermidade, vista como um merecimento e como uma forma de, através do sofrimento, galgar rumo á evolução espiritual, que é a meta principal dos udvistas.

[31] A doença é um merecimento desagradável e a cura é um merecimento bom, agradável e desejável.

O óbito é encarado com naturalidade, é a vontade do poder superior e faz parte da jornada de evolução. A morte é uma passagem para outra vida, outra encarnação. O corpo morre, mas o espírito é eterno. Devemos cuidar do corpo e principalmente do espírito. A doença do espírito, na visão dos udvistas, é a falta de conhecimento, é preciso aprender com a vida, ter sabedoria, aumentar o grau espiritual, para se chegar a ser um espírito são ou santo. E isso é a purificação, essa é a meta principal a ser atingida – ser um espírito são. A doença da matéria muitas vezes traz a oportunidade de aprender coisas novas, transformar valores para melhorar o "grau espiritual".

> Entrevistado "C":
> - "(...) E uma coisa assim legal que eu gosto de frisar da União é assim eu, a gente, tem medo da morte, eu vi, enxerguei a morte bem de perto assim quando eu recebi o meu diagnóstico e comecei a emagrecer, e o câncer me comendo literalmente, e eu enxerguei a morte, assim, muito próximo, e na União eu entendi o seguinte: que é o espírito que a gente tem que cuidar e o espírito é eterno, então morrer faz parte do processo, então isso também dá uma tranqüilidade, uma, como é que eu posso dizer, um conforto pra você continuar brigando, então eu brigo pra ficar vivo, literalmente. Eu sou um cara que todo dia acordo de bem com a vida e brigo pra ficar vivo. Mas hoje não tenho mais o medo que eu tinha da morte. Lógico que eu não to querendo morrer não, to querendo viver bastante, mas já encaro a morte de uma outra maneira".

Tal declaração exemplifica a idéia que, a morte é vista de uma forma diferente, é uma passagem: como se o espírito mudasse de roupa, e o corpo fosse a roupa do espírito. Esse sistema de crenças e valores fornece um quadro ideal para minimizar a ansiedade da morte, que é vista, principalmente na sociedade ocidental materialista, como o fim de tudo. Vendo-a como um início de uma nova vida fica mais fácil lidar com o medo e a ansiedade perante o "desconhecido". A diminuição da ansiedade proveniente do medo da morte é um facilitador para a obtenção da cura, já que reduz o nível de estresse do paciente. Laplatine acredita que:

> "(...) só as religiões são suscetíveis de responder à questão da morte e, correlativamente, dar um sentido absoluto à vida – de alguma forma aí reside sua superioridade sobre as ciências biológicas e até

> mesmo sobre as ciências humanas que, na verdade, nada nos tem a ensinar sobre a morte – enquanto que a medicina só pode responder razoavelmente quanto à vida, e o sentido que ela lhe atribui consiste apenas, segundo a expressão de Nobert Bensaid, em "reintroduzir uma aparência de eternidade no efêmero". (Laplatine, 1991:241).

5.2. A UDV e o alívio das aflições: "ansiedades", "traumas" e "depressão".

As aflições podem ser compreendidas como um mal-estar, um sentimento de que algo não está bem, uma disfunção que pode ser física, mental e ás vezes consideradas espiritual. A aflição é algo subjetivo e depende da visão de mundo de cada indivíduo. Duas pessoas, por exemplo, podem ser portadoras de uma mesma enfermidade, uma pode se sentir aflita e a outra não (como no caso de "C" e "K") as duas podem se sentir aflitas, como podem também não se sentir. "Biologicamente, psicologicamente, nós não somos tão diferentes uns dos outros, historicamente, como narrativas, cada um de nós é único" (Hahn:1995).

A drogadependência, as "doenças físicas" aqui retratadas são experiências de aflição, já que os adeptos entrevistados afirmam que tais "enfermidades" geravam nos mesmos um desconforto. Eles não conseguiam lidar com tais problemas, de modo que os mesmos lhes causavam grande aflição.

Um aspecto interessante percebido nas entrevistas é a declaração de que a estadia na UDV e a participação dos rituais permitem a alguns adeptos a cura de "traumas" e a modificação ou transformação de aspectos "negativos" da personalidade.

> Entrevistada "B":
> - "(...) no campo dos sentimentos eu venho me curando de algumas coisas: traumas, por exemplo, então eu vi uma coisa que eu não conhecia que era trauma. Pra mim trauma ou uma pessoa traumatizada era aquele estereótipo que a gente imagina né quando a gente vê. Ah, é traumatizada uma pessoa que faz coisas muito feias. Aí no campo dos traumas eu não sabia assim que eu tinha traumas, aí eu vi alguns traumas na burracheira, e me senti curada por alguns deles, outros ainda tenho né? - que na vida da gente acontece muitas coisas né? Mas alguns traumas eu sinto que eu fui curada assim, numa burracheira,

> que eu vi coisa que eu não sabia que eu tinha, eu examinei e dentro de mim eu sinto que eu resolvi algumas coisas".
>
> Entrevistado "C":
> - "Eu me sentia antes ansioso, muito ansioso, (...)."
> - "(...) Eu posso dizer que na União eu tô encontrando meu eixo. Eu sou uma pessoa mais equilibrada, menos ansiosa, que programo mais as minhas ações (...)".
>
> Entrevistado "D":
> - "Eu tinha muita depressão (...)."
> - "(...) em vista do que eu era em relação ao que eu venho sendo é, assim, maravilhosa, tá sendo assim uma coisa abençoada mesmo".
>
> Entrevistado "G":
> - "(...), eu sentia depressão, quando passava aquele efeito da bebida, eu ficava num estado parecia que eu tava de depressão, de angústia e que nada na vida a gente podia resolver, e depois que a gente deixa bebida alcoólica e que agente começa a beber o chá, o vegetal, a gente começa a melhorar mesmo".
>
> Entrevistado "K":
> - "eu tava passando por um processo muito difícil de depressão".

Neste caso, "B" diz que tinha traumas e não sabia, e afirma que conseguiu resolver alguns deles na burracheira. "C" sofria de ansiedade. "D" e "G" sentiam-se deprimidos, principalmente em virtude, do uso de drogas respectivamente cocaína e bebida alcoólica. "K", embora não usasse drogas, também sofria de depressão. A presente pesquisa não visa estabelecer um estudo aprofundado das categorias utilizadas pela psicologia sobre o que seria de fato um trauma, uma ansiedade ou uma depressão. Visa, sim, buscar compreender através da oralidade dos entrevistados, o que eles sentiam, e dessa forma elaborar um modelo explicativo de como os adeptos vêem suas próprias aflições e como as compreendem, interpretam e as expressam de acordo com seus conhecimentos adquiridos. A importância dessas narrativas é perceber como é que os indivíduos expressam suas aflições e o modo como buscam meios de resolvê-las. No caso, o alívio foi encontrado quando entraram em contato com a UDV. Seja através de

visões na burracheira, seja através do exemplo e do auxílio de outras pessoas que já passaram pelos mesmos problemas, seja por uma compreensão diferente da vida, e um conseqüente reordenamento das ações, o fato é que elas conseguiram, através dessa religião, um alívio para as suas aflições. Se não para todas, ao menos para uma parte delas: é a experiência de transformação.

Como dito anteriormente, na pesquisa realizada na UDV, McKenna, et alii, (2002) declara que:

> "Avaliações de diagnósticos psiquiátricos revelam que apesar de uma porcentagem apreciável de usuários de longo tempo da hoasca terem tido desordens relativas ao álcool, depressivas ou ansiedade anteriores à sua iniciação com a hoasca, todas as desordens remitiram sem recaídas depois de sua entrada na União do Vegetal". (2002:664).

Alguns cientistas acreditam que o Vegetal alteraria a dinâmica da recaptação da serotonina no cérebro, daí suas propriedades antidepressivas. O que pude comprovar é que os adeptos acreditam que não é apenas o chá que auxilia na melhoria das depressões e angústias. Acreditam que outros fatores como a solidariedade do grupo, o sentimento de pertença, a doutrina também tenham igual ou maior importância que o chá comungado nas sessões.

5.3. A UDV, alcoolismo e dependência de "drogas".

Uma das coisas que me chamou atenção, logo quando iniciei meus primeiros contatos com a instituição, foram relatos de pessoas dependentes de drogas lícitas e ilícitas e a transformação dessas pessoas que passaram a ter um comportamento mais calmo e tranqüilo, reorientando sua conduta. Eis alguns exemplos:

> Entrevistado "A":
> A – "Eu procurava a melhora de minha personalidade e a cura da minha dependência química das drogas".

Entrevistada “B”:

B – “(...) eu usava maconha, usava cocaína, eu tava no processo muito forte de vício de cocaína. Álcool era todos os dias. De segunda a segunda. Eu era alcoólatra”.

Entrevistado “D”:

- “Cocaína, bebida também, diariamente, então, era uma coisa assim que eu precisava trabalhar, tinha que cheirar o dia inteiro, senão não trabalhava”.
- “Quando eu usava drogas eu não tinha sentimentos. O sentimento tava ali adormecido, não queria nem saber, não tinha hora pra chegar em casa, não tinha responsabilidade, não tinha nada, só queria usar droga”.

Entrevistado “F”:

- “(...) Eu tava usando droga e tava afetando no meu trabalho, e eu não tava conseguindo ter uma disciplina”.

Entrevistado “I”:

- “Eu usava de tudo. Tudo que eu achei na minha vida eu usei. No momento que eu encontrei a UDV eu tava bebendo e cheirando. Ácido, chá de cogumelo, xarope, anfetaminas, remédios, medicamentos Lexotan, Valium, Lorax, Mandrix, tudo o que eu achava pele frente eu usava. Eu usava e tinha uma mania uma ilusão de que tinha que usar sempre em grande quantidade e me envaidecia. Achava que era o bacana, que podia mais do que os outros, que as pessoas me chamavam de cabeção, e eu achava aquilo o máximo. Então eu fazia coisas absurdas. Cheguei a uma vez tomar 11 comprimidos de Lexotan num dia, com uma garrafa de cachaça. Cansei de viajar com chá de cogumelo, e alucinogênico mesmo de ver parede derreter, de ver alucinações. Já vi muita gente entrar em parafuso. Tomei uma certa época um chá que as pessoas me apresentaram como Adatura. Pensei que ia desencarnar. Passei mais de quatorze horas trancado, me trancaram. E foi a única coisa na minha vida de drogado que eu bebi e disse, esse eu não bebo uma segunda vez. Graças a deus naquela época em que eu me droguei eu não achei nem o craque nem a heroína. E tinha uma coisa que eu não gostava e que não me dou bem até hoje é de ver sangue. Cheguei a me picar, mas não gostava do fato de me injetar e enfiar uma agulha na minha veia, e puxar o sangue, aquilo não me fazia bem. (...) Cada vez

> eu me drogava mais, cada vez eu me deprimia, eu me angustiava mais, cada vez eu entrava em conflito comigo e com as pessoas que estavam ao meu redor".

Estamos diante de cinco pessoas: "A" buscava a melhora de sua personalidade e a cura da dependência química das drogas. "B" usava maconha, cocaína e era alcoólatra, "D" era dependente de bebida e cocaína; "F" usava "drogas" em um nível que afetava seu desempenho no trabalho e "I" se sentia deprimido e angustiado devido aos conflitos internos e externos causado pelo uso freqüente de drogas. "A", "B", "D" e "F" e "I" acreditam que a religião UDV possibilitou de alguma forma uma melhoria em relação ao que sentiam.

A UDV, embora não se intitule como uma religião de cura, nem tampouco local destinado a recuperação de dependentes, é uma referência para muitas pessoas como um lugar que auxilia na recuperação de indivíduos com problemas de dependência de drogas lícitas e ilícitas. Como pesquisadora e observadora, já ouvi diversos comentários a respeito do assunto tanto por freqüentadores quanto por não freqüentadores. Mas por que uma religião que não se intitula "de cura", se tornou uma referência para a sociedade, em auxiliar "dependentes"?

Uma das razões é a transformação de personalidade e hábitos que a maioria dos adeptos afirma ter tido após entrar em contato com tal religião. Eles se dizem transformados e dizem que o uso constante de drogas era devido a um vazio existencial que, ao ser preenchido, gerou uma mudança profunda no modo como viam a vida e a si mesmos. Essa modificação de conduta e de personalidade é percebida pelos familiares, amigos, etc., que passam a ter uma referência positiva da religião como sendo um lugar que possibilita uma transformação nas pessoas. Essa referencia se divulga nas inter-relações sociais, ampliando as proporções. Rabelo (1994:55) acredita que o sucesso de um projeto de cura depende, em larga medida, da existência de redes de relações sociais que o sustentem enquanto discurso dotado de autoridade. Um exemplo disso é o relato do entrevistado "I", que declara que se interessou em conhecer a UDV devido à transformação que ele observou em seu amigo, o entrevistado "F":

> Entrevistado "I":
> - "Teve uma época que eu tava morando em Curitiba, e tinha um amigo meu de nome (*nome do amigo*), a qual antes de ir prá Curitiba a gente saia muito a noite andava muito junto, fazia muita farra, na

> época eu morei um ano e dois meses em Curitiba e quando eu retornei, eu encontrei o (*nome do amigo*) e o (*nome do amigo*) tava com um estilo de vida completamente diferente de quando eu saí de Salvador e fui morar em Curitiba, e isso me chamou atenção. E eu perguntei a (*nome do amigo*) o que tinha feito com que ele tivesse mudado tanto. E ele me falou que tava freqüentando uma religião onde se bebia um chá e me convidou. E eu disse: (*nome do amigo*) eu tô querendo também conhecer, beber esse chá".

Outro exemplo é um fato que aconteceu certa vez, quando eu participava de um Congresso de Ciências Sociais em Recife. Conheci um grupo de pessoas do Rio de Janeiro, através de uma colega de mestrado, que me apresentou a eles como pesquisadora da UDV. Uma das pessoas me perguntou se essa (a UDV) era a religião que curava os "drogados"; outra disse que tinha um amigo que fumava e bebia e que "parou" depois que começou a beber esse chá. Eu achei interessante o fato de nenhum deles nunca ter freqüentado a UDV, mas todos tinham a referência de ser um lugar que possibilita uma "cura" para pessoas dependentes.

Nos últimos anos cientistas de diferentes áreas (psicologia, antropologia, sociologia, medicina, farmacologia, etc.), em diferentes partes do mundo, têm se interessado pelos estudos das substâncias enteógenas no tratamento da dependência de drogas.

Xavier Fernández (2003) ressalta que existem diversos grupos terapêuticos que fazem uso de enteógenos, com o objetivo de proporcionar a cura para tais dependentes, a exemplo do centro Takiwasi, em Taraporto, cidade da Amazônia peruana, que é uma referência nesse tipo de tratamento com a utilização de enteógenos. Este centro funciona desde 1992 e se ocupa da reabilitação de toxicômanos, principalmente cocainômanos indígenas que trabalharam nos laboratórios de fabricação da cocaína. O trabalho do centro sincretiza o conhecimento ancestral dos curandeiros locais com a ciência moderna. O centro facilita uma iniciação na procura de um sentido profundo para a vida, acreditando, assim como os adeptos da UDV (ver os relatos a seguir), que o uso de drogas é uma frustrada aspiração espiritual.

Entrevistado “D”:

- “Foi o problema que eu tinha também dessa busca espiritual através da droga. Porque às vezes tem, como o terapeuta me explicou, às vezes você tem essa busca através disso, disso, dessa, de ser usuário”.

Entrevistado “F”:

- “Eu me sentia como se estivesse buscando algo pela droga, mas ao mesmo tempo depois eu via que com ela eu não conseguia chegar em lugar nenhum, ou seja durante o uso parecia que você ia encontrar alguma coisa, alguma resposta, mas no outro dia você percebia que você não encontrava resposta nenhuma. E eu fiquei fazendo isso durante anos, durante anos, e teve uma hora que cansou. E eu ia ficando cada vez pior também, daí surgiu a necessidade de procurar uma outra busca”.

Entrevistado “I”:

. “(...) No decorrer do meu processo dentro da UDV é que as coisas começaram a clarear e eu entender que a minha inquietação e a minha busca era uma busca espiritual.

Como instrumento de modificação de consciência, o centro Takiwasi emprega principalmente a Ayahuasca. O tratamento dura cerca de oito meses e consta de desintoxicação, reabilitação física contínua com análise médica e tratamentos naturais, saunas com plantas medicinais, massagens, entrevistas terapêuticas, dieta equilibrada e sessões de Ayahuasca uma vez por semana. Os conteúdos psíquicos revelados durante as sessões com a Ayahuasca são trabalhados mais tarde com dinâmicas grupais. Outras técnicas empregadas no centro são: meditação, arte-terapia, respiração holotrópica e expressão corporal. Michel Mabit (1996), médico e responsável pelo centro, afirma que aqueles que conseguem finalizar o tratamento completo têm boas perspectivas de recomeçar uma nova vida.

O Ideaa (Instituto de Etnopsicologia Amazônica Aplicada) é um centro terapêutico que se utiliza de rituais com Ayahuasca para alcançar estados alterados de consciência com fins curativos, principalmente para toxicômanos que desejam se libertar de tal comportamento. Seu propósito é oferecer a oportunidade de realizar um processo de exploração dentro de si mesmo, ampliando os limites da própria percepção e consciência através de técnicas utilizadas tradicionalmente pelos índios amazônicos, através do uso da Ayahuasca. Segundo Villaescusa (2002) as culturas amazônicas

mostram que os conteúdos descobertos durante as incursões psíquicas facilitadas pela Ayahuasca, podem ser convertidos em princípios guiadores, estruturas cognitivas pelas quais realizam intercâmbios em suas próprias vidas.

Este centro também propõe integrar em um mesmo tratamento o saber indígena com técnicas de psicoterapia contemporânea, prática de Yoga e Tai Chi Chuan. Essas práticas juntamente com os trabalhos ritualísticos com Ayahuasca têm um poderoso efeito terapêutico. Os comportamentos compulsivos são substituídos por um estilo de vida mais saudável, aumentando a responsabilidade dos sujeitos sobre suas próprias vidas, o que assegura o sucesso do tratamento.

Para Fernández (2003), não só os grupos terapêuticos, mas também as religiões que fazem uso de enteógenos apresentam considerável sucesso com adeptos em dificuldades com dependência de álcool e drogas. Exemplo disso é que muitos índios norte americanos melhoraram o alcoolismo freqüentando a Igreja Nativa Americana, culto religioso que faz uso do Peyote em suas cerimônias (McClusky, 1997). Muitos adeptos da UDV, Santo Daime e Barquinha, dizem que melhoraram seus problemas com álcool e drogas fazendo o uso da Ayahuasca em rituais religiosos.

Em uma investigação sobre usuários da Ayahuasca no Brasil, o psiquiatra C. Grob (1996), concluiu que 73% dos participantes haviam sofrido de toxicomanias no passado, e que em todos os casos haviam sido completamente curados ao participar regularmente de cerimônias com a Ayahuasca. A partir daí se torna evidente que existe uma relação entre o uso de enteógenos, (no caso estudado a Ayahuasca) e a sua eficiência como facilitadora para o tratamento e cura de dependência de drogas em diferentes contextos: rituais e terapêuticos.

Na UDV, além do efeito catártico e facilitador da substância, existe toda uma doutrina moral de regras de conduta, onde a embriaguês e o uso de drogas são combatidos como algo negativo, que atrapalha a caminhada de evolução espiritual do ser humano:

> "A União do Vegetal condena categoricamente o uso de drogas, bebidas alcoólicas e demais vícios. Considera-os incompatíveis com a evolução espiritual" ("União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos" p.29).

Além de “desaprovar” o uso de bebidas alcoólicas e entorpecentes, a UDV dispõe de sanções coercitivas, presente nos boletins e estatuto, para punir os comportamentos desviantes: “O associado que for encontrado em visível estado de embriaguez será advertido pela Representação, e em caso de reincidência, será punido por desobediência” [32]; “O afastamento será imposto ao sócio que infringir a ordem pública com a prática de roubos, consumo de tóxicos ou transações ilícitas devidamente comprovadas”. [33]

Durkheim (1955) apresentou uma idéia que bem se ajusta a esse tipo de coerção existente na UDV, quando declara que obstáculos são quase sempre enfrentados por quem se aventura a não atender a convenção, a resistir a uma lei, ou a violar uma regra moral.[34] Ele encontrará resistência com os demais membros da sociedade que tentarão impedi-lo utilizando de sanções: advertindo-o ou punindo-o.

O pensamento durkheimiano se ajusta ao que acontece na UDV porque aqueles que não tiverem comportamentos compatíveis com o proposto pela religião são advertidos[35], ou punidos pelo M. Representante, que, amparado pelos boletins e estatuto, dará a pena social. A pena social poderá ser o afastamento do grau hierárquico. (quadro de mestres, corpo do conselho, corpo instrutivo) voltando a ser um sócio “bolso branco”. Poderá ser a suspensão da comunhão do vegetal, na qual o associado fica por um determinado período de tempo, a critério do M. Representante, sem fazer uso do vegetal. E poderá ser também o afastamento do âmbito do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, em que o associado fica impossibilitado de freqüentar sessões, festas, mutirões e outras atividades que se realizem nesse âmbito, conseqüentemente impossibilitado de fazer uso do chá (o tempo do afastamento também é a critério do M. Representante).

Os sócios que querem continuar freqüentando as sessões devem ter um comportamento compatível com o que reza os boletins e estatuto, com a orientação do

---

[32]Idem: Regimento Interno. Artigo 17. P. 61.

[33] Idem: Estatuto. Artigo 58, letra d. P. 42.

[34] A moral para Durkheim é um conjunto de normas de conduta que prescreve como o sujeito deve conduzir-se em determinadas circunstâncias.

[35] As advertências podem ser verbais ou escritas. As advertências escritas e os afastamentos da comunhão do vegetal, do âmbito do CEBUDV, e dos graus hierárquicos quadro de mestres e corpo do conselho são lidas nas sessões de escala, nos núcleos da região ou em todos os núcleos da UDV, a depender do caso.

quadro de mestres e com a doutrina. A obediência dos sócios às leis da UDV acontece por eles acreditarem na autoridade de quem impõe essa ordem, ou seja, por existir uma vigência legítima. Para Weber (1991), a vigência legítima pode ser atribuída a uma ordem, pelos agentes, em virtude de um estatuto existente em cuja legalidade se acredita. Esta legalidade pode ser considerada legítima pelos participantes já que a submissão das pessoas à imposição de uma ordem pressupõe a crença na legitimidade, em algum sentido, da autoridade daquele ou daqueles que impõe essa ordem. A crença neste caso pode ser atribuída ao Mestre Gabriel, ao Mestre Representante, ou aos dois simultaneamente, já que o Representante representa a autoridade do Mestre Gabriel.

Weber (1991), ainda ressalta que a dominação é a probabilidade de encontrar obediência para ordens, dentro de determinado grupo de pessoas. A obediência é um atributo valorizado na UDV. Os discípulos devem ser obedientes a Deus, às coisas corretas, e também às leis da UDV, que são vistas como instruções para levá-los à ordem e à harmonia no convívio no âmbito da UDV.

A dominação exercida pela instituição acontece de forma indireta e direta. Indireta quando os sócios são orientados para que tenham consciência do que devem ou não fazer, através da doutrina, dos conselhos, etc.; e direta quando os sócios agem de forma indevida e os representantes ou autoridades competentes da UDV tomam decisões mais efetivas, exercendo essa dominação através de advertências e punições. Nem todos os advertidos e punidos reconhecem e recebem de bom grado as punições e advertências recebidas, mas normalmente respeitam, pois crêem na sua legitimidade. A dominação repousa principalmente na crença dessa legitimidade.

O que pode se observar é que os três tipos de dominação propostos por Weber (1995) se mesclam de forma que é difícil estipular ou padronizar um tipo puro de dominação que caracterize a exercida na UDV. No caso da dominação baseada em estatutos (dominação legal), obedece-se á ordem impessoal, objetiva e legalmente instituída, em virtude da legalidade formal de suas disposições. Há quem obedeça às leis da UDV, simplesmente por que são leis, pelo medo de ser enquadrado no regulamento e ser suspenso das atividades religiosas. No caso da dominação tradicional, se obedece à pessoa do senhor, nomeado pela tradição e vinculado a esta, em virtude da devoção aos hábitos costumeiros. Há também na UDV quem obedeça às leis por tradição, simplesmente pelo hábito, pelo respeito ao “senhor”, no caso, o Mestre Representante. Já na dominação carismática, se obedece ao líder carismaticamente qualificado como

tal. Neste caso a obediência pode ser ao Mestre Gabriel, já que mesmo desencarnado é considerado um profeta que está presente em espírito, segundo os adeptos da UDV.

O que pude perceber é que os líderes da instituição estimulam os discípulos a obedecer por uma consciência, e não por simples submissão. A consciência de que algo não faz bem, de que é prejudicial para o indivíduo, e ás vezes para o grupo, é a atitude desejável. Compreendendo a "lei do retorno" [36], devemos ter cuidado com a nossa saúde. O consumo de substâncias tóxicas lícitas ou ilícitas é visto como uma "abertura" para o aparecimento de doenças e aflições. Como nem todos desenvolvem essa consciência, e obedecem através da mesma, a dominação é exercida de forma mais direta, o estatuto e a doutrina são claros: os comportamentos desviantes serão punidos com o afastamento.

O que é notável, é que a junção de um psicoativo sagrado, dentro de um contexto religioso que possui uma doutrina efetivamente contrária ao uso meramente recreativo de drogas, tem um efeito transformador nos usuários que declaram terem se sentido melhor e curados da drogadependência após ter freqüentado as sessões da UDV. Além disso, como diz Espinheira:

> "Missas, sessões e outras expressões rituais são orientadas para a cura de doenças e desvios de conduta, a exemplo do alcoolismo, tabagismo ou consumo de outras drogas, no catolicismo, no pentecostalismo, no candomblé, na umbanda, no espiritismo e em outras religiões e cultos praticados no país. Mas, para além dessa articulação como cliente, uma vinculação como adepto numa comunidade religiosa e a adoção de uma identidade religiosa daí decorrente contribuem para um novo ordenamento do individuo em virtude de novas significações das relações que se estabelece com o seu contexto social." (Espinheira, 2005:26).

Tem-se como exemplo as declarações dos entrevistados "A", "B", "D", "F", "H" e "I" que se declaram "curados" da drogadependencia após freqüentar as sessões da UDV:

---

[36] Para os adeptos da UDV a lei do retorno reza que todas as ações praticadas, direcionadas para o bem ou para o mal, voltará um dia para quem as praticou. Por isso é necessário semear coisas boas, ou seja, plantar flores para colher flores.

Entrevistado “A”:

- “Venho melhorando bastante assim... em relação ao consumo de drogas, e outras coisas também em minha vida assim”.
- “Hoje eu me sinto um homem assim que... ser verdadeiro, fazer as coisas corretas, de ter parado de usar drogas... eu me sinto uma pessoa correta assim... andando direito, uma pessoa direita na sociedade e para mim mesmo”.

Entrevistada “B”:

- “(...) eu larguei a maconha né, (...)”.
- (...) eu considero que trouxe uma cura no campo do..., das drogas, (...).

Entrevistado “D”:

- Me auxiliou porque hoje, minha esposa sofria muito também, minha mãe, devido a que eu usava drogas, então isso aí me trouxe um alívio, hoje tá todo mundo numa harmonia em casa, as filhas, minha filha mais velha também teve um problema de drogas onde eu levei ela pra União, e ela também parou, já tem três anos.
- (...) em vista do que eu era em relação ao que eu venho sendo é, assim, maravilhosa, tá sendo assim uma coisa abençoada mesmo.

Entrevistado “F”:

- “Espontaneamente eu deixei de beber, deixei de usar a droga, agora o vegetal ele me mostrou os meus potenciais. Que eu acho que a gente procura a droga porque desconhece. Quando eu conheci os meus potenciais aí ficou mais fácil prá eu perceber e não buscar mais tanta coisa fora como a alegria da bebida, que é fora, a ou como a alegria da droga. Eu me encontrei. Venho me encontrando”.

Entrevistada “H”:

- “(...) eu parei a maconha e a bebida por causa do cigarro, porque eu bebia e dava vontade de fumar um cigarrinho, e a maconha também, então eu parei tudo isso em torno do cigarro. Então assim, não só a UDV me ajudou a parar com tudo isso, mas como também eu mudei a minha mentalidade diante de algumas coisas”.

> Entrevistado “I”:
> - “A UDV foi uma salvação na minha vida. Eu agradeço a UDV, ao Mestre Gabriel pelo momento hoje ao qual eu vivo. A UDV me deu uma condição de vida muito além da que eu pensava que existia (...). A UDV transformou a minha vida prá melhor, me traz hoje uma paz de espírito, eu consegui me libertar das drogas. Eu consegui resgatar minha família, eu consegui resgatar o respeito de minha filha, que na época eu tava perdendo, como pai”.

Nos anos noventa, uma equipe de investigadores de diversos países conduziu em Manaus um estudo piloto para avaliar a diferença entre consumidores e não consumidores da Ayahuasca na União do Vegetal. (Grob, et alii, 2002). Concluíram que beber Ayahuasca nos rituais da UDV servia de terapia para o problema de alcoolismo dos participantes, servindo também de ajuda para outros âmbitos, como um maior sentido e coerência para suas vidas. Eis algumas conclusões “intrigantes” e “inesperadas” que revelam algumas informações sobre o efeito do chá (2002:664):

- Uma percentagem apreciável de usuários de longo tempo com a Ayahuasca terem tido problemas como alcoolismo, depressão ou ansiedade anteriores, “todas as desordens remitiram sem recaídas depois de sua entrada na União do Vegetal” (2002:664).

- A avaliação de personalidade revelou diferenças significativas entre os examinados da UDV e o grupo de controle. Os adeptos da UDV (através dos testes[37]) foram descritos na literatura psiquiátrica como indivíduos “reflexivos, rígidos, leais, estóicos, de temperamento calmo, frugais, ordeiros e persistentes”. (2002:666). E também com “alta desejabilidade social e maturidade emocional”. São indivíduos “confiantes, descontraídos, otimistas, despreocupados, desinibidos, dispostos e energéticos”. Foram identificados traços de “hipertimia, alegria, determinação e confiança elevada em si mesmo”. (2002:666).

- Uma das grandes indicações de que o chá consumido nos rituais da UDV, é inofensivo à saúde, é a seguinte conclusão:

[37] Avaliação de personalidade utilizando o Tridimensional Personality Questionnaire (TPQ) com os examinados da UDV e com o grupo de controle.

> “A presente análise dos dados é, porém, indicação de que o consumo por longo tempo da hoasca, no contexto cerimonial estruturado da União do Vegetal, não parece exercer um efeito tóxico e de deteriorização nas funções neuropsicológicas”. (2002:667).

Labigalini (1998) estudou o uso da Ayahuasca em um contexto religioso (UDV) por ex-dependentes de álcool e concluiu que indivíduos entrevistados não trocaram a dependência ao álcool por outra dependência. Ele evidencia que o uso de ayahuasca que esses indivíduos passam a fazer periodicamente durante os rituais, não possui contornos psicopatológicos de uma compulsão. Para ele esta compulsão também não foi encontrada na relação destes indivíduos com a instituição religiosa, através de seus valores e práticas rituais, e com o grupo.

Essas pesquisas são contribuições importantes para os estudos sobre a Ayahuasca em contextos religiosos. Comprova cientificamente, fatos visíveis aos usuários do chá: que a Ayahuasca, utilizada nos rituais da UDV, é composta por substâncias que não causam efeito tóxico nem danos à saúde.

Capítulo 6. A UDV e a experiência de transformação.

A cura e o alívio das aflições, segundo os adeptos, acontecem por uma transformação no modo de compreender a vida e a si mesmos, e essa mudança se reflete nas atitudes que são reorientadas segundo uma cosmologia udvista. Para Rabelo (1994:47) a passagem da doença à saúde pode vir a corresponder a uma reorientação mais completa do comportamento do "doente", na medida em que transforma a perspectiva pela qual este percebe seu mundo e relaciona-se com os outros; dessa forma o ritual é capaz de (re)orientar a atitude dos seus participantes, tendo efeito "transformativo" nos indivíduos, em que os mesmos são inseridos em um novo contexto de experiência.

> Entrevistado "G":
> Quando a pessoa bebe o vegetal, a burracheira (...), que chega pra gente, que é essa força e essa luz divina, vem na condição de transformar mesmo as pessoas. E eu mesmo em algumas burracheiras eu vi que essa estória da cura, eu vi que às vezes a gente deixa algumas coisas na vida e é como se agente tivesse se curando daquilo. (...). E numa dessas burracheiras a gente pode ver alguma coisa que pode transformar a vida de uma pessoa. Mas sempre procurando tá na caminhada da União do Vegetal com a doutrina e os ensinos do mestre Gabriel. Que é isso que faz que a pessoa transforme.
> - A própria religião, a UDV, quem tá seguindo sente a transformação, mas a transformação mesmo não é a gente que vê, os outros é que vê na gente essa transformação.

A transformação acontece, "mas sempre se deve estar atento para seguir a doutrina e os ensinamentos que é isso que faz com que a pessoa se transforme". A transformação pode ser sentida pelo adepto, mas só é considerada legítima quando pode ser perceptível aos outros. Quando os familiares, a comunidade da UDV, os amigos, e as redes sociais das quais o indivíduo participa reconhecem essa transformação, é que ela pode ser considerada legítima e verdadeira. Daí a referência, fora do âmbito da UDV, que essa é uma religião que pode auxiliar as pessoas no sentido de fornecer um reordenamento das ações de forma que as mesmas aprendem a lidar de forma mais harmoniosa com seus problemas e conflitos, tendo atitudes mais equilibradas, possibilitando um melhor viver em sociedade. Para compreender mais profundamente a

experiência de transformação, alívio e cura, é importante ouvir os adeptos. Como eles se sentiam antes de freqüentar a UDV? E como eles se sentiram depois?

Antes de freqüentar a UDV:

> Entrevistado “A”:
> - “Eu procurava a melhora de minha personalidade e a cura da minha dependência química das drogas”.
>
> Entrevistada “B”:
> - “Eu vivia buscando uma felicidade que nunca chegava. (...) Eu tinha uma relação muito difícil em casa com meus irmãos, com meus pais, e então eu buscava ficar o tempo todo fora de casa. Eu tinha um filho e não tinha uma relação saudável de vida com ele... Não representava essa figura de ser uma mãe (...), eu tava no processo muito forte de vício de cocaína. Álcool era todos os dias. De segunda a segunda Eu era alcoólatra”.
>
> Entrevistado “C”:
> - “Eu vim com um diagnóstico de câncer de próstata que eu descobri (...) aí eu tive que mudar de vida radicalmente. (...) e aí eu estava buscando me curar e coisas que pudessem me auxiliar nessa cura, então enxerguei a União como uma porta também pra me auxiliar nessa cura”.

Então a partir daí temos um panorama de três pessoas: duas com problemas de dependência de “drogas” em um nível que comprometia suas relações sociais e profissionais, uma com um problema físico que é o câncer de próstata. Eram pessoas que se diziam aflitas, ansiosas, com uma sensação de que algo lhes faltava. Sentiam um vazio existencial que procuravam preencher de diversas formas. O encontro com a religião UDV era um modo que eles buscaram para minimizar ou curar seus sofrimentos, buscando alívio ou cura para os respectivos problemas enfrentados.

Depois de freqüentar a UDV:

> Entrevistado “A”:
> - “Hoje eu me sinto um homem assim que... ser verdadeiro, fazer as coisas corretas, de ter parado de usar drogas... eu me sinto uma pessoa correta assim... andando direito, uma pessoa direita na sociedade e para mim mesmo”.
>
> Entrevistada “B”:
> - “Assim, eu ainda procuro a felicidade, claro, mas eu sei que agora eu tô no caminho mais verdadeiro, então, o pouco que eu sou feliz, eu sei que é verdadeiro, então, eu não posso dizer que eu sou uma pessoa feliz porque eu ainda tenho alguns traumas, eu ainda tenho umas coisas que eu ainda tenho que transformar, mas eu sei que eu tô no caminho certo para isso”.
> - “No campo de sentimentos eu considero que trouxe uma cura no campo do..., das drogas, assim também, e no campo dos sentimentos eu venho me curando de algumas coisas, traumas, por exemplo, (...)”.
>
> Entrevistado “C”:
> - “Eu acho que o todo com certeza têm um aspecto curativo,... O aspecto curativo tem, mas também tem uma somatória de fatores eu penso que isso é um dos pilares, e o maior, seguramente o maior pilar, mas tem outras coisas,... Só vou voltar para fazer uma ressalva, que uma pessoa que é fumante, uma pessoa que bebe, uma pessoa que é carnívora, ficar sem fazer isso da noite pro dia é um processo bem difícil... e aí eu que já era uma pessoa ansiosa. Se eu só parasse, como parei, da minha cabeça e não tivesse um amparo, um apoio, então esse amparo, esse apoio essa conformação, isso tudo, essa guarnição eu tenho toda da União do Vegetal, mas é um todo, eu acredito nisso. É um todo”.

Os três participantes afirmam que se sentem melhor depois de terem freqüentado a UDV. Em algum nível conseguiram obter senão tudo, ao menos uma parte daquilo que buscavam. “A” acha que agora está “andando direito na sociedade” (embora alguns meses depois da entrevistas, tenha tido problemas e conflitos no núcleo que o levou a ser afastado da comunhão do vegetal). “B” se diz curada de alguns traumas, e afirma ter resolvido alguns dos seus conflitos internos, tendo superado seus problemas com as drogas. “C” acredita que a religião proporcionou uma conformação, dando-lhe força e

amparo para viabilizar atitudes que facilitariam a cura como parar de comer coisas e fazer coisas que, segundo ele, era prejudicial para a sua saúde, dando-lhe um suporte para enfrentar a doença e buscando meios de curá-la. E assim muitas pessoas dizem se sentirem melhores, dizem que ao entrar em contato com a UDV conseguiram resolver conflitos internos, aliviando ou minimizando situações de sofrimento. Elas declaram ter uma enorme gratidão em poder estar participando das sessões e de serem sócios da UDV, principalmente em virtude dos benefícios que afirmam receber. Os familiares mais próximos dos entrevistados também se dizem extremamente gratos á essa religião, pois a mesma possibilitou um reordenamento na vida dessas pessoas que passaram a ter atitudes mais equilibradas e menos conflituosas consigo mesmo e com os familiares.

Grob, et alii, (2002:665) em pesquisa realizada na UDV revela que os indivíduos que foram submetidos à pesquisa foram bastante enfáticos ao relatarem suas experiências com o Vegetal, destacando as transformações radicais de seus comportamentos. Eles estão convictos de que tiveram força para eliminar a sua raiva crônica, ressentimento e agressividade, assim como adquirir maior autocontrole, responsabilidade com a família e comunidade e realização pessoal através do uso do Vegetal nas cerimônias da UDV.

Para um Mestre da UDV essas transformações acontecem em virtude do encontro do indivíduo com a espiritualidade e também através do encontro com níveis de respostas a questionamentos internos:

> Entrevistado “E”:
> - “Essa transformação acontece, porque eu sinto (...) que as pessoas encontram um sentido pra vida com relação à espiritualidade. Então isso dá pra elas uma segurança e uma confiança na vida e aí acontece a transformação, porque a União preenche um lugar na busca de cada um que chega aqui, que encontra com esse lugar e que segue nessa caminhada de evolução”.
> - “Essa transformação eu acredito que seja pela busca que todos têm, consciente ou não, têm, e quando ele chega nesse lugar, que encontra níveis de respostas pra questões internas, então, essa transformação acontece e a pessoa passa a ter uma satisfação melhor do seu mundo interior, e com isso se sente mais tranqüila, mais confiante”.

O pensamento do mestre “E” se adéqua ao pensamento de Jung que acredita que algumas pessoas se tornam neuróticas por “não encontrarem respostas às questões internas”. Para ele:

> “Vi muitas vezes que os homens ficam neuróticos quando se contentam com respostas insuficientes ou falsas às questões da vida. Procuram situação, casamento, reputação, sucesso exterior e dinheiro; mas permanecem neuróticos e infelizes, mesmo quando atingem o que buscavam. Essas pessoas sofrem, freqüentemente, de uma grande limitação do espírito. Sua vida não tem conteúdo suficiente, não tem sentido. Quando podem expandir-se numa personalidade mais vasta, a neurose em geral cessa (...) Meus pacientes, na sua maioria, não eram crentes, mas pessoas que haviam perdido a fé; eram ovelhas desgarradas que vinham a mim. O crente tem na igreja, ainda hoje, a ocasião de viver os símbolos. (Jung, 2002:128).

Para Jung os processos meramente intelectuais não são eficazes na transformação do ser humano, por não serem capaz de penetrar nas profundezas da estruturas mentais. Carvalho em sua dissertação de Mestrado acredita que:

> “Uma das razões, que possivelmente motiva as pessoas com demanda numinosa a prosseguir nessa jornada, apesar dos desafios, é o anseio por respostas aos questionamentos mais intrigantes a respeito da vida, respostas que a razão parece não ser capaz de oferecer. O descontentamento com argumentos excessivamente racionais pode gerar sofrimento e frustração, pois na atualidade as explicações racionais são as mais abundantes. A busca por explicações mais profundas só é suprida quando se restabelece o contato com o inconsciente e com o mundo espiritual”. (Carvalho, 2005:107).

Uma dos principais questionamentos dessa pesquisa é saber, na visão dos udvistas, a que ou a quem eles atribuem essas transformações de vida. Dentro desse questionamento, foram encontradas algumas respostas que serão examinadas agora. Podemos observar a partir de relatos que os adeptos atribuem suas transformações a cinco fatores: ao querer, ao chá, aos ensinos ou doutrina, ao Mestre Gabriel e as pessoas.

6.1. O querer.

O querer é um passo importante para aqueles que vislumbram uma perspectiva de transformação na UDV:

> Entrevistada “B”:
> - “(...) Tem que ter uma força de vontade. Porque só o chá e a doutrina, se a pessoa não tiver o querer também, não resolve”.
>
> Entrevistado “D”:
> - “(...) Primeiramente a mim mesmo, porque o chá me despertou querer melhorar, então isso foi muito importante (...)”.
>
> Entrevistada “H”:
> - “(...) Então eu atribuo à doutrina aliada a minha vontade, porque a gente não faz nada que a gente não quer, então se eu não quisesse eu não tinha parado de fumar porque tem pessoas que tão na UDV há muito tempo já e também continuam fumando e continuam fazendo outras coisas. Então não é só a doutrina é também a minha vontade. Porque eu queria, mas sozinha eu não tava conseguindo e a UDV me deu a força que eu precisava prá conseguir mesmo”.
>
> Entrevistado “I”:
> - “(...), eu agradeço a mim também que tive força de vontade e querer dentro de mim prá querer me transformar. Eu tive esse querer, mas com o auxílio desse instrumento sagrado que é o chá.

Segundo a doutrina udvista, o querer é uma força poderosa, que existe em todos os seres humanos e permite que os mesmo possam realizar muitas coisas: tanto negativas quanto positivas. É necessário orientar o pensamento no sentido de se querer coisas boas e positivas. O querer se transformar é o primeiro passo na busca de se sentir melhor. Se a pessoa não quiser, não adianta doutrina, não adianta vegetal, não adianta o auxílio das pessoas. Se alguém deseja se curar dos seus problemas com drogas, aflições, “doenças físicas” tem que primeiro querer profundamente essa cura. O querer é como “a força de vontade”, uma disposição interior em ter uma meta, se estimulando e se encorajando sempre para conquistá-la.

6.2. O uso do chá Ayahuasca ou “Vegetal”.

Para os entrevistados, o chá “expande a consciência”, permitindo um contato com uma realidade extra cotidiana, com uma experiência de transcendência onde podem ter acesso a conteúdos desconhecidos até então.

> Entrevistado “A”:
>
> - “O chá abre assim... em mim... abre minha mente para eu ver assim... as coisas como elas são mesmo, as coisas retas da vida, as coisas corretas da vida. O chá me proporciona isso assim, me abre esse caminho para eu chegar nas coisas corretas, certas da vida”.
>
> Entrevistada “B”:
> -“Eu atribuo a minha transformação, primeiro, ao uso do chá, ao chá, a doutrina, que é a palavra que o mestre traz na sessão, (...)”.
>
> Entrevistado “D”:
>
> - “(...) O chá ele desperta, ele me acalma, ele penetra no íntimo do meu sentimento, e me aflora, onde eu posso me ver melhor, ver meus defeitos pra corrigir, ver com mais clareza o que é a família, o que significa ser humano, o que significa o próximo, o que significa Deus, (...), então o chá pra mim é uma coisa maravilhosa”.
>
> Entrevistado “E”:
> - “(...) é uma substância que expande a consciência e traz um contato com o espírito, com o interior de cada um, com a consciência”.
>
> Entrevistado “F”:
> - “(...) E sem dúvida, o que é de maior importância, o que ajudou mais é o chá, o chá Hoasca que a gente comunga e a doutrina deixada pelo o guia que recriou essa religião que é o Mestre Gabriel”.

A capacidade de se ver, de olhar para si próprio e encontrar respostas para as inquietações e indagações humanas facilita o encontro com um sentido para a vida, em especial para as doenças, aflições e angústias, e essas respostas, esse novo sentido,

desperta um querer melhorar, conforta e reordena o indivíduo numa busca de praticar atos e pensamentos que o tornem mais felizes, gerando o que chamo de transformação.

Krupitsky (1997) acredita que uma revisão da literatura sugere que a experiência psicodélica pode ter efeitos benéficos no sentido de contribuir para o processo catártico, estabilizando câmbios psicológicos positivos, favorecendo o crescimento pessoal e a consciência de si mesmo, catalisando insights de problemas existenciais, abarcando horizontes espirituais e harmonizando as relações com o mundo e com outras pessoas.

McKenna, et alii, (2002) declara que:

> "Embora os efeitos salutares de um forte sistema de suporte em grupo e filiação religiosa não possam ser minimizados, não é inconcebível que o uso por longo tempo da hoasca por si mesmo possa ter efeitos positivos e terapêuticos no status psiquiátrico e funcional dos indivíduos". (2002:665).

Isso acontece em virtude da expansão da consciência, provocada pelos efeitos farmacológicos da Ayahuasca, numa experiência ritualística dirigida, em que muitas situações relativas à biografia dos indivíduos, fatos marcantes, problemas na infância, traumas, medos, são acessados de forma que os mesmos entram em contato com tais conteúdos, muitas vezes desconhecidos até então. O set ou o estado psicológico do indivíduo, sua personalidade e as expectativas que possui em torno da substância, e o setting que é o meio físico e sócio cultural onde ocorre o uso da substância, como dito no capítulo anterior, determinam também o caráter da experiência. Estas podem ser transformadoras quando os usuários conseguem "se entregar" e ter uma disposição interior em si ver, em si conhecer na sua totalidade. Em alguns momentos, em que essa entrega á expansão de consciência é limitada pelo adepto, podem acontecer alguns desconfortos já que para alguns, em algumas situações, é difícil acessar determinados conteúdos, principalmente aqueles que causam dor e sofrimento. Então é preciso confiar, "confiar no vegetal", "confiar no Mestre Gabriel", "confiar nos mestres", confiar que se está em uma experiência dirigida por alguém que tem a capacidade de administrar o uso e os efeitos, e isso é ensinado: tem-se que exercitar a entrega, "se entregar a burracheira", ao que ela está querendo mostrar, e confiar, confiar que tudo ficará bem, que as experiências por mais dolorosas e difíceis que possam ser, é sempre para colocar o indivíduo nesse estado de conhecimento de si, a fim de que ele possa

reavaliar sua conduta, seus valores, e transformar aspectos negativos de sua personalidade.

> Entrevistada “H”:
> - “Não é só o chá. Aí é que tá, o chá também, mas não é só isso, porque (...) Eu já tinha bebido o chá no (*local em que bebeu o chá antes de beber na UDV*), mas não tinha conseguido parar de fumar. Eu me questiono sobre isso. O chá em si é uma coisa sagrada, e eu sei que através dele a gente consegue essa clareza prá desejar. O chá me deu essa clareza do que é o cigarro, prá despertar, por que eu mesma tive essa clareza do chá, parei e voltei a fumar, quer dizer, só isso não foi o suficiente só o chá ter me dado essa clareza. Eu tive que realmente querer. Agora o chá claro que ele tem seu papel, até por que a doutrina da UDV é bebendo o chá também, mas eu me questiono se o chá tem uma importância tão grande nesse sentido porque eu bebi o chá, eu bebo esse chá desde que eu tinha oito anos de idade no (*local em que bebeu o chá antes de beber na UDV*), e o chá é o mesmo. Então porque que lá eu não tive essa coisa tão forte que nem eu tive na UDV? Então por isso que eu acho que é o chá, claro, mas também não é o chá sozinho. Então é o chá com a doutrina da UDV, com o exemplo das pessoas da UDV, que isso também cria uma força, um estímulo e um fortalecimento muito grande, pelo menos prá mim”.

A entrevistada “H”, embora afirme que o chá tem seu papel, se questiona se o chá tem uma importância tão grande no processo de transformação dela, pois a mesma já foi adepta de outra religião que também faz uso do chá Ayahuasca e que, segundo a mesma, não foi o suficiente para que ela conseguisse resolver seus conflitos internos, como por exemplo, parar de fumar. Para ela existem outros pontos que estão envolvidos nesse processo de transformação que são mais importantes do que o chá; como a doutrina, o exemplo das pessoas e o querer se transformar.

Para a União do Vegetal o chá Hoasca:

> "(...) é uma dádiva de Deus, um instrumento para acelerar a caminhada evolutiva do homem, devolvendo espiritualidade a uma civilização inebriada pela lógica cientificista.
>
> Mesmo assim, não vê o chá como um fim em si mesmo, mas como um veículo para uma caminhada que exige sacrifícios e renúncias e cuja base é a doutrina de fundamentação cristã, aprofundada pelos ensinamentos transmitidos pelo Mestre Gabriel.
>
> O chá permite, dentro do uso ritualístico ministrado pela União do Vegetal, que o discípulo entre em contato com as vibrações do plano espiritual, com plena clareza de consciência – tudo, naturalmente, dentro da lei do merecimento. Há inclusive casos de pessoas que bebem o chá e sequer sentem os seus efeitos". (“União do Vegetal Hoasca Fundamentos e Objetivos”, p. 34).

6.3. A doutrina.

> Entrevistado “G”:
> - “Eu atribuo essa transformação aos ensinos, a seguir os ensinos da UDV, ao chá, o Marirí com a Chacrona, e isso faz com que a pessoa transforme mesmo”.
>
> Entrevistada “H”:
> - “Olha, eu atribuo (...) ao fator da UDV mesmo, da doutrina da UDV, da estrutura da UDV”, (...). Então, eu acho que a estrutura da UDV e essa doutrina mesmo dita é uma coisa muito importante”.
>
> Entrevistado “K”:
> - “O chá junto com a doutrina. Não dá não Gabriela, uma coisa depende da outra. É uma coisa muito forte. Minha resposta é essa aí minha irmã”

A doutrina da UDV é cristã e reencarnacionistas e crê que os problemas de saúde, ou de qualquer natureza ocorrem pelo merecimento. A “lei do merecimento” reza que somos responsáveis pelas nossas atitudes e temos que responder por elas. As

enfermidades e as aflições são respostas aos atos praticados anteriormente, nessa, ou em outra vida. Através do sofrimento e da busca por atitudes mais elevadas pode-se almejar um merecimento melhor. “quem planta flores colhe flores; mas quem planta espinhos vai colher espinhos.” Esse é um dos eixos principais da doutrina udvista. Os sócios devem ter atenção nos sentimentos, nas palavras e nas ações, no sentido de direcioná-las para o bem a fim de que possam ter um merecimento positivo, ou seja, para que possam merecer coisas boas nessa e em outras vidas.

A doença e a aflição é um sinal de que algo não vai bem. Aqueles que a possuem precisam ter atenção no que está provocando a doença: sentimentos mal resolvidos, frustrações, traumas, vícios, falta de cuidado com a própria saúde são causas atribuídas às enfermidades e que podem desencadear problemas às vezes irreversíveis em uma encarnação. As doenças e aflições estão dessa forma vinculadas a atitudes, pensamentos e sentimentos considerados negativos, É necessária a transformação desse modo de ser, agir, pensar e sentir, para serem merecedores de coisas agradáveis e positivas.

A doença é vista na UDV como algo que o indivíduo tem que passar, sofrer, para aprender alguma coisa que o faça progredir no caminho da evolução espiritual. A mesma também pode acontecer em virtude da desobediência humana: aqueles que não respeitam seus próprios limites estão sujeitos à contraí-las. Sentimentos negativos como ódio, raiva, mágoa, trauma, ressentimento, rancor, “vícios” também podem ser um cenário ideal para o aparecimento de aflições e doenças. Daí a necessidade de “limpar o coração” desse tipo de sentimento a fim de evitar problemas posteriores. Esse sistema de crenças é compartilhado e reafirmado na maioria das sessões que tratam do assunto doença e saúde. A ação, dessa forma, se orienta para a prática do bem consigo mesmo e com o próximo, no sentido de desenvolver valores como o amor, a paz, a alegria, a solidariedade, simplicidade, união, o autocontrole, o domínio dos instintos negativos como ódio, raiva, rancor, inveja, vaidade, orgulho, ciúme, etc. A doutrina também estimula o despertar do querer, querer sempre coisas positivas para si e para o próximo.

6.4. O Mestre Gabriel.

> Entrevistada “J”:
>
> - “Eu atribuo a minha transformação a um guia espiritual chamado Gabriel da Costa”

Algumas pessoas atribuem o alívio, transformação e cura à doutrina e aos ensinamentos da UDV, isto é, a instituição. Apenas uma das pessoas entrevistadas atribui sua transformação diretamente ao Mestre Gabriel. Isso revela que mesmo havendo a rotinização do carisma, ainda existe quem atribua de forma direta a sua transformação, alívio e cura, ao líder carismático da instituição. Tal fato evidencia que o poder carismático do fundador dessa religião estendeu-se para além da sua morte em 1971, permanecendo até hoje entre os adeptos. É válido ressaltar que embora a entrevistada “J” atribua a sua transformação ao Mestre Gabriel, ela não chegou sequer a conhecê-lo, o que demonstra a extensão do seu carisma.

6.5. As pessoas: Relação e ação comunitária.

> Entrevistado “A”:
> - “Eu atribuo minha transformação aos ensinamentos que a União do Vegetal passa, as pessoas, os verdadeiros amigos que eu encontrei lá, os conselheiros, os conselhos que eu recebo das pessoas de lá da convivência mesmo na UDV”.
>
> Entrevistado “D”:
> - “A UDV. As pessoas (...). Os mestres, que dá uma atenção, que tem um cuidado, assim, com todos. Os irmãos também da UDV que dá uma força pra gente quando a gente chega, é bem acolhido (...)”.
>
> Entrevistado “F”:
> - “Eu acho que de todas as pessoas que eu encontrei desde o acaso da pessoa que me, que eu soube da UDV, foi essa pessoa que me levou, a pessoa que me recebeu lá e as pessoas que me receberam durante esse período e as pessoas com quem eu convivi que eu tenho mais afinidade, que me ajudaram muito, que me ouviram muito, que vivenciaram comigo todas as minhas situações difíceis, me ajudaram

> muito, que são as pessoas que fazem parte da direção dessa religião que é a UDV. E sem dúvida, o que é de maior importância, o que ajudou mais é o chá, o chá Hoasca que a gente comunga e a doutrina deixada pelo o guia que recriou essa religião que é o Mestre Gabriel.
>
> Entrevistada “H”:
> - “que eu acho assim que tem os exemplos das pessoas mesmo, não só dos mestres e conselheiros, mas das pessoas mesmo, são pessoas que claro, tem de tudo, mas tem pessoas que são um exemplo prá gente em muitas coisas, (...). E essa estrutura das pessoas irem chegando na UDV e se adequando a isso, se adequando assim adquirindo essa consciência e se modificando é uma coisa que me estimula e me fortalece. Quando eu chego num lugar, é porque antes meu grupo de amigos eram todos maconheiros, quando eu cheguei na UDV não, eram pessoas que até já fumaram e não fumam mais, então é uma coisa que fortalece. Pô se fulano conseguiu eu também vou conseguir”.

Quando se referem às pessoas, os associados falam na solidariedade do grupo. Ao compartilhar o sistema de crenças e valores comuns, os indivíduos passam a se sentir parte integrante do grupo, o que os faz orientar suas ações no sentido comunitário. O quadro de mestres e o corpo do conselho, que é a direção das unidades administrativas, devem ter atitudes compatíveis com os respectivos graus hierárquicos que ocupam na instituição, e essas atitudes são observadas e servem de exemplo para os demais que de forma geral se enquadram no tipo de comportamento esperado. O papel desempenhado pelos mestres é bem exemplificado na concepção de Helman (1994), para quem os líderes religiosos atuam como integradores da sociedade, reafirmando os valores da mesma, funcionando como poderosos agentes de controle e coesão social, podendo punir socialmente os comportamentos desviantes, além de dever ser um exemplo de conduta a ser seguida, orientando o “agir em comunidade”.

O comportamento esperado é o de equilíbrio, solidariedade, amor por si mesmo e pelo semelhante, e nisso estão implícitas outras atitudes como não usar “drogas”, que segundo a doutrina dificulta a evolução espiritual; ter uma boa convivência familiar; cuidar da saúde tendo hábitos de vida saudáveis; se sentir feliz e de bem consigo mesmo; se livrar de sentimentos negativos, etc. Os novos associados vão percebendo o

modo de agir do grupo, e passam a orientar as suas atitudes no sentido de agir com relação ao comportamento de outros indivíduos desse grupo.

A idéia do agir em comunidade foi bem desenvolvida por Max Weber (1991). Para ele o agir em comunidade acontece todas as vezes que a ação humana se refere de maneira subjetivamente provida de sentido ao comportamento de outros homens. Um elemento importante e normal do agir em comunidade é a sua orientação provida de sentido em expectativa de um determinado comportamento (podendo ser real ou pensado como potencialmente possível) por parte dos outros e nas possibilidades calculadas (subjetivamente) para o êxito da própria ação. No caso da UDV, os associados mais recentes orientam a sua ação de acordo com a expectativa do grupo, como se espelhassem naqueles que freqüentam há mais tempo, ou estão "em situação melhor".

> Entrevistado "A":
> - "Eu tive assim algumas pessoas que eu conheci lá de dentro da União do Vegetal que já tinha passado problemas de drogas, com álcool, inclusive tem alguns no quadro de mestre, aí com essas pessoas eu assim... tipo um espelho assim, me espelhei. Um exemplo dessas pessoas assim, que poderia servir para mim".

> Entrevistada "J":
> - "Eu era uma pessoa que bebia muito, fumava, tinha uma vida desgovernada, e na UDV eu comecei a observar as pessoas como conseguiam lidar com isso sem passar pelos mesmos caminhos que eu estava passando e tendo uma vida melhor, mais tranqüila, com menos problemas, e assim eu fui ficando, pois eu comecei a observar nas pessoas essa possibilidade de se melhorar e de se encontrar com o que tava procurando. Uma tranqüilidade na vida, uma paz, um sossego.

A relação comunitária acontece quando as atitudes ou ações repousam no sentimento subjetivo dos participantes de pertencerem (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo (Weber: 1991), e isso enfatiza e fortalece a solidariedade grupal gerando um ciclo que fortalece as relações sociais entre os adeptos possibilitando o desencadeamento de redes sociais, que por sua vez auxilia também a reforçar a solidariedade grupal.

Durkheim (1996) acredita que os rituais religiosos têm grande importância, pois eles aproximam os indivíduos, relembram que eles são membros de um mesmo grupo, multiplicam os contatos entre eles, unem as consciências individuais, tornando-os mais íntimos, e por isso mesmo o conteúdo das consciências muda, ou seja, se transforma.

O fato de a religião servir como fator de agrupamento e coesão social permite aos sócios experimentar o sentimento de pertença, do compartilhamento de crenças e valores comuns, reafirmado e vivificado nos rituais, onde as relações dentro da comunidade são reforçadas e a solidariedade grupal é enfatizada. A vinculação do indivíduo numa comunidade possibilita um reordenamento que facilita e viabiliza a experiências de cura, alívio e transformação.

Este capítulo é um panorama de quais os problemas vivenciados pelos entrevistados, como eles se sentiram após freqüentar as sessões da UDV, como eles concebem suas experiências de alívio, cura e transformação, e a que ou a quem eles atribuem essas transformações. Dessa forma torna-se evidente que existem diversos problemas que afligem o ser humano: medos, ansiedades, dores, doenças, dependência de drogas, etc.. E nos períodos de infortúnio, de sofrimento, é que se inicia a busca por um tratamento, pelo alívio, pela cura, é nesse momento, muitas vezes, que o homem se volta para a busca do sagrado, de uma compreensão melhor e mais clara da vida do por que das coisas, de um sentido para a vida. E as religiões, a UDV, de forma mais específica, tem uma capacidade de lhe dar com esses conflitos de forma eficaz. Seja por fazer o uso de um psicoativo, seja em virtude da solidariedade grupal e do compartilhamento de idéias e crenças comuns, seja por despertar nos seguidores um querer se transformar, seja por uma doutrina que auxilie nesse processo de transformação, seja por todos esses fatores reunidos, esse reencantamento do mundo permite um se sentir melhor, e fornecendo esse novo sentido para a vida.

Peláez (1994) em sua dissertação de mestrado (“No mundo se cura tudo Interpretações sobre a “Cura Espiritual” no Santo Daime”.) examinou, dentre outras coisas, os indicativos da cura espiritual no Santo Daime. Apesar de ter suas particularidades e diferenças doutrinárias, as religiões que fazem o uso da Ayahuasca possuem também pontos em comum. Os indicativos da cura na UDV em muito se assemelha aos indicativos da cura espiritual no Santo Daime. Por isso me utilizei das conclusões de Peláez. Para ela, os indicativos da cura estão:

a) Na mudança na personalidade, em virtude de uma maior consciência nos atos da vida assim como uma maior capacidade autocrítica e uma maior disposição para mudar pensamentos e condutas considerados errados através da autoconfiança e disciplina.

b) Nas mudanças nas relações com o corpo que passa a ser visto como a moradia do espírito e nesse setor se encontra a conscientização do problema das drogas que é visto como uma agressão à sã consciência. A mudança na postura, no jeito de falar, andar e gesticular, sem exaltação, caracterizando um maior equilíbrio emocional.

c) Na moderação com o comer, o falar, sendo mais discretos e moderados nas palavras, ações e hábitos, valorizando o poder do silêncio.

d) Nas mudanças nas relações com a sociedade com o abandono progressivo de alguns eventos sociais[38]. As pessoas quando encontram um verdadeiro sentido para a vida passam a ver alguns eventos como desnecessários e como veículo de desequilíbrio já que muitas vezes são centros de bebida, drogas e apelação sexual; passando a aproveitar o tempo em atividades construtivas, como as atividades profissionais e espirituais.

e) Na interpretação do conceito de trabalho que é realizado com mais dedicação e amor já que é muitas vezes considerado o cumprimento de uma missão, o que muitas vezes torna a vida material mais próspera. Os pilares da UDV são: em primeiro lugar o trabalho, em segundo a família e em terceiro a religião.

f) Na análise pessoal das histórias de vida. Com o objetivo de se aperfeiçoar como ser humano buscando aprender com os erros do passado e através da disciplina exercer um esforço no sentido de ser cada vez melhor, através da paciência da compreensão e do perdão, buscando uma atitude pacífica com relação a si mesmo e aos demais.

g) Nas relações com a natureza no sentido do homem como ser integrante e dependente da mesma. A UDV é uma religião ecológica que se preocupa com a preservação do meio ambiente e busca religar o homem a natureza, principalmente

[38] A UDV não desestimula os adeptos a participarem de eventos sociais desde que se busque freqüentar ambientes onde preferencialmente não haja consumo de bebidas alcoólicas e outros tipos de drogas.

por ser uma religião que depende diretamente dela através do uso das plantas que constituem o chá para garantir sua continuidade.

Os cinco fatores aos quais os adeptos atribuem a sua cura, aqui classificados como o querer; o chá ou vegetal; a doutrina ou os ensinamentos; o Mestre Gabriel, e as pessoas, são categorias que se misturam e se interpenetram. Alguns atribuem a um, a dois desses fatores, a três, a todos eles. De fato que o que fica nítido que a experiência de transformação, alívio e cura na UDV é proporcionada por um conjunto de fatores, que se inicia sem dúvida, pela necessidade humana em buscar no sagrado, a compreensão de determinados fenômenos da vida onde explicação e as respostas não são encontradas nem em si mesmo e nem na ciência. A partir daí se inicia uma procura por algo subjetivo, pela experiência do sagrado, pela busca de níveis de respostas e de uma compreensão do por que determinados tipos de aflições e de sofrimentos acometem o corpo, a mente, o sentimento e o espírito humano.

Considerações Finais.

Para Weber (1979) a humanidade partiu de um universo habitado pelo sagrado, pelo mágico, e chegou a um mundo racionalizado material, manipulado pela técnica e pela ciência. O mundo encantado e mágico dos deuses e mitos foi despovoado, sua magia foi substituída pelo conhecimento cientificista e pelo desenvolvimento de formas de organizações burocratizadas: é o desencantamento do mundo.

> "A crescente intelectualização e racionalização não indicam, portanto, um conhecimento melhor e geral das condições sob as quais vivemos. Significa mais alguma coisa, ou seja o conhecimento ou a crença em que, se quiséssemos, poderíamos ter esse conhecimento a qualquer momento. Significa principalmente, portanto, que não há forças misteriosas incalculáveis, mas que podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. Isso significa que o mundo foi desencantado. Já não precisamos recorrer aos meios mágicos para dominar ou implorar os espíritos (...). Os meios técnicos e os cálculos realizam o serviço. Isto, acima de tudo, é o que significa a intelectualização". (Weber, 1979:165).

> "(...) ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias (...)". (Weber, 1981).

O pensamento de Weber se adéqua no que tem sido observado na presente pesquisa. Realmente o mundo vem se racionalizando e se burocratizando, mas novos profetas surgiram, assim como renasceram velhos pensamentos e idéias, embora com novas roupagens.

A racionalização e burocratização a que Weber se refere também atingiram a esfera religiosa. No caso da União do Vegetal, os poderes "mágicos" e "sobrenaturais" de cura, atribuídos a José Gabriel da Costa (fundador da UDV), seja atuado com Sultão das Matas, seja como o Mestre Gabriel, foi paulatinamente passado á instituição através da rotinização do carisma. Mudou de sentido, racionalizou-se, em virtude de novas necessidades. Adequou-se aos grandes centros urbanos e transformou-se parcialmente, uma vez que rituais de cura não são mais empregados, como na época em que ele

liderava a instituição, a exemplo: o uso dos nove vegetais, e a utilização de plantas e ervas medicinais utilizadas por ele para realizar a cura naqueles que o procurava. Os mestres atuais não se intitulam com tais poderes.

Atualmente, a doutrina potencializada com a burracheira, é que pode trazer de volta o contato com o mágico e com o sobrenatural. Se não diretamente pelas mãos do Mestre Gabriel, pode-se vislumbrar a cura, o alívio e a transformação numa burracheira, nesse estado em que se pode ver a vida sob outra ótica, em uma nova dimensão. Uma dimensão espiritual.

O que tem sido observado na pesquisa, é que a ciência e a intelectualidade muitas vezes não conseguem dar conta de explicar determinados fenômenos, principalmente a origem das dores, aflições, e sofrimentos humanos. Assim como em determinados momentos não consegue, de forma eficiente, aliviar ou curar tais problemas. Parte da humanidade tem buscado nas religiões uma explicação e um consolo para as suas aflições. Isso explica parcialmente o crescimento da UDV, e das demais religiões que fazem ou não uso de psicoativos, é por essa busca de encontrar respostas á questões que a ciência, com todo seu aparato e tecnologia, não consegue explicar.

A possibilidade de ter visões, mirações, de encantar-se com a natureza, com a burracheira, tem fascinado os adeptos da UDV, e despertado o interesse daqueles que ainda não conhecem, mas desejam vivenciar o encontro com o sagrado e esse reencantamento com o mundo.

> "(...) é importante que tenhamos um segredo e a intuição de algo incogniscível. Este mistério dá à vida um tom especial e "numinoso". Quem não teve uma experiência desse tipo perdeu algo de importante". (Jung, 2002:308).

Através desse crescimento no número de adeptos de diversas religiões, e em especial dos adeptos da UDV, nota-se um novo movimento: ao invés de um desencantamento, um reencantamento do mundo: um interesse por explicações sobrenaturais, divinas ou mitológicas, principalmente dos fenômenos que a ciência ou ainda não consegue explicar ou que, embora explicando, não consegue convencer, aliviar ou consolar com as suas explicações. As pessoas com doenças consideradas incuráveis pela ciência, aqueles que se sentem aflitos e infelizes e que não encontram

instituições ligadas á ciência capazes de aliviar e transformar esses sentimentos recorrem aos meios “mágicos” e aos “espíritos” e muitas vezes têm sucesso. Encontram respostas e alívio para os problemas enfrentados. “Os meios técnicos e os cálculos” não realizam determinados tipos de serviços. Então se inicia a busca de outras instituições e métodos para minimizar e aliviar o sofrimento, e aí está o papel das religiões, em especial as que fazem uso de psicoativos: possibilitar ao indivíduo um reencantamento do mundo, um reordenamento de suas ações rumo à transformação dos sentimentos que os afligiam ou que ainda os afligem.

Os adeptos da UDV declaram que essa religião modificou a forma com que encaravam a vida, com que lidavam consigo mesmos e com a sociedade, a ponto de estruturarem suas narrativas em termos de antes e depois de conhecerem a instituição. Esta, por sua vez, embora não faça propagandas e nenhum tipo de investimento para arraigar discípulos, reconhece que o poder do chá Hoasca, consumido nos rituais, associado com uma doutrina dita de forma simples e direta, tem um poder transformador nos indivíduos. Embora não se intitule como uma instituição de cura ou destinada à cura, a UDV tem possibilitado um reordenamento de muitas pessoas que apresentam diversos tipos de problemas, que vão desde as doenças físicas e da matéria aos desequilíbrios de diversas ordens.

As perguntas centrais que motivaram a realização desse trabalho foram:

1- Como acontece a experiência de transformação, alívio e cura para os adeptos da União do Vegetal?
2- A que ou a quem os udvistas atribuem essas transformações?

Com relação à primeira pergunta é evidente que essas experiências são subjetivas, e a busca de objetivá-las e categorizá-las quase sempre é passível de dificuldades. Mas podemos perceber através dos relatos dos entrevistados, um pouco da cosmologia, ou seja, da visão de mundo compartilhada pelos adeptos da UDV, diluídas no decorrer do trabalho. Podemos verificar como essa visão de mundo é interiorizada nos rituais e na convivência social do grupo e como ela é importante no processo de transformação do indivíduo. O abandono de determinados hábitos, considerados nocivos à saúde como o uso de drogas e a libertação de sentimentos negativos como mágoas, ódio, rancor e ressentimentos, conflito com familiares e com a sociedade, têm uma influência direta para essa transformação, alívio ou cura, contribuindo para uma melhor qualidade de vida.

Seria interessante se eu pudesse ter feito uma abordagem a respeito dos itinerários terapêuticos enfrentado pelos entrevistados. Infelizmente, nesse trabalho, não pude me aprofundar nessa questão por uma limitação temporal. Percebi, contudo, que a maioria das pessoas que busca conhecer a UDV, não procura a instituição diretamente para se curar. Pretendem, sim, ter um encontro consigo e com o sagrado. Buscam novas experiências e autoconhecimento, assim como condições para resolverem conflitos internos e descobrir um sentido mais profundo para a existência.

Mesmo assim, como vimos, o tema da cura permeia toda a religião desde a sua origem (lembrem-se que o Mestre Gabriel que se tornou conhecido na sua comunidade pelos trabalhos de cura que realizava). Está presente nas chamadas (Nove Vegetais, Doutor Camalango e Cosme e Damião), sessões (Cosme e Damião) e doutrina. Está presente também nas declarações dos participantes que afirmam suas melhorias com a estadia nessa religião. Aqueles que ainda não se sentem inteiramente curados sentem-se ao menos aliviados da aflição que o problema ou doença os trazia. Eles aparentam ter otimismo e a esperança de modificarem sua conduta para serem merecedores de receber a força da cura. Aprendem também a lidar com o medo da morte de forma mais tranqüila, de modo que a reconhecem como uma passagem para uma nova vida, e não simplesmente como o fim de tudo, o que minimiza consideravelmente a ansiedade principalmente dos portadores de doenças físicas.

Os adeptos acreditam que uso do chá por si só não impulsiona o indivíduo à transformação, ele possibilita o encontro com o sagrado e o acesso a conteúdos inconscientes antes desconhecidos, cabe ao indivíduo transformar-se ou não. Por isso o querer é fundamental. O Vegetal, a doutrina, o auxílio e exemplo das pessoas não farão muito efeito se não houver no interior do indivíduo a busca por se sentir melhor, de sair da situação que gerava desconforto, ou curar-se daquilo que o incomodava.

Significativo também é que a União do Vegetal possui um número considerável de pessoas que apresentavam um quadro de dependência de drogas antes de freqüentar a instituição e que declaram terem sido curados do problema da compulsão. Isso requer uma atenção e um estudo mais detalhado que me proponho fazer posteriormente, no doutorado.

Com relação à segunda pergunta, as repostas estão presente no capítulo seis. Eles atribuem à transformação, alívio e cura a fatores como a doutrina, o chá, o querer se transformar, ao Mestre Gabriel e ao convívio com as pessoas do grupo, ou seja, as

relações que se desenvolvem dentro da comunidade estudada. Vimos que essas categorias se interpenetram de forma que um entrevistado ás vezes atribuía sua melhora a dois ou três desses fatores. É válido ressaltar que essas categorias foram construídas exclusivamente através dos relatos, sem nenhum tipo de indução da minha parte. Pensei na hipótese de encontrar relatos de pessoas que se sentiram curados pela força espiritual de Cosme e Damião ou por uma chamada que traz a "força da cura", mas no grupo de entrevistados isso não aconteceu. Para confirmar essa hipótese seria necessário entrevistar um grupo maior de pessoas, em diversos núcleos, o que não foi possível também em virtude da limitação temporal.

Os profissionais que trabalham na área de saúde reconhecem que a Ayahuasca é eficiente nos casos de dependência de drogas, compulsão e depressão, mas acredito que esses efeitos não estão ligados apenas as propriedades químicas da bebida. Sustento que a participação dos usuários nos rituais, a doutrina escutada e praticada, a convivência com o um grupo que possui crenças e valores comuns, são fatores capazes de reestruturarem os indivíduos modificando significativamente a sua visão de mundo e a sua conduta.

Será que usuários da Ayahuasca descontextualizados de todo e qualquer ritual teriam as mesmas possibilidades de transformação, alívio e cura que aqueles inseridos em contextos rituais? Para responder esse questionamento é necessário que se façam estudos mais completos sobre a Ayahuasca. Esses estudos deveriam abranger diversas áreas do conhecimento, a fim de se ter um panorama mais amplo sobre a relação entre as propriedades químicas da bebida, participação nos rituais e a cura. Também seria interessante a realização de um estudo comparativo, no tocante à questão da cura, entre as três religiões ayahuasqueiras mais conhecidas: A União do Vegetal, o Santo Daime (Alto Santo e Cefluris) e a Barquinha. Seria possível estabelecer uma teoria mais ampla sobre a experiência de transformação, alívio e cura que abarcasse essas três religiões?

Creio ter conseguido responder alguns questionamentos. Outros, porém, permaneceram em aberto, estimulando a mim e a outros cientistas a continuar nesse caminho de superação de paradigmas a fim de ampliar os limites da ciência.

Referências Bibliográficas

ACHTERBERG, J. Imagery in Healing-Shamanism and Modern Medicine. Boston and London, Shambala, 1985.

AMARAL, Leila. Carnaval da Alma: Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ANDRADE, Afrânio Patrocínio. "Contribuições e limites da União do Vegetal para a nova consciência religiosa". *in*: O Uso Ritual da Ayahuasca. Orgs. Labate e Sena, Mercado das Letras. São Paulo, 2002.

BECKER, Haward. Uma Teoria da Ação Coletiva. Capítulo X: Consciência, Poder e Efeito da Droga. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

BENNETT, Linda A. and COOK, Paul W. Jr. Drug Studies, *in*: Medical Antropology Contemporary and Method. Edited by Johnson and Sargent. New York, 1990.

BRISSAC, **Sérgio**. "José Gabriel da Costa: Trajetória de um Brasileiro, Mestre e Autor da União do Vegetal", *in*: O Uso Ritual da Ayahuasca. Orgs. Labate e Sena, Mercado das Letras. São Paulo, 2002.

CARVALHO, José Jorge. "A racionalidade antropológica em face do segredo", *in*: Anuário Antropológico. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1984.

CARVALHO, Tatiana Barbosa. "Em Busca do Encontro. A demanda numinosa no contexto religioso da União do Vegetal". Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC- Rio. Rio de Janeiro, 2005.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL: Hoasca Fundamentos e Objetivos. Brasília, 1989.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. Consolidação das leis. Versão para Quadro de Sócios e Corpo Instrutivo, 2003.

CSORDAS, Thomas J. and KLEINMAN, Arthur. The Therapeutic Process, *in*: Medical Antropology Contemporany Theory and Method. Edited by Jonson and Sargent. New York, 1990.

CSORDAS, Thomas. The sacred self. A cultural phenomenology of charismatic healing. Berkley, Los Angeles, London, University of California Press, 1997.

CSORDAS, Thomas. "The body`s career in anthropology. *In:* Moore, Henrietta (Ed.). Antropological theory today. Polity Press, 2000.

DAMATTA, Roberto. "O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues" in. A Aventura Sociológica; NUNES, Edson São Paulo. Zahar, 1983.

DAMATTA, Roberto. Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. Editora Vozes. Petrópolis, 1987.

DOBKIN DE RIOS, Marlene. Amazon Healer. The life and times of an Urban Shaman. Bridgexport. Prismpress, 1992.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália; tradução Paulo Neves - São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. Quarta edição. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1955.

ELIADE, Mircea. O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase. Martins Fontes. São Paulo, 1998.

EVANS-PRITCHARDS, E. E. "Algumas reminiscencias e reflexões sobre o trabalho de campo". In: Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Zahar. Rio de Janeiro, 1978.

ESCOHOTADO, Antônio. Las Drogas – De los orígenes a la prohibición, Madrid, Alianza Editorial, 1994.

ESPINHEIRA, Gey. Os Limites do Indivíduo: Mal-estar na Racionalidade: os limites do indivíduo na medicina e na religião. Salvador: Fundação Pedro Calmon, Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia, 2005.

FERNÁNDEZ, Xavier. Estados Modificados de Consciencia com Enteógenos em el Tratamiento de las Drogodependências. Revista de Etnopsicologia, 2003.

FRANK, J. Persuasion and Healing - Baltimore e Londres, Johns Hopkins University, 1985.

GENTIL, Lucia Regina Brocanelo e GENTIL, Henrrique Salles. O Uso de Psicoativos em um Contexto Religioso: A União do Vegetal, *in*: O Uso Ritual da Ayahuasca. Orgs. Labate e Sena, Mercado das Letras. São Paulo, 2002.

GOULART, Sandra. "Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da ayahuasca". Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas, Unicamp, 2004.

GOULART, Sandra; **LABATE**, **Beatriz e CARNEIRO, Henrique.** Introdução. *In*: O uso ritual das plantas de poder. Orgs: Labate e Goulart. Mercado das Letras. Campinas, 2005.

GROB, C. **S.** et al**,** Human pharmacology of hoasca. Journal of Nervous and Mental Disease, 1996.

GROB, C. S., **MCKENNA**, D. J., **CALLAWAY**, J. C., **BRITO**, G. S., **ANDRADE**, E. O.,**OBERLAENDER**, G., **SAIDE**, O. L., **LABIGALINI JR**, E., **TACLA**, C., **MIRANDA**, C. T., **STRASSMAN**, R. J., **BOONE**, K. S., **NEVES**, E. S. "Farmacologia Humana da Hoasca: Efeitos Psicológicos." *in*: O Uso Ritual da Ayahuasca. Orgs. Labate e Sena, Mercado das Letras. São Paulo, 2002.

GUIMARÃES, Rafael dos Santos. "Ensaio sobre a cura no contexto de um grupo da barquinha". *In*: http://www.neip.info

GUIMARÃES, Rafael dos Santos. "Ayahuasca e redução do uso abusivo de psicoativos: eficácia terapêutica?". *In*: http://www.neip.info

HAHN, Robert A. Sickness and Healing and Antropological Perspective, New Haven: Yale University Press, 1995.

HARRIS, Bob e JESSE, Robert. Psychoactives and Internet, in Maps Vol IV n. 4, 1994.

HELMAN, **Cecil. G.** Cultura, Saúde e Doença. 2ª Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

IÑIGUEZ, Lupicinio. "Os fundamentos da análise do discurso" e "Prática da análise do discurso" In: Manual de análise do discurso em Ciências Sociais. Org. Lupicinio Iñiguez. Ed. Vozes, Petrópolis, 2004.

JUNG, Carl Gustav. Memórias, Sonhos e Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

KlEINMAN, Arthur. Rethenking Psychiatry from Cultural Category to Personal Experience. New York, 1991.

KlEINMAN, Arthur. Patients and healers in the context of culture. Berkley, University of California Press, 1980.

KRUPITSKY E. **M. and GRINENKO A. Y**. Ketamine Psychedelic Therapy (KPT): A review of the results of ten years of research. J. Psychoative Drugs, 1997.

LABATE, Beatriz Caiuby. A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos. Campinas, SP. Mercado das letras, São Paulo, SP. Fapesp, 2004.

LABIGALINI, Eliseu Junior. "O uso da Ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool – um estudo qualitativo". Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina. São Paulo, 1998.

LAGNESS, **Lewis Leroy.** A História de Vida nas Ciências Antropológicas. Tradução de Heloísa Previdello. São Paulo, EPU, 1973.

LANGDON, E. Jean. A negociação do oculto: xamanismo, família e medicina entre os Siona no contexto pluri-étnico. Trabalho apresentado para o concurso de professor titular na UFSC, 1994.

LANGDON, E. Jean. A doença como experiência: a construção da doença e seu desafio para a prática médica. Antropologia em primeira mão, número 12. UFSC, PPGAS, 1995.

LANGDON, E. Jean. "A tradição narrativa e aprendizagem com yagé (ayahuasca) entre os índios Siona da Colombia". In: O Uso Ritual da Ayahuasca, Orgs. Labate e Sena, Mercado das Letras. São Paulo, 2002.

LAPLANTINE, François. A Antropologia da Doença. Primeira Edição. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1991.

LEACH, E. Ritual. Um Resumo das Diversas teorias Antropológicas do Ritual: *in*: International Encyclopedia of the Social Sciences. Nova Yorque: Free Press/ Macmillam, 1968.

LEARY, T.; **METZNER, R; ALPERT, R.** Psychedelische Erfarungen (orig. 1964). Markt Erlbach, 1993.

LIMA, Vivaldo da Costa. Cosme e Damião. O Culto aos Santos Gêmeos no Brasil e na África. Salvador, Ed. Corrupio, 2005.

MABIT, Michel. Takiwasi: Ayahuasca and Shamanism in Addiction Therapy. MAPS Bulletin 9 (3). Newsletter, 1994.

MABIT, Michel. The Takiwasi Patient`s Journey. MAPS Bulletin 3(6). Newsletter, 1996.

MABIT, Michel. "Produção visionária da ayahuasca no contexto curanderil da Alta Amazônia peruana". *in*: O Uso Ritual da Ayahuasca. Orgs. Labate e Sena, Mercado das Letras. São Paulo, 2002.

MACRAE, Edward. Entre Riscos e Danos. Artigo: A metodologia Qualitativa na Pesquisa Sobre o Uso de Psicoativos. Cooperação Brasil - União Européia, 2002.

MACRAE, Edward. Guiado Pela Lua: Xamanismo e Uso da Ayahuasca no Culto do Santo Daime. São Paulo, 1992.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Coleção Os Pensadores. Ed. Abril. São Paulo, 1976.

MCCLUSKY, J. Native American Church Peyotism and the Treatment of Alcoholism. Maps 7 (4), Newsletter, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. Ed. Hucitec, São Paulo, 1999.

MONTEIRO DA SILVA, Clodomir. O palácio Juramidam – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição. Dissertação de Mestrado em Antropologia Cultural. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

NOGUEIRA, Oracy. Pesquisa Social Introdução ás Suas Técnicas. São Paulo, SP. Companhia Editora Nacional, 1968.

OTT, J. Ayahuasca Analogues: Pangaean Entheogens. Kennewick, WA: Natural Products, 1994.

OTTO, Rudolf. O sagrado. Lisboa: edições 70, 2005.

PELAEZ, Maria Cristina. Santo Daime, Transcedência e Cura. Interpretações Sobre as Possibilidades Terapêuticas da Bebida Ritual *in*: O Uso Ritual da Ayahuasca, Orgs. Labate e Sena, Mercado das Letras. São Paulo, 2002.

PELAEZ, Maria Cristina. "No mundo se cura tudo. Interpretações sobre a "Cura Espiritual" no Santo Daime". Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

PINHEIRO, Odette de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano. Org. Mary Jane Spink. Ed. Cortez, São Paulo, 1999.

RABELO, Miriam Cristina. Religião, Ritual e Cura, *in*: Saúde e Doença Um Olhar Antropológico. Orgs: Paulo Cezar Alves; Maria Cecília de Souza Minayo. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1994.

RABELO, Miriam Cristina e ALVES, Paulo César B. "Significação e Metáforas na Experiência da Enfermidade", *in*: Experiência de Doença e Narrativa. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro, 1999.

RABELO, Miriam Cristina e ALVES, Paulo César B. "Repensando os estudos sobre representações e práticas em saúde/doença". *In*: Antropologia da saúde Traçando identidades e explorando fronteiras. Orgs. Alves, Paulo Cézar e Rabelo, Miriam Cristina. Ed Fiocruz, Rio de Janeiro, 1998

RABELO, Miriam Cristina. **ALVES, Paulo César B e SOUZA, Iara Maria**. "Introdução". *in*: Experiência de Doença e Narrativa. Orgs: RABELO, Miriam Cristina. ALVES, Paulo César B e SOUZA, Iara Maria. Editora Friocruz, Rio de Janeiro, 1999.

RABELO, Miriam Cristina e ALVES, Paulo Cézar. "Corpo, experiência e cultura". *In*: Tecnologias do corpo. Org. Anete Leibing. Ed Nau. Rio de Janeiro, 2004.

RABELO, Miriam Cristina, CUNHA, Litza A. e Schaeppi, Paula B. "Religião, imagens e Experiências de aflição: alguns elementos para reflexão". *in*: Experiência de Doença e Narrativa. Orgs: RABELO, Miriam Cristina. ALVES, Paulo César B e SOUZA, Iara Maria. Editora Friocruz, Rio de Janeiro, 1999.

ROSE, Isabel Santana. "Espiritualidade, terapia e cura: um estudo sobre a expressão da experiência no Santo Daime". Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

RUDGLEY, Richard. "The archaic use of hallucinogens" in Europe: archaeology of altered states. **Addiction** 90, 1995.

.

SAHLINS Marshall. Ilhas de história. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1990.

SAPIR, Edward. Symbols. In: Seligman, Edwin R. A. Encyclopaedia of the Social Science. New York: Macmillan, 1934.

SENA, Araújo Wladimyr. Navegando nas Ondas do Daime: História, Cosmologia e Ritual na Barquinha. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

SHANNON, Benny. "A ayahuasca e o estudo da mente" *in:* O Uso Ritual da Ayahuasca, Orgs. Labate e Sena, Mercado das Letras. São Paulo, 2002.

SHUTLES, R. E. Some impacts of Spruce`s explorations on modern phytochemical research` Rhodora 70, 1968.

SHUTLES, R. E.. "An overview of hallucinogens in the Western hemisphere" em Flesh of Gods: the Ritual Use of Hallucinogens, de FURST, P. Ed Preager, New York, 1972.

SOARES, Luíz Eduardo. "O Santo Daime no context da nova consciência religiosa" *in:* Cadernos do ISER, Sinais dos tempos. Diversidade religiosa no Brasil. Rio de Janeiro, ISER n. 23, 1990.

TAUSSIG, Michael. "Reification and the Consciousness of the Patient", Social Science and Medicine, 14B, 1980.

TAUSSIG, Michael. Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1993.

TURNER, Victor. Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu. Tradução Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Editora da Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2005.

TURNER, Victor. The Ritual Process. Harmoddsworth: Pequin, 1974.

VILLAESCUSA, Manoel. Proyecto Ideea: terapia integrativa de sustâncias visionarias y disciplinas psicoespirituales em El tratamiento de toxicomanias. S. D.

WASSON, **R. Gordon**; **HOFMANN, Albert; y RUCK, Carl A. P.** El Camino a Eleusis. Uma Solucion al Enigma de los Mistérios. Fondo de Cultura Econômica. México, 1980.

WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais. Parte 1. Tradução de Augustin Wernet. São Paulo, Cortez, Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais. Parte 2. Tradução de Augustin Wernet. São Paulo, Cortez, Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1982.

WEBER, Max. A Ciência como Vocação. In GERTH, Hans; MILLS, Wright Ensaios de Sociologia. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro. Zahar, 1979.

WEBER, Max. Economia e Sociedade. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 1991.